Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio <<de>>,

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 11

Lisboa (1788)

Port. 36 m-11
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020071-6

Port. 36m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO UNDECIMO.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS,
OFFERECIDA
Á RAINHA NOSSA SENHORA
D. MARIA I.
POR
DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO XI.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1788.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XL.

CAPITULO I. *Escreve-se a grande Embaixada, que El-Rei D. Manoel mandou ao Papa Leaõ X. com hum presente brilhante, e magnifico.* 1
- - II. *Descrevem-se os Estados do chamado Preste Joaõ da Ethiopia, e a Embaixada, que elle mandou a El-Rei D. Manoel.* . . 13
- - III. *Trata-se das dispozições, e viagem de Affonso de Albuquerque a Ormuz com tudo o que succedeo a respeito desta expediçaõ.* . . . 27
- - IV. *Do mais que fez o Albuquerque em Ormuz, com o resto das suas acções até ao fim da vida.* 40
- - V. *Das ultimas acções, e mórte do Grande Affonso de Albuquerque.* 53
- - VI. *Trataõ-se os successos de Africa neste anno de 1515.* . 64
- - VII. *Principiaõ os successos do anno de 1516 na Europa, e na India.* 79
- - VIII. *Conclue-se com os successos de*

Afri-

Africa, e se continúa com os da India. . . . 94

LIVRO XLI.

CAP. I. *O Governador Lopo Soares de Albergaria parte com huma Armada numerosa a buscar a do Soldaõ do Egypto, e o que lhe succede nesta viagem.* . . . 108

- - II *Origem, e successos da guerra do Hidalcaõ contra Goa, e outros acontecimentos deste anno de* 1517. 122

- - III. *Successos de Africa neste anno de* 1517, *e continuaçaõ dos da India no mesmo anno.* . . 132

- - IV. *Trata-se do Imperio da China, da sua Religiaõ, Leis, e Costumes.* 147

- - V. *Continuaõ os successos da India, e Africa até ao fim do anno de* 1517, *e principio do de* 1518. 162

- - VI. *Das impressões, que fizeraõ na Corte as idéas do terceiro casamento del Rei D. Manoel, quando se entendia que elle abdicava o Reino a favor do Principe D. Joaõ, seu filho.* 176

CAP. VII. *Da grande Armada, que no anno de 1519 partio para a India, e do que obrou Fernaõ de Magalhães desgostado com El-Rei.* . 189

LIVRO XLII.

CAP. I. *Dos successos de Africa neste anno de 1519.* . . 204

- - II. *Trataõ-se os successos da India no anno de 1520, e alguns de Africa pelo mesmo tempo.* . . 217

- - III. *Continuaõ os successos de Africa, e os da India no anno, que tratamos.* . . . 232

- - IV. *Da revoluçaõ, que causou a mórte do Imperador Maximiliano I., e de alguns successos de Africa.* 247

- - V. *Trataõ-se os successos da India no anno de 1521.* . 257

- - VI. *Successos de Africa; mórte de Abentafut; exaltaçaõ dos Xerifes, e ultimo Governador nomeado por El-Rei D. Manoel para a India.* 270

- - VII. *Ultimos successos da India no tempo del Rei D. Manoel.* 283

CAP.

CAP. VIII. *Da morte del Rei D. Manoel, deſcripçaõ do ſeu caracter, e qualidades, mercês, e fundações, que fez.* 294

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XL.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Eſcreve-ſe a grande Embaixada, que El-Rei D. Manoel mandou ao Papa Leaõ X. com hum preſente brilhante, e magnifico.

SE nós atégora temos viſto admirado ao Mundo todo pela magnanimidade das emprezas do Grande Rei D. Manoel de Portugal; agora ouviremos as admirações da ſua Cabeça Roma pelos Era vulg. 1514

Era vulg. los effeitos da magnificencia do meſmo Principe em huma Embaixada, que ſe equivocou com os triunfos mageſtoſos dos antigos Ceſares. Só D. Manoel no Occidente era ſenhor das producções, da riqueza, dos theſouros da Aſia: premios bem merecidos, com que o Ceo remunerava o zelo ardente do Monarca, que á cuſta de tantos trabalhos, fadigas, e deſpezas fazia conhecido o Nome do verdadeiro Deos em toda a terra. A meſma maõ aberta, que enche de bençãos a todo o homem, inſpirou com toques brandos a El-Rei D. Manoel, que as primicias de tantas precioſidades elle as devia pagar á Eſpoſa do Cordeiro, que no Campo de Ourique promettêra a D. Affonſo Henriques a colheita copioſa, de que elle recolhia as abundancias.

Com eſte conhecimento, e para Conductor das meſmas primicias, que determinava offerecer á Igreja Santa na peſſoa do ſeu Chéfe viſivel o Papa Leaõ X., nomeou o grande Rei por ſeu Embaixador a Triſtaõ da Cunha, que além da recommendaçaõ do ſeu naſcimento illuſ-

lustre, hia condecorado com o cara- cter de hum dos nossos Heróes da India; por seus adjuntos Diogo Pacheco, Joaõ de Faria, e por Secretario Garcia de Resende. Acompanháraõ aos Embaixadores Nicoláo de Faria, Estribeiro del Rei, que levava cousas respectivas ao seu officio, entre ellas o elefante, o cavallo Persico com a onça de montaria: os tres filhos do Embaixador, Nuno da Cunha, que depois foi Governador da India, Simaõ, e Pedro da Cunha: huma familia numerosa, e taõ brilhante, que arrastava o que mais havia de precioso nas quatro partes do Mundo. Era vulg.

Foi o desembarque do apparato luminoso nas praias de Sena, que se se lembrasse entaõ das suas antiguidades, equivocaria os semblantes dos Embaixadores Portuguezes com a face dos Consules Romanos. Rompendo pelos caminhos concursos numerosos, que deixavaõ hermas as Cidades, e Villas, naõ só para observarem a grandeza Lusitana, mas para verem passear domesticos por Italia os brutos ferozes da

Era vulg. Aſia, Triſtaõ da Cunha chegou a Roma. Fez a ſua entrada a doze de Março, que entaõ lembrou correſponder a outro ſemelhante dia do meſmo mez, em que Vaſco da Gama entrára em Melinde. Aviſavaõ da marcha inſtrumentos ſonoros, trombetas, e trompas concordes, que a precediaõ. Logo ſe ſeguiaõ o cavallo Perſico, que ao de Portugal mandára o Rei de Ormuz, e levava nas ancas a onça caçadora; o elefante mandado por hum Indio ſoberbamente veſtido, e carregado com hum grande Cofre, que fechava o preſente, coberto o bruto de hum panno de ouro com as Armas Reaes, que arraſtava pela terra.

Junto ao elefante hia montado em hum cavallo generoſo, com todos os ſeus jaezes de ouro maciço, Nicoláo de Faria: logo o Secretario com luzimento correſpondente; todos os Fidalgos magnificamente brilhantes, e fazendo-lhes a reta-guarda o Rei de Armas de Portugal, que levava o Eſcudo das Reaes. No meio de Diogo Pacheco, e de Joaõ de Faria marchava o Embaixador

Triſ-

Triſtaõ da Cunha, ſem que nas peſ- Era vulg.
ſoas, e nos cavallos, em que hiaõ montados, ſe viſſe mais que ouro, diamantes, pedras precioſas, raios das muitas luzes do Oriente. Entre tantas equivocações de grandeza, ninguem ſe enganava, com que o centro della era Triſtaõ da Cunha. As Familias numeroſas coroavaõ toda a comitiva, que neſta ordem chegou aos muros de Roma, aonde os criados dos Cardeaes a eſperavaõ.

Diante deſtes eſtavaõ nos ſeus lugares reſpectivos, confórme a ordem das ſuas precedencias, os Embaixadores do Imperio, de França, de Caſtella, de Inglaterra, de Polonia; os de Milaõ, de Veneza, de Luca, e com elles o Governador de Roma, e o Duque de Barre, irmaõ do de Milaõ. Quando chegáraõ a elles os noſſos Miniſtros, aos lados de Triſtaõ da Cunha ſe pozéraõ o Governador de Roma, e o Duque de Barre: aos de Diogo Pacheco o Embaixador do Imperio, e o Biſpo de Nicoſia: aos de Joaõ de Faria o Embaixador de França, e o Biſpo de Napo-

Era vulg. poles. Seguiaõ-se depois na sua ordem os mais Embaixadores, e todos os Prelados. Á entrada da pórta da Cidade o seu Governador lhes fez em nome do Papa huma falla eloquente em louvor do grande Rei D. Manoel, a que os nossos Embaixadores respondêraõ no tom pathetico, que pedia a dignidade, que representavaõ. O estrondo de infinitos instrumentos feria os ouvidos; o concurso immenso era lisonja dos olhos, naõ havendo forças, que movessem a gente para franquear a passagem.

O Papa, que da sua parte fazia huma estimaçaõ singular das qualidades del Rei, especialmente do seu zelo pela propagaçaõ da Fé, naõ só ordenou á sua Guarda, que estivesse sobre as armas á porta de Roma, quando o Embaixador chegasse; mas quiz authorisar a entrada com a assistencia da sua Pessoa no Castello de Santo Angelo. O elefante obediente á voz do seu conductor, fez tres reverencias profundas com os joelhos em terra apenas avistou o Papa, naõ sem grande admiraçaõ dos circunstantes, e depois maior do nosso

Ma-

Manoel de Faria, que sentenceia por Era vulg.
mais que brutos aos mortaes, que negaõ ao Papa os rendimentos, que prostrado lhe rendeo hum bruto. Depois sorvendo na tromba cópia de agua, que tinhaõ prevenida em hum grande vaso, salpicou aos Cardeaes, ás pessoas que estavaõ nas mais altas janellas, e sobre o Povo descarregou chuva abundandante. Para se despedir levantou os olhos ao Papa, e fazendo-lhe outra cortezia profunda, seguio a sua marcha.

No dia seguinte tiveraõ os Embaixadores a primeira audiencia, em que apresentáraõ as suas Cartas Credenciaes ao Santo Padre. No dia terceiro foi o elefante com a mesma pompa levar o presente a Belveder, aonde se abrio o cofre, e apparecêraõ as vestiduras sagradas para os Ministros, que occupa hum Pontifical do Papa. Ellas eraõ tecidas de ouro, que naõ se deixava vêr pelo cobrir multidaõ innumeravel de pedras preciosas mettidas com artificio admiravel. Em todas as mais peças era tal a oppulencia, que Roma naõ soube avaliar o preço deste presente, que

ad-

Era vulg. admirou a todos, como o confessou o Embaixador do Imperio na carta, que escreveo a seu Amo, e que copiáraõ Manoel de Faria na Europa Portugueza, e Damiaõ de Goes na Chronica del Rei D. Manoel.

Depois communicou Tristaõ da Cunha ao Papa os seus Officios, que continhaõ os rógos efficazes, com que o Rei D. Manoel lhe pedia: Que para glória de Deos, e explendor da Santa Séde se convocasse hum Concilio para reformar os abusos introduzidos no Cléro, que vivia na relaxaçaõ, no escandalo, tibio na Religiaõ, com pouco fervor nos ministerios santos do Altar: Que applicasse a sua efficacia paternal, para que os Principes da Europa depozessem os odios, embainhassem as espadas, e unidos em caridade fizessem a guerra aos inimigos do Crucificado. A situaçaõ crítica dos tempos naõ deo lugar para serem attendidas estas duas demandas taõ justas. Continuáraõ as mais, que pedia o Rei aconselhado, e eraõ: Que o terço, e as décimas das rendas destinadas para a sus-

ſuſtentaçaõ dos Eccleſiaſticos, e decencia do Culto Divino, foſſem applicadas para os gaſtos da guerra de Africa: Que ſe fizeſſe hum deſmembramento nas rendas das Abbadias, das Religiões, das Irmandades para com ellas ſe pagarem os ſoldos ás trópas, que ſerviſſem contra os Infiéis: Que ſe concedeſſem Indulgencias a todos os zeloſos, que concorreſſem para o meſmo objecto da guerra ſanta, remunerando-lhes a liberdade, com que deſpendeſſem os bens caducos, as graças eſpirituaes, que os fariaõ ricos na Eternidade. Era vulg

Eſtas poſtulações foraõ facilmente concedidas por huma Bulla, com que Triſtaõ da Cunha, havida audiencia de deſpedida, voltou para Portugal. Entaõ fallárao as linguas, e eſcrevêraõ as pennas, entre ellas bem aparada a de D. Jeronymo Oſorio, que naõ tinha dúvida haverem os Papas concedido graças ſemelhantes aos Reis de Caſtella D. Affonſo IX., D. Affonſo XI., e aos Catholicos Fernando, e Iſabel; mas que naõ obſtante ſerem as ditas graças concedidas para a expulſaõ

Era vulg. dos Mouros de Heſpanha, ellas encontráraõ mais cenſores, que partidarios. Que com politica bem oppoſta ſe tinhaõ conduzido os Reis de Portugal D. Affonſo Henriques, ſenhor de hum punhado de terra calcado pelos Mouros; ſeu Filho D. Sancho para a expediçaõ glorioſa de Andaluzia; D. Joaõ I. para hum gaſto taõ avultado, como fez na conquiſta de Ceuta; D. Affonſo V. para as ſuas viagens de Africa, em que tomou Arzila, Alcacer Ceguer, e Tangere; D. Joaõ II. que no meſmo continente ſe aſſignalou em guerras glorioſas, ſem que algum delles, incomparavelmente menos ricos, que D. Manoel, uſaſſe, nem ſe valeſſe de expedientes ſemelhantes.

Tomou mais corpo a murmuraçaõ, quando ſe fez público, que pela ſollicitaçaõ do Embaixador, ſe lançára na Bulla huma clauſula, que deixava ao arbitrio do Rei deſtribuir os productos da conceſſaõ, e que em lugar de os applicar ás peſſoas para quem foraõ pedidos, o poderia fazer ás que bem lhe pareceſſe, de qualquer condiçaõ, que el-

ellas fossem. Entaõ se disse, que da parte do Papa houvera tanto de facilidade, como de duplicidade da do Embaixador, que nesta occasiaõ foi reputado, e incluido no número das gentes interessadas, que esperaõ recompensas em premio das suas negociações. Entaõ se queixou a Nobreza de haver esgotado o fundo das suas heranças no serviço, sem ser participante das sommas, que se concedêraõ para ella; sentida de vêr a industria com preferencia ao merecimento. Queixas taõ geraes chegáraõ aos ouvidos do Rei pio, que fez saber ao Cléro, Abbadias, e Religiões, como elle tinha a graça do terço, e dizimos por naõ concedida. Estes córpos agradecidos a tanta beneficencia, se fintáraõ em hum donativo de 150⸿000 cruzados, que offerecêraõ a El-Rei em justo reconhecimento. Está vulg.

Das Indulgencias, que a piedade impetrára com intençaõ santa para hum fim catholico, se fez depois o abuso mais indigno. Tanto que ellas foraõ destribuidas, a maior parte das pessoas a quem se concedêraõ, com commer-

cio

Era vulg. cio abominavel as punhaõ quaſi em leilaõ a quem mais dava. Hum eſcandalo deſta natureza naõ podia ſubſiſtir em chegando a ſua noticia aos ouvidos do Monarca, que com ordens rigoroſas, e caſtigos ſevéros moderou a impiedade dos mercadores infames, mandando-os reſtituir as ſommas ſimoniacas, que elles haviaõ extorquido da ſimplicidade dos Fiéis facilmente crédulos por exceſſivamente piedoſas.

Como para a execuçaõ da Bulla viéra Antonio Pucio a Portugal com o caracter de Nuncio Legado a Latere, e a reſpeito do Clero tudo eſtava ſuſpenſo; ſó ſe cuidou em regular o que pertencia ás Abbadias, e Moſteiros. El-Rei com elle taixáraõ huma ſomma certa, que eſtes haviaõ pagar para o entretenimento dos ſoldados, que chamavaõ de Jeſus Chriſto. Se eſte regulamento foſſe executado conforme as intenções do Principe, certamente naõ haveriaõ queixoſos, antes ſe fariaõ as pagas com tanto de ſinceridade, como de zelo. Porém as extorsões dos cobradores foraõ tantas, na colheita

dos

dos fructos os tomavaõ por preços taõ baixos, que naõ deixando de que viver aos Abbades, elles desamparavaõ as Igrejas. El-Rei, sempre attento a evitar a iniquidade, ordenou entaõ que as Igrejas do Padroado contribuissem para completar a somma arbitrada: mandando lavrar hum processo, que fez o Bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro, que para isso foi deputado pelo Papa: processo, que com todas as mais escrituras respectivas ao mesmo negocio, se guardou no cartorio do Convento de Tomar. Era vulg.

CAPITULO II.

Descrevem-se os Estados do chamado Preste Joaõ da Ethiopia, e a Embaixada, que elle mandou a El-Rei D. Manoel.

JÁ nós dissemos como Affonso de Albuquerque recebêra na India a Mattheus, Embaixador que o Preste Joaõ mandava a Lisboa, para onde embarcou em Janeiro deste anno na náo, de

que

Erá vulg. que era Capitaõ Bernardim Freire. Antes que nós démos noticia desta Embaixada, sendo tantas as diligencias, que os Reis D. Joaõ II., e D. Manoel fizéraõ para terem conhecimento, e estabelecerem trato com este chamado Preste Joaõ das Indias, naõ he estranho ao nosso assumpto dizer alguma cousa a respeito da sua pessoa, e Estados, hoje com melhor averiguaçaõ do que o fizéraõ alguns dos nossos Chronistas.

Damiaõ de Goes confundio o Imperio do Preste Joaõ com o mesmo dos Abexins, e com o seu exemplo abrio caminho á outros Historiadores para pôrem os pés nos mesmos vestigios. Entre os Modernos porém, Otaõ de Frisia diz na sua Chronica, que o Preste Joaõ reinava entre os Tartaros por huma vasta extensaõ de Paiz, e que elle soubéra de hum Bispo Armenio, como os seus nacionaes haviaõ mandado huma Deputaçaõ ao Papa pelos annos de 1145. Paulo de Veneza affirma, que o Imperio do Preste Joaõ era totalmente separado do da Abyssinia,

e

e que acabando-se a varonía daquelles Principes, os Cams da Tartaria casavaõ as filhas com os parentes, que delles ficáraõ. Era vulg.

Tambem assegura o primeiro destes Authores, que certo Principe chamado Joaõ, que com o nome de Christaõ era Secretario de Nestorio, elle se ordenára de Presbytero, e fizéra Rei nos Estados, que tinhaõ a sua situaçaõ nas extremidades do Oriente: que declarára a guerra aos Reis da Media, e da Persia, tomando a Cidade de Tauris: que depois houvera entre elles huma batalha, que durára tres dias; mas que naõ obstante ser vencida pelo Preste Joaõ, ella lhe custára cáro; porque os Tartaros, ligando-se contra elle, fundáraõ hum Imperio sobre as ruinas do Principe vencido.

Ao contrario o da Abyssinia tinha sido antes muito maior, que no tempo do Rei D. Manoel, e a sua situaçaõ totalmente distincta. Os Arabes, os Turcos, e outros Póvos da Ethiopia se fizéraõ senhores de Estados consideraveis, que se comprehendiaõ debaixo do

no-

Era vulg. nome de Imperio da Abyssinia. Antes confinava elle ao Nórte com o Egypto; ao Sul com os Montes da Lua, e pela parte do Oriente se estendia até ao golfo Persico, donde corria até ao porto de Suéz. Em quanto aos seus Monarcas, a origem remota, que lhes daõ, se embaraça com milhares de fabulas. Os nomes, com que os Abexins os destinguiaõ, eraõ o de Bel, ou Belulgiaõ, que queriaõ dizer Principe poderoso, ou o de Grande Neguz, que valia tanto como Imperador. Em quanto á Religiaõ, elles antigamente professavaõ o Judaismo, em que se diz os instruíra a Rainha Saba, que se chamou Macqueda, quando voltou da visita, que fez a Salomaõ em Jerusalem. Depois seguíraõ o Christianismo, em que os instruio Candace, a sua memoravel Rainha, que se reduzio ás persuações do Eunuco, que foi bautisado pelo Apostolo S. Filippe.

Os Sacerdotes Abexins soubéraõ adquirir huma authoridade summa sobre os póvos, mesmo sobre os Reis, que consentiaõ parecer, que até as suas vidas

das

das dependiaõ delles. Sendo-lhes o matrimonio permittido, estes Padres se subtrahem á communicaçaõ com as mulheres, quando tem de tratar as cousas santas. No estado de viuvos naõ pódem tornar a casar, e guardaõ nelle castidade edificante. Ha entre elles Monges, que fazem huma vida toda de austeridade na fórma do Instituto do grande Abbade do Egypto Santo Antonio; e elegem o seu primeiro Prelado por pluralidade de votos, que appresentaõ ao Patriaca de Alexandria para o approvar. Era vulgà

Elles circuncisaõ os mininos ao oitavo dia de nascidos, e quarenta depois os baptisaõ. Para as mininas tambem inventáraõ huma fórma de circuncisaõ sessenta dias antes do baptismo. Naõ celebraõ o Sacrificio da Missa, senaõ aos Sabbados, e Domingos, em que daõ a communhaõ aos leigos. Á vista dos Altares os Abexins tremem de respeito; entraõ nos Templos descalços, aonde naõ fallaõ huma só palavra, occupados, e como extacticos na contemplaçaõ dos Mysterios Divi-

Era vulg. nos. O ſeu jejum he taõ rigoroſo, que muitas vezes paſſaõ o dia ſem comer, e quando o fazem he huma ſó vez com parcimonia grande depois de ſer noite. Nas ſuas neceſſidades invocaõ a protecçaõ dos Santos, que elegem por ſeus Patronos: tudo diſpoſições felices, que contribuíraõ para os Miſſionarios mandados pelo Rei D. Manoel metterem aos Abexins no número dos verdadeiros Fiéis.

Pelo que reſpeita a outras qualidades deſtes Eſtados, elles ſaõ montuoſos; mas ſobre as montanhas ha humas planicies muito ferteis, dilatadas, e agradaveis. Nos planos ſe criaõ cavallos, e gados em grande número; daõ tres fructos no anno; mas tendo vinhas excellentes, os vinhos na fermentaçaõ ſe corrompem, e elles lhe ſupprem a falta com hum hidromel agradavel ao goſto. O trato com os Portuguezes os fez depôr a preguiça, applicar-ſe a Agricultura, e recolhêrem immenſos os fructos, que antes produzia a terra em menos cópia por força da ſua fecundidade natural. Naõ ſabendo elles nada de Meta-

talurgia, tambem aprendêraõ dos Portuguezes o uſo dos metaes, e a forjar armas de fogo, de que ſe ſerviaõ na guerra. O Rei, e a Corte aſſiſtem em Tendas de campanha taõ bem arruadas, que fazem a Cidade ambulante agradavelmente viſtoſa. Era vulg.

Quando El-Rei D. Manoel ſubio ao Throno de Portugal occupava o do Imperio da Abyſſinia Nahu, Pai de David, que lhe ſuccedeo em 1507 debaixo da Tutoria de ſua Avó a Rainha Helena. Ella, e ſeu neto mandáraõ a Lisboa eſte Embaixador Mattheus, de quem vamos a fallar. Elle invernou em Moçambique, aonde os Capitães Bernardim Freire, e Franciſco Pereira Peſtana, ambos Fidalgos de conhecida qualidade, e valor, o tratáraõ com tantas indecencias, que ellas naõ ſó eraõ indignas de ſe uſar com hum Miniſtro público, mas nem ainda com qualquer baixo Eſtrangeiro, que eſtiveſſe munido com a fé da hoſpitalidade. Entaõ ſoffreo tudo com paciencia de edificar o catholico Embaixador; mas em Lisboa, apenas acabou de ſau-

Era vulg. dar ao Rei, lhe fez a ſaber as injúrias, que recebêra dos ſeus Officiaes, e elle gradualmente foi ſobindo, até as imprimir na face do Imperador ſeu Amo.

El-Rei ſenſivel á repreſentação, tomou parte no reſentimento do Miniſtro: parecia-lhe, que já os outros Soberanos ſe queixavaõ deſta rotura do Direito das Gentes; e para dar hum exemplo de ſeveridade em materia taõ delicada, mandou metter aos dous Officiaes em priſaõ rigoroſa. O Embaixador politico, que ſoube ponderar as conſequencias funeſtas, que ella podia produzir, eſqueceo os aggravos, deo uſo á magnanimidade, inſtou, pedio, intercedeo a El-Rei pela ſoltura dos preſos; que no caſo ſe pozeſſe perpetuo ſilencio; que elle eſtava completamente ſatisfeito. El-Rei lhe differio na fórma, que requería, e as gentes ſe admiráraõ, de que hum homem de Africa aſſim ſoubeſſe requerer.

Para Introductores deſte Embaixador, que havia ter audiencia tres dias depois da ſua chegada, nomeou El-Rei a D. Pedro Vaz, Biſpo da Guarda, e

a D. Martinho de Caſtello-Branco, Conde de Villa Nova, com outros muitos Fidalgos, que fizeſſem a acçaõ luſtroſa. Quando elle entrou na ſala o Rei ſe levantou da cadeira, deo alguns paſſos de alvoroço, e com extremo agrado o tomou nos braços. Mattheus recebeo tanta honra com o meſmo reſpeito profundo, com que lhe entregou as cartas de David, e Helena, eſcritas nas linguas Araba, e Perſica, fechadas com cinco ſellos de ouro, em que ſe viaõ gravados caracteres ſymbolicos Abiſſinos, que ſe preſumíraõ enigmas relativos á alliança, que o Miniſtro vinha celebrar com o Rei D. Manoel. Depois lhe offereceo huma caixa de ouro em nome dos meſmos Soberanos, e nella huma cruz formada de parte da meſma, em que o Redemptor déra a vida para reſgatar os homens. El-Rei a adorou proſtrado por terra, banhado em lágrimas de alegria ſanta, por vêr que de taõ longe lhe vinhaõ eſtes veſtigios adoraveis da Religiaõ Chriſtã, que enchia toda a terra. Era vulg.

As cartas dos Soberanos principiavaõ

Era vulg. vaõ louvando a Trindade Santissima Padre, Filho, Espirito Santo, tres Pessoas hum só Deos, e a Jesu Christo Redemptor, que nasceo na Casa de Belém de Nossa Senhora Maria Virgem. Depois abençoavaõ ao Rei D. Manoel, Cavalleiro dos mares, vencedor, subjugador dos Cafres, dos Mouros, de todos os Incrédulos. O negocio, que ellas continhaõ, era convidallo para huma liga offensiva, e defensiva contra os Mahometanos para os lançárem fóra dos Lugares Santos da Palestina. Ultimamente faziaõ altos elogios aos Capitães Portuguezes, que na India obravaõ tantas proezas, naõ sem assistencia de Jesu Christo, que vinha do Ceo confortallos a elles, e authorisar a ellas.

Em quanto na Europa succediaõ as cousas, que tenho referido, Affonso de Albuquerque na India se empregava nos negocios de Malaca. Porque Rui de Brito Patalim tinha acabado o tempo do seu Governo, elle nomeou para o occupar a Jorge de Albuquerque, seu parente, que chegando a Pacem, e sabendo que o seu Rei nosso amigo esta-

tava apertado com a guerra, que lhe fazia hum vaſſallo rebelde, Jorge de Albuquerque o derrotou, e reſtituio o ſocego ao conſternado Rei. Poucos dias depois da ſua chegada a Malaca recebeo ordens do Governador da India, que lhe mandava depozeſſe ao fiel Ninachetu do importante emprego de Bendara, e o proveſſe no Rei do pequeno Reino de Campar, alliado novo, que a politica do Governador entendeo devia liſongear a prejuiſo do antigo alliado. Era vulg.

Jorge de Albuquerque deſpachou logo a Jorge Botelho com huma fuſta para conduzir o Rei de Campar a Malaca; mas como o favor dos Portuguezes lhe adquirira hum inimigo poderoſo no Rei de Lingua, o Botelho o achou atacado, e reduzido ao ultimo aperto por eſte Monarca. O meſmo Official, que ſe via ſem forças para ſoccorrer o Principe ſitiado, as pedio ao Governador de Malaca, que lhe mandou a Franciſco de Mello com quatro navios, cem Portuguezes, e 700 Malaios. O Rei de Lingua ſahio logo a atacar a noſ-

Era vulg. noſſa Fróta com 80 embarcações de todos os lotes; mas os Portuguezes ſe conduzírão com tanta corage, que rendida a náo mais poderoſa, derramado o medo nas outras, ellas ſe pozerão em fugida, as trópas que em terra guardavão os trabalhos, levantárão o ſitio, e o Rei de Campar ficou deſembaraçado para vir exercitar em Malaca o emprego de Bendara.

Ninachetu ſe ſubprendeo com a injúria da ſua depoſição; e ainda que a conſciencia não podia deixar de lhe reprehender as ſuas malverſações, e violencias, elle entendia que a ſua fidelidade para com os Portuguezes tudo abafava. Induſtrias, intrigas, promeſſas ſuas, e dos ſeus adherentes, que com elle perdião a fortuna, nada foi baſtante, para que a ordem do Governador da India deixaſſe de ſe cumprir. Então Ninachetu, não querendo ſobreviver á ſua affronta, mandou levantar hum amphitheatro magnifico, aonde ardia huma pyra com madeiras odoriferas; elle veſtido á brilhante, reſpeitoſo pela ſua velhice veneranda,

ten-

tendo ſuſpenſa multidaõ innumeravel de Povo, que ignorava o fim de tanto apparato, antes que como Phenix ſe lançaſſe á pyra, elle aſſim falla, e convida a attençaõ dos Expectadores da Tragedia: Era vulg.

Todos vós, que eſtais preſentes, ſabeis os meus merecimentos, os ſerviços, que fiz aos Portuguezes antes, e depois de tomarem Malaca. Que mais podia eu executar em obſequio do Rei D. Manoel, que naõ fizeſſe? Mas vós agora que vedes? Eſconde-ſe a alguem, que a minha fé, a minha conſtancia, o meu zelo, tudo com affronta me caſtigaõ os Portuguezes pelo crime reſpeitavel de ſer velho? Elles me deſpojaõ da meſma Dignidade, que me déraõ; elles me privaõ da honra, que me conferíraõ; elles me arrojaõ ao abyſmo da infamia, que eu naõ mereço. Pois ſerá juſto, que Ninachetu, author de tantas acções ſublimes, paſſe o reſto da vida ſubmergido no fundo da ignominia? Naõ o ſoffre a minha magnanimidade. Se Ninachetu ſempre viveo illuſtre, morra com biſarria: ultima

pa-

Era vulg. palavra, que já pronunciou dentro na pyra, aonde ſe arrojou com impeto barbaro, menos ſenſivel á vida, que á honra.

Já a eſte tempo o grande Albuquerque tinha concebido dous deſignios taõ grandes, como eraõ fazer-ſe ſenhor da Ilha de Dio, e conquiſtar o Reino de Ormuz. Para conſeguir o primeiro, como eſtava em paz com Cambaya, mandou a Diogo Fernandes de Béja, que com o caracter de Embaixador, foſſe pedir ao Rei Mamud lhe permittiſſe licença para fundar huma Fortaleza naquella Ilha, que lhe sería intereſſante pela maior ſegurança, e augmento do Commercio. Facilmente conveio o Rei na propoſta; mas Meliqueaz, que governava Dio, e tinha grande entrada no eſpirito do Principe, tanto lhe ſuggerio os perigos, a que ſe expunha, os deſintereſſes que lhe haviaõ reſultar de metter aos Portuguezes em caſa, que Mamud faltou á palavra, e mudou a permiſſaõ concedida para outros pórtos maritimos do ſeu Reino, que o Albuquerque quizeſſe eleger. Diogo Fernandes,

des, naõ podendo determinar pelo arbitrio proprio hum negocio desta natureza, voltou a Goa para informar ao Governador da mudança, que as persuasões de Meliqueáz causáraõ no espirito do Rei Mamud. O segundo projecto da conquista de Ormuz, será a materia do Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se das dispozições, e viagem de Affonso de Albuquerque a Ormuz com tudo o que succedeo a respeito desta expediçaõ.

EFFECTIVAMENTE se trabalhava em Goa nos aprestos da Armada, com que o Governador determinava passar a Ormuz; mas para que o destino naõ chegasse aos ouvidos do público, fez espalhar a voz, de que o armamento tinha por objecto a navegaçaõ ao mar da Arabia, aonde se dizia, que o Soldaõ aprestava huma Armada. Para melhor cobrir o disfarce, elle mandou a seu sobrinho Pedro de Albuquerque, que com

Era vulg. com quatro náos, e os Capitães Jeronymo de Sousa, Ruy Galvaõ, e Antonio Raposo fosse cruzar no Cabo de Guardafú. Elle executou esta primeira ordem com tanta felicidade, que tomou déz náos da Arabia com riquezas immensas, que trouxe a Ormuz para depois as transportar para a India. Nesta Cidade achou elle novo Rei a Torunxa, que havia succedido a seu irmaõ Ceifadim, naõ menos activo que elle em negar lugar para a fabrica da Fortaleza; omisso em pagar o tributo, de que só deo 10$000 xerafins; mas facil em renovar o Tratado da paz.

Sem fazer maiores instancias no ponto principal da negociaçaõ de Ormuz, que era a Fortaleza; Pedro de Albuquerqne quiz ter a glória de descobrir a Ilha de Baharem. Elle se empenhou nesta navegaçaõ arriscada; mas impellido por huma tormenta, arribou ao porto de Raxel. Aqui teve elle hum encontro com Mirbuzaca, Capitaõ de Ismael Sophi, que fizéra prisioneiras vinte terradas pertencentes ao Rei de Or-

Ormuz. O Albuquerque lhe repreſentou, que aquellas embarcações eraõ de hum Principe, vaſſallo del Rei de Portugal; que elle naõ podia deixar de lhe pedir a reſtituiçaõ dellas, quando era hum coſtume inalteravel dos Portuguezes, ſe lhe inſultavaõ algum alliado na peſſoa dos ſeus Capitães, elles pedirem ſatisfaçaõ, ou tomarem vingança com as armas. Era vulg.

Hum cumprimento taõ civilmente militar, de fórte atemoriſou ao Official da Perſia, que ſem a menor repugnancia mandou entregar ás terradas a Pedro de Albuquerque. Elle as trouxe a Ormuz, e as fez apreſentar ao Rei, que deo as maiores demonſtrações de complacencia por eſte ſerviço, que ſó foi remunerado com agrados, e alguns preſentes; tenáz na primeira idéa de naõ conſentir a Fortaleza. Obradas eſtas acções, Pedro de Albuquerque ſe recolheo para a India com todos os ſoldados contentes, porque todos ricos. Elle achou ſeu Tio occupado nos apreſtos da Armada, eſperando para partir a volta de Antonio de Souſa, que man-

dá-

Era vulg. dára por Embaixador ao Rei de Narſinga ſobre a entrega de Baticala, e a de Joaõ Gonçalves de Caſtello-Branco, que fora com o meſmo caracter pedir ao Hidalcaõ largaſſe alguns lugares da terra firme: negociações ſem mais effeito, que as delicadezas de civilidade uſadas com os dous Miniſtros em ambas as Cortes.

No fim do anno, que temos tratado, chegáraõ á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Jorge de Brito, primeiro Commandante, Franciſco Pereira Coutinho, Luís Dantas, Manoel de Mello, e Joaõ Serraõ. Neſta Fróta vinha o Embaixador, que o Rei de Ormuz mandára a Lisboa, aonde foi baptiſado, e tomou o nome de Nicoláo Ferreira. O Governador partio logo para Cochim a deſpedir as náos, que haviaõ ir para Portugal; e ſem perda de tempo voltou para Goa, aonde eſtava prompta a Armada para a viagem de Ormuz, que ſe compunha de nove náos de alto bórdo, de ſete fragatas, de ſeis caravellas, de tres galés, e dous brigantins; levando nos

ſeus

ſeus bórdos a Nobreza principal da India, e em navios da terra a gente do Malabar noſſa alliada. Era vulg.

A 21 de Fevereiro ſahio o Governador do Porto de Goa com o Embaixador de Ormuz, que viera do Reino, e foi ferrar o de Maſcate, aonde ſe deteve alguns dias em fazer provimentos, e tirar informações reſpectivas ao ſeu deſtino. No dia 26 de Março chegou a Armada a Ormuz, naõ eſperada do Rei Torunxa, que ſendo noſſo alliado, pouco antes bem ſervido por Pedro de Albuquerque, nada lhe parecia menos poſſivel, que ſer inſultado pelos Portuguezes. Comtudo, elle ſe ſubprendeo, picado do eſcrupulo de naõ haver conſentido na obra da Fortaleza; mas para ſe prevenir, mandou logo a Acem-Ale viſitar da ſua parte ao Governador, offerecer-lhe a Cidade, que era do Rei D. Manoel, e a meſma Fortaleza antes principiada, para que mandaſſe concluilla. O Governador acceitou a offerta, e fez logo lembrada a palavra, naõ ſuccedeſſe o eſquecimento ſer cauſa da perturbaçaõ da concordia. 1515

Co-

Era vulg.

Como elle já tinha experiencia da pouca fé dos de Ormuz, depois de postar os navios ligeiros em ordem, que impedissem a entrada de gente militar na Cidade, determinou mandar a terra ao Embaixador Nicoláo Ferreira; mas como elle vinha revestido do caracter de Christaõ, naõ quiz arriscallo, e pedio refens ao Rei para elle lhe ir communicar as resultas da sua negociaçaõ em Lisboa. Dada a segurança de vida ao Embaixador com a pessoa de hum sobrinho de Rax Noradim, Governador da Cidade, que veio para bórdo da náo do Albuquerque, elle foi a terra dar parte a seu Amo das respostas, que em Lisboa tiveraõ os seus officios. Ellas vinhaõ concebidas nestes precisos termos: Que se o Rei de Ormuz fosse fiel á sua palavra, como promettia, e consentisse na construcçaõ da Fortaleza já principiada, El-Rei D. Manoel lhe remittia a metade do tributo, que era obrigado a pagar-lhe: Que consentia na navegaçaõ livre de Ormuz para a India, da India para Ormuz, e para quaesquer outras

par-

partes, que o Rei Torunxa quizesse, com tanto que nas náos naõ embarcassem Mercadores das Nações, com que os Portuguezes estivessem em guerra, nem mercadorias de contrabando: Que deixar o Rei de Portugal de mandar os seus navios a Ormuz, era requerimento, que naõ merecia attençaõ, como contrario ao direito de soberania, que elle tinha sobre Ormuz, em quanto sua tributaria: Que da mesma sórte se regeitava a proposta do resarcimento dos damnos, que se pediaõ, feitos ao Rei de Ormuz, e aos seus vassallos no tempo da guerra, que tiveraõ com os Portuguezes: Que se concedia liberdade a todos os captivos dos Estados de Ormuz, que estivessem em Portugal, e na India, tomados na occasiaõ da mesma guerra. Era vulga

Recebeo o Rei Torunxa estas respostas, e com grande veneraçaõ as cartas del Rei D. Manoel da maõ do mesmo Embaixador, que tratou com pouco agrado, como a hum apostata da sua Religiaõ. Torunxa se mostrou prudente em naõ se sentir das muitas pre-

Era vulg. tenções do Governador, da pouca vantagem da negociaçaõ do Embaixador em Lisboa, da sua infidelidade para com Mafoma, nem do desprezo, que este Ministro lhe fizera em mudar de Religiaõ sem seu consentimento. O Governador, que tudo observava, e naõ queria perder tempo, avisou logo ao Rei, que na permissaõ, ou denegaçaõ da fabrica prompta, e effectiva da Fortaleza, declarasse positivamente se elegia paz, ou guerra: Que elle tinha de se demorar naquelle porto bastantes mezes, e necessitava de hum bairro na Cidade para aquartelar a sua gente: Requerimentos ambos, de que logo havia dar resposta.

Naõ podendo Torunxa deixar de tomar partido em huma alternativa taõ pressante, enviou a Noradim com os plenos-poderes na fórma mais authentica para restabelecer o primeiro Tratado de paz, e permittir que sem demóra se renovasse o trabalho na Fortaleza. Depois que os Artigos foraõ firmados, o Governador, em nome del Rei D. Manoel, mandou ao de Ormuz

pe-

pelo mesmo Noradim hum collar precioso de ouro, como cadeia que lhe ligava com honra a dependencia voluntaria, e huma bandeira das Armas Reaes de Portugal, que havia marcar no Palacio de Ormuz a alliança illustre com o Rei D. Manoel. Immediatamente se entrou a trabalhar na obra da Fortaleza, fornecendo o Rei os materiaes necessarios para ficar firme neste fundamento o nosso dominio em Ormuz. Era vulg.

Já Affonso de Albuquerque tinha a sua Corte nesta Cidade, quando recebeo nella hum Embaixador de Ismael, Sophi da Persia, pelos motivos, que eu vou a referir. No tempo, em que os Persas abandonárão a Seita de Omar, e abraçárão a de Alli; scisma, que gerou hum rancor immortal entre elles, e os Arabes; os Persas para augmentarem o seu partido, convidavão muitos dos Principes Sarracenos para Sectarios de Alli. Entre outros, aos quaes elles mandárão Embaixadores a tom de Cathequistas, foi hum o Rei de Cambaya, já em tempo, que Affonso de Albuquerque governava a India. Na

Era vulg. Corte daquelle Principe ouvio o Embaixador Perſa os altos elogios do noſſo Heróe, a fama das ſuas victorias; que elle era o meſmo homem, que em Ormuz deſpedíra arrogante ao Miniſtro, que o meſmo Sophi Iſmael mandára ao Rei Ceifadim: homem ornado de virtudes, de probidade, de valor, que o faziaõ digno da recommendaçaõ das gentes.

Como os Perſas obſervavaõ o louvavel coſtume de conſervar nos ſeus monumentos a memoria dos homens por alguma qualidade grandes, ainda que foſſem os ſeus maiores inimigos; as noticias do Albuquerque, que o Embaixador levou de Cambaya para a Perſia, foraõ cauſa do Sophi lhe enviar a Embaixada a Cochim, que deixo referida; obſequio, que o Albuquerque remunerou logo, mandando na companhia deſte Miniſtro a Miguel Ferreira com o meſmo caracter para cumprimentar da ſua parte a Iſmael. O Ferreira foi tratado na Corte da Perſia com tantas honras, que além do Sophi fazer goſto delicado de lhe fallar todos

os

os dias, lhe mandou dar a precedencia sobre os outros Embaixadores dos maiores Principes do Univerſo. Deſte agrado reſultou deſpedir o Sophi ao noſſo Miniſtro acompanhado de outro Embaixador com pompa brilhante ao Albuquerque, que os achou em Ormuz, quando elle agora chegava a eſta Cidade. Era vulg.

Informado pelo Ferreira, de que o Miniſtro Perſa trazia cartas do Sophi para El-Rei D. Manoel, e para elle, o Albuquerque determinou receber a Embaixada com apparencia magnifica, aſſim pelo reſpeito aos dous grandes Monarcas, como para avançar os ſeus negocios em Ormuz, e a ſua reputaçaõ nos continentes da Aſia. Elle eſcolheo para lugar da audiencia a Praça defronte do Palacio do Rei, aonde mandou levantar hum theatro ſoberbo, e pôr no alto delle hum rico docel com duas cadeiras para elle, e para o Embaixador. No dia prefixo appareceo o grande Governador da India rodeado dos ſeus Officiaes, de toda a Nobreza, emula da magnificencia, e do bom goſto,

Era vulg. com a ſua guarda dobrada, e o Exercito Portuguez formado em duas fileiras pelas ruas, por onde tinha de paſſar o Embaixador.

Sahio eſte do lugar da ſua reſidencia com hum trem, e huma libré, como Ormuz naõ víra ſemelhante. Entre outras couſas, marchavaõ na vãguarda dous Gentis-Homens a cavallo, que levavaõ á garupa as panthéras exercitadas na caça: ſeguiaõ-ſe ſeis cavallos á déſtra de huma formoſura extraordinaria, ſoberbamente guarnecidos: logo huma trópa luſtroſa, que moſtrava ſer de Perſas diſtinctos pela riqueza dos ſeus ornatos, levando alguns delles em grandes ſalvas de prata o preſente de hum Sophi da Perſia para hum Rei de Portugal: todo elle equivocaçõea entre o precioſo, e o delicado; em partes myſterioſo nos geroglyficos Perſicos, que ſe interpretavaõ deviſas de complacencia do Sophi pela ſua nova alliança. Chegou o Embaixador acompanhado do reſto da ſua equipagem, e ſubio ao theatro. O Albuquerque ſe levantou para o receber no devi-

vido lugar, e o conduzio á cadeira, que lhe eſtava prevenida. Fallou primeiro o Embaixador na ſua lingua com hum ar grave, e judicioſo ſobre o poder, e qualidades Reaes do Rei D. Manoel, que admirava aos Soberanos mais ſublimes da terra, entre elles ao alto Sophi, ſeu Amo, que o mandava ajuſtar huma alliança com o Monarca reſpeitoſo do Occidente. Era vulg.

O Albuquerque, que na peſſoa repreſentava o cargo, reſpondeo com muito de igualdade, e de candura ás expreſſões ingenuas do Sophi: Perſuadindo fórte ao Embaixador, que o Rei de Portugal eſtimava pela maior das ſuas vantagens na India a alliança com o Imperador mageſtoſo da Perſia. Eſta ceremonia celebrada na face do Povo de Ormuz lhe cauſou huma alegria extrema, ao ſeu Rei Torunxa hum grande temor, e reſpeito ás noſſas armas, que inclinavaõ para nos ſer officioſo ao Monarca da Perſia, vencedor potentiſſimo de tantas Nações ſoberbas. O Embaixador, acabadas as funções do miniſterio, ſe recolheo á ſua Corte, pa-

Era vulg. para onde o Governador deſpedio com o meſmo caracter a Fernaõ Gomes de Lemos com trinta ſoldados de cavallo, com Joaõ de Souſa por ſeu adjunto, por Secretario a Gil Simões, e por lingua a Gaſpar Xires: embaixada, de que daremos noticia no ſeu lugar competente.

CAPITULO IV.

Do mais que fez o Albuquerque em Ormuz, com o reſto das ſuas acções até ao fim da vida.

Como as revoluções precedentes de Ormuz tinhaõ ſido taõ geraes, ellas naõ podiaõ deixar de aprofundar raizes, que déſſem agora trabalho ao Albuquerque para as arrancar. Depois que elle deſpedio aos Miniſtros da Perſia, applicou todos os cuidados á concluſaõ da Fortaleza, e ſegurança da Cidade, aonde ſabia, que inimigos occultos deſafiavaõ a ſua dexteridade para ſe conduzir com tanto de vigilancia, como de indúſtria. Rax Noradim, que ſuccedêra no Miniſ-

nisterio a Cogeatar, tirou a vida com veneno ao Rei Ceifadim, e excluindo da successaõ aos filhos, fez acclamar Rei a seu irmaõ Torunxa. Noradim era hum dos poderosos, que o Albuquerque naõ podia deixar de metter no número daquelles inimigos; mas como a sua idade avançada já lhe naõ consentia recolher por mais tempo os fructos da iniquidade, cuidou em eleger hum successor dos seus humores, que naõ fizesse sentir no Gabinete a sua falta. Tal era seu sobrinho Rax Hamet, moço intrépido de trinta annos, que logo se esqueceo, de que devia a nomeaçaõ ao Tio, e reverencia ao Rei, reservando para ambos os accidentes dos titulos, para si toda a substancia. Era vulg.

Os outros empregos do Paço foraõ dados a dous irmãos de Hamet, chamados Rax Modafar, e Raz Ale, que acabáraõ de bloquear ao Rei, de pôrem sitio a Noradim. Tanto corpo tomou a insolencia dos tres Moços, que o Tio agoniado pedio ao Albuquerque o soccorresse contra Hamet, que era o maior tyranno. Em igual consterna-

çaõ

Era vulg. çaõ o Reí, diſſe a Alexandre de Ataíde, que elle em Ormuz era hum fantaſma da ſoberania, ſem acçaõ, ſem liberdade, hum captivo de Hamet: que ſó no Governador da India elle achava corage para o arrancar das mãos da anguſtia, e que aſſim lho requereſſe da ſua parte. O Albuquerque inſtruido no que ſe paſſava; bem informado de que Hamet intentava romper o ultimo Tratado, impedir a concluſaõ da Fortaleza, e que olhava a vida do meſmo Albuquerque pelo obſtaculo mais impenetravel da ſua fortuna; elle uſou da politica coſtumada, guardou inviolavel o ſegredo, e eſperou conjuntura para dar a Hamet o premio de tantos ſerviços.

Ella ſe offereceo por occaſiaõ de hum conſelho, que arbitrou o Governador com a idéa de communicar nelle couſas do ſerviço do Rei de Portugal ao de Ormuz, e aos ſeus primeiros Miniſtros em plena Aſſembléa. Para ella ſe eſcolheo huma grande caſa junto ao mar, e perto da Fortaleza, aonde haviaõ concorrer os Officiaes de hu-

huma, e outra parte, todos desarmados. Junta a Assembléa, Hamed que o accusava a consciencia criminosa, gritou a El-Rei, que se salvasse das mãos dos Portuguezes. Torunxa vendo-os sem armas, que levavaõ occultas, nem tendo motivos para desconfiar, se fez desentendido. O Albuquerque acodio ás vozes de Hamet, que tirou de hum punhal para elle; mas pegando-lhe Pedro de Albuquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Diogo Fernandes de Beja, e outros Fidalgos, o abríraõ a golpes, e tiráraõ pela janella á praia com o cadaver do monstruoso Hamet. O Rei se assustou duvidoso se sería tambem victima da indignaçaõ Portugueza; mas elle socegou quando o Albuquerque com agradavel semblante lhe disse: Que mandára matar Hamet em seu serviço, para elle mostrar que era Rei, reinando só, já livre do insolente, que abusava da sua authoridade Real, e da dos seus Ministros mais estimaveis, que o fizeraõ gente. Era vulg.

Os irmãos de Hamet quizeraõ amoti-

ti-

Era vulg. tinar o Povo, perſuadindo-o que o Rei tambem fora aſſaſſinado. Entaõ appareceo elle com o Albuquerque em huma varanda da caſa, e ſocegou o tumulto com huma falla, que deprimia as malverſações de Hamet, que fora morto por ordem ſua, como meio de ſe vêr livre de hum tyranno. Logo ſe paſſou outra para os irmãos do morto com as ſuas familias ſahirem do Reino de Ormuz; mas elles com a gente do ſeu partido ganháraõ o Palacio do Rei, aonde determináraõ reſiſtir á ordem com huma vigoroſa defenſa. O Albuquerque informado da temeridade deſta reſoluçaõ, pedio a Abrahem Beque, Official do Sophi da Perſia, que ſe achava em Ormuz, foſſe da ſua parte, e da do Rei dizer aos rebeldes, que depozeſſem as armas, ſe recolheſſem a ſuas caſas; e aos irmãos de Hamet, que ſem demóra ſahiſſem do Reino, ſenaõ que os hiaõ queimar vivos. Obedecêraõ os amotinados temeroſos, e entaõ ſe naõ fallava em Ormuz em outro aſſumpto, que naõ foſſem louvores do Albuquerque pela prudencia, e valor

com

com que conduzíra esta acçaõ. O Rei Era vulg. taõ obrigado a ella, declarou no mesmo dia, que a sua pessoa, e o seu Reino tudo elle sobmettia á protecçaõ do Rei D. Manoel, que reconhecia por seu Protector, e Soberano.

Por este mesmo tempo, quando tantas acções sublimes do grande Albuquerque faziaõ no Universo respeitar por immortal a sua reputaçaõ, a sua gloria, as suas virtudes: as vozes da calúmnia em Lisboa hiaõ enchendo os ouvidos do Rei para escutar roucos tantos éccos sonoros. Quando as Nações publicavaõ naõ ser possivel o Soberano, que criára tal Capitaõ, deixar de estar ornado de qualidades heróicas, especialmente assistido do Numen Supremo. O mesmo Soberano, que nem conhecia ao Albuquerque, impellido de suggestões estranhas, entrou a desconhecello. Já este Heróe tinha submettido ao seu Imperio a Cidade de Goa com a sua Ilha, e Provincias adjacentes: toda a cósta desde o Rio Indo até ao Cabo de Comorim: conquistado os Reinos de Malaça, e de Ormuz: funda-

do

Era vulg. do as Fortalezas de Cochim, de Calecut, e de Cananor: feito tributarios muitos Reis, grandes Senhores, populosas Cidades: contrahido paz, e amizade com os grandes Monarcas da Persia, de Siaõ, de Narsinga, de Calecut, de Cambaya, e outros muitos; quando o monstro da invéja deita por terra o simulacro, que tantos Principes attendiaõ, naõ sei se diga officiosos, ou reverentes.

Entaõ succedeo representar elle ao Rei os seus annos avançados, os seus serviços relevantes, os desejos de acabar em Goa o resto dos dias, dizem que pedindo o titulo de Duque da mesma Cidade. Que occasiaõ mais opportuna para a serpente tortuosa da emulaçaõ, da invéja, do odio se desenrolar, sibilar, e derramar todo o veneno? Que conjuntura para a politica abominavel firmar os interesses proprios sobre os estragos alheios? Entaõ naõ cessáraõ vozes iniquas de persuadir ao Rei justo, e pio: Que o Albuquerque, senhor de infinitas riquezas na India aspirava á tyrannia, a fazer-se na Asia hum

So-

Soberano. Quem lho ha de impedir, dizia õ os zelosos, se elle, além das riquezas, tem muitos Principes amigos, está rodeado de creaturas immensas, contubernaes do seu trato, e consórtes da sua fortuna? Elle dominado do espirito da temeridade, da insolencia, se fizer allianças com o Hidalcaõ, com o de Narsinga, com o de Cambaya, com o de Calecut, com o Sophi, e ainda com o Soldaõ, que poder ha de contrarestar o deste monstro? Acabará na India com estrondo o Imperio do Rei D. Manoel, e naõ se ouvirá nella mais nome, que o do Imperador Affonso de Albuquerque. Era vulg.

Vozes menos desentoadas, que estas, bastaõ para perturbar a serenidade do espirito em hum Soberano. Entendeo-se, que para conservar a liberdade da India era necessaria a providencia prompta de mandar recolher o Albuquerque para Portugal, e nomear-lhe successor, que foi Lopo Soares de Albergaria, hum dos seus desinclinados, que executaria com pontualidade as ordens. Elle sahio de Lisboa com treze

náos,

Era vulg. náos, em que embarcáraõ 1500 soldadados, e os Capitães Christovaõ de Tavora, D. Guterre de Monroy, Simaõ da Silveira, D. Garcia Coutinho, Francisco de Tavora, Alvaro Teles Barreto, D. Joaõ da Silveira, Jorge de Brito, Alvaro Barreto, Simaõ de Alcaçova, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Cabral, e outros muitos Fidalgos. O Embaixador do Preste Joaõ, que viéra a Lisboa, e com elle Duarte Galvaõ, que hia com emprego semelhante ao mesmo Principe, embarcáraõ nesta Armada, que sahio do Téjo em Abril, e chegou a Goa em Setembro do anno, em que fallamos.

Se quando estas cousas se passavaõ em Lisboa, entre os amigos naõ havia huma só pessoa, que defendesse ao ausente, nem justificasse a probidade do seu procedimento, por se julgar fórtemente prevenido o Rei, que entendia esta indifferença, e este silencio como huma confirmaçaõ dos avisos, que lhe haviaõ dado; entaõ a grande alma do Albuquerque, que sabia, quanto na Corte se tratava em seu prejuizo,

fir-

firme na equidade do Principe, na ſua innocencia, nos ſeus merecimentos, lhe parecia eſtar do alto do Olympo olhando para a tempeſtade da calúmnia desfazer-ſe em ſi meſma, ſem que a poeira de tantos turbilhões agitados lhe ſoffocaſſem a reſpiração. Era vulg.

Navegava para a India o novo Governador Lopo Soares; Affonſo de Albuquerque eſtava em Ormuz, quando outra calúmnia em Malaca amolgou com golpe ſenſivel a reputação dos Portuguezes na India. Alodin, Rei de Bintaõ, determinou arruinar a ſeu genro Abdala, Rei de Campar, que elles haviaõ feito Bendara de Malaca em lugar de Ninachetu. Para o conſeguir era neceſſario malquiſtallo com os ſeus meſmos bemfeitores; e para iſſo ordenou em ſegredo a alguns dos ſeus Capitães tomaſſem os navios de Malaca, e os trouxeſſem a Bintaõ. Depois de os ter no porto, á viſta dos priſioneiros dava reprehensões áſperas bem fingidas aos meſmos Capitães, porque captivavaõ os navios de Malaca, de que elle era Rei, aonde eſtava ſeu amado genro Ab-

Era vulg. dala, que lhe promettia brevemente restituillo ao seu Throno. Seguia-se a esta indústria dar liberdade aos navios, e ás suas tripulações, que viéraõ espalhar em Malaca as noticias do que lhe succedêra com Alodin, Rei de Bintaõ.

Jorge de Albuquerque, Governador da Praça, sem mais averiguaçaõ deo crédito a estas vozes perdidas, e parecendo-lhe que já via Malaca no poder do Rei de Bintaõ pelas indústrias de Abdala: sem valerem a este innocente as próvas da sua fidelidade, do seu zelo no serviço de Portugal, em hum cadafalso público mandou cortar a cabeça ao Principe, que fazia honra de ser Bendara de Malaca nomeado pelos Portuguezes. Bartholomeu Perestrello, primeiro author desta atrocidade, por ser amigo intimo dos filhos de Ninachetu, dezasete dias depois do catastrofe do Rei de Campar, cahio de repente morto com admiraçaõ das gentes, que tivéraõ a sua mórte por hum castigo visivel de Deos. As Nações confinantes se inquietáraõ; todos os Merca-

do-

dores abandonáraõ Malaca, e foraõ clamando pela Aſia: Que ninguem vivia ſeguro entre os Portuguezes pérfidos, que naõ guardavaõ fé ainda aos maiores amigos, aos ſubditos, que melhor os ſerviaõ: Que o deſprezo feito a Ninachetu, que fora hum dos ſeus ſervidores mais fiéis, levára eſte homem á deſeſperaçaõ, que o arrojou a huma fogueira: Que ao Rei de Campar, naõ menos leal, o matáraõ com atrocidade, e que a meſma uſariaõ com todos em ſe enfadando do ſeu trato. Era vulg.

O Governador conhecendo o ſeu erro, e deſejando reparallo, eſpecialmente depois que vio o Commercio roto em Malaca, mandou a Jorge Botelho com duas náos para correr as Cortes dos Principes, e os informar dos motivos, que elle tivera para tirar a vida a Abdala: motivos, que ſe faziaõ criveis antes de ſer conhecida a perfidia abominavel de ſeu ſogro o Rei de Bintaõ, que lhe maquinára a mórte. Eſte Rei, quando o Botelho cumpria a ſua commiſſaõ, mandou dizer ao Senhor de Siaca ſeu vaſſallo, que ſe lhe

Era vulg. mandasse a cabeça deste Portuguez, elle o casaria com huma filha sua. Quizéra o Barbaro sacrificar ao seu amor a victima, que lhe pediaõ; mas hum seu criado, que fora escravo do Botelho, a quem deveo a liberdade sem resgate, mostrou-se agradecido, avisando-o de que se attentava contra a sua vida; e que se o projecto naõ se lograsse na Corte de Siaca; que no caminho de Malaca o esperavaõ doze náos muito grossas do Rei de Bintaõ para o mettêrem no fundo, ou o prenderem.

Jorge de Albuquerque avisado da conjuraçaõ, mandou a Francisco de Mélo em nove fustas soccorrer o Botelho contra a Fróta de Bintaõ, que já estava reforçada com outros vinte e quatro navios. O combate em taõ grande desproporçaõ foi singular, sanguinolento, e horrivel. Os inimigos cedendo ao valor dos Portuguezes, perdêraõ grande número de homens, muitos navios, e o campo da batalha, que deixáraõ livre para Jorge Botelho entrar triunfante em Malaca. Pouco depois desta acçaõ chegou para seu novo Governador Jor-

Jorge de Brito, que viéra na Armada de Lopo Soares, e tomou posse do seu governo no fim de Outubro. Era vulg.

CAPITULO V.

Das ultimas acções, e mórte do Grande Affonso de Albuquerque.

DEPOIS da mórte, que o Albuquerque mandou dar em Ormuz ao tyranno Rax Hamet, correo constante a voz, de que o Soldaõ do Egypto mandava huma Armada poderosa para lançar aos Portuguezes da India. Este rumor servio ao Albuquerque de pretexto especioso para pedir ao Rei de Ormuz lhe entregasse toda a artilharia, e munições, que tivesse na Cidade, e no seu Palacio por modo de emprestimo; porque em necessidade taõ urgente devia guarnecer melhor a Fortaleza, e a Armada. Conseguida sem repugnancia esta primeira idéa, a sua illuminaçaõ lhe propoz segunda, que foi enviar para a India na companhia de D. Garcia de Noronha a quinze Reis cégos, que esta-

Era vulg. tavaõ em Ormuz, com ſuas mulheres, e filhos. Os Miniſtros deſtes Monarcas infelices lhes tinhaõ feito tirar os olhos para naõ verem as inſolencias, que elles comettiaõ contra o Eſtado; e ainda que eſtes Principes naõ eſtiveſſem em termos de o perturbar de novo; para que os ſeus deſcendentes naõ o fizeſſem, e para retirar das viſtas de Ormuz eſtes deſpertadores da memoria de tamanhas atrocidades, o Albuquerque teve por juſto enviallos para Goa, aonde os ſuſtentáraõ á cuſta da Fazenda Real com tratamento correſpondente ás ſuas qualidades.

Outras grandes idéas projectava o memoravel Albuquerque, entre ellas duas ſugeridas pela magnanimidade do ſeu coraçaõ, baſtando que foſſem meditadas para ſerem eternamente gloriosſas. A primeira era divertir a corrente do Nylo para o mar Roxo por hum novo canal, que eſtereliſaſſe o Egypto, e privaſſe aos Turcos dos intereſſes, que tiravaõ deſte Paiz: A ſegunda forçar a caſa de Meca; extrahir della o corpo de Mafoma, que he

hum abyſmo de ſuperſtições, e dandolhe fogo á pórta de huma Igreja de Jeſu Chriſto offerecer nelle hum como ſacrificio ao Deos verdadeiro para confuſaõ dos profeſſores de ſeita taõ abominavel. Projectos ſemelhantes naõ os executa, nem os penſa ſenaõ hum eſpirito ſublime, huma alma muito grande. Pouco importaria, que os homens communs olhaſſem eſtas emprezas como hum impoſſivel, dando-lhes os nomes de ſonhos, de visões, de quiméras: que nós lhes reſponderiamos, que aſſim era nas ſuas imaginações, aonde naõ cabem as viſtas, as dilatações, os eſpiritos dos Heróes; mas que nas deſte cabiaõ. Era vulg.

Quando o Albuquerque aſſim diſcorria, pouco depois de ter deſpedido a ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha para a India, donde hia embarcar para o Reino; huma queixa, que padecia, ſe lhe engraveceo, e o fez deſconfiar, de que era a ultima. Como Catholico delicado, os ſeus primeiros cuidados foraõ na alma, recebendo os Sacramentos; e depois chamando os

Ca-

Era vulg. Capitães, lhes disse, que se fallecesse; elle tinha ordem del Rei para nomear Governador da India, em quanto de Lisboa naõ chegasse outro, e que elles deviaõ jurar de lhe obedecer, o que todos fizeraõ. Como a molestia tinha intervallos, determinou-se a ir para Goa, aonde esperava recobrar a saude, mais arruinada pelas fadigas das viagens, e pelos trabalhos da guerra, que pelo número dos seus annos, que eraõ pouco mais de sessenta.

Com lágrimas ternas do Rei, dos Portuguezes, e dos moradores da Cidade, o Albuquerque se fez á véla de Ormuz para Goa a 10 de Novembro deste anno ultimo da sua vida. Navegando na volta de Dio chegou a bórdo da sua náo huma fusta, que lhe levava cartas de Cide Ale, e de hum Embaixador do Sophi da Persia, que o avisavaõ, como contra toda a esperança dos homens chegára á India, mandado pelo Rei de Portugal, Lopo Soares para lhe succeder no governo, e que a elle lhe ordenavaõ se recolhesse ao Reino, offerecendo-lhe o Persa a pro-

protecçaõ do Sophi ſeu Amo. Nova ſemelhante, que em ſi meſma trazia gravada a origem donde naſcêra, ella atordoaria outro homem, que naõ foſſe o Albuquerque, immovel na ventura, e na deſgraça. Elle levantou, ſereno o ſemblante, as vozes ao Ceo, e diſſe em tom, que todos ouvíraõ: Louvado ſejais, bom Deos; mal com os homens por amor del Rei, mal com El-Rei por amor dos homens: velho recolhe-te á Igreja, que aſſim convém á tua honra, e tu nunca ſoubeſte faltar á obſervancia das ſuas Leis. Era vulg.

Eſte golpe foi hum dos auxilios efficazes, que fizeraõ conhecer ao Albuquerque, que morria; que lhe elevou a alma ſobre todo o viſivel; que o conduzio para a Bemaventurança, como geralmente crêo a piedade. Elle ſe deſpedio do ſeu Rei, eſcrevendo-lhe huma carta com termos dignos de ſi meſmo; e longe de ſe queixar de huma revocaçaõ, que muito mais que a ſua enfermidade, era capaz de lhe abbreviar o momento da mórte: Nella lhe dizia, que pegava na penna dando

Era vulg. do os ultimos ſoluços, que eraõ o ſignal do fim da vida: que lhe recommendava hum unico filho, que tinha, para que foſſe o objecto, ſobre que recahiſſe o deſpacho dos ſeus ſerviços: que ſe perſuadiſſe como Affonſo de Albuquerque morria vaſſallo taõ fiel, como tinha vivido. Chegando a náo á viſta de Goa ſentio mais apreſſada a decadencia dos eſpiritos, que o obrigou a mandar vir da Cidade com preſſa ao Vigario Geral, Fr. Domingos, para lhe ſervir de Piloto déſtro na ſua mais arriſcada viagem. Com elle paſſou a noite occupado nas lembranças da eternidade; em colloquios ternos com Deos; taõ eſquecido do mundo, que ſe teve voz para agradecer, nada ſe deixou tocar dos offerecimentos, que naquelle dia lhe mandáraõ fazer o Sophi da Perſia pelo ſeu Embaixador de Cambaya, e Cide Ale, ambos de todo o ſeu poder para o ſuſtentarem no emprego, que occupava com tanto de honra, como de applauſo. Em fim antes que rompeſſe o dia, e á viſta de Goa, morreo Affonſo de Albuquerque.

Com

Com a pompa devida a homem tamanho., entre lágrimas communas de Christãos, Gentios, e Mouros, foi o seu cadaver sepultado na Capella da Senhora da Conceição, que elle fundára sobre a pórta pequena, quando tomou a Cidade. Nella descançáraõ os seus ossos até o anno de 1566, em que seu filho Braz de Albuquerque os mandou trasladar, como elle dispunha no seu testamento, para a Capella do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa. Já era morto o nosso Heróe, quando chegou á India a sentença da sua innocencia contra a calumnia dos invejosos. No mesmo mez de Abril depois de Lopo Soares ter sahido de Lisboa, El-Rei mais bem informado; conhecendo melhor os calumniadores, e o calumniado; mandou á India a Affonso Lopes da Costa com carta para Affonso de Albuquerque, em que o Principe lhe dizia o arrependimento, que tinha de o mandar recolher: que se fosse do seu gosto se deixasse ficar em qualquer das Fortalezas, que quizesse independente de Lopo Soares, Era vulg.

pa-

Era vulg. para lhe reſtituir o governo com o titulo de Viſo-Rei, quando elle acabaſſe o ſeu tempo.

Publicou-ſe no Oriente a mórte de Affonſo de Albuquerque. Os Reis de Calecut, de Cananor, de Coulaõ, de Cochim, de Cambaya, déraõ as demonſtrações mais públicas do ſeu ſentimento. O de Ormuz ſe encerrou por muitos dias, veſtio-ſe de luto rigoroſo, e naõ fallava nelle ſem derramar lágrimas copioſas. Naõ deveo elle tanto a Portugal, que lhe devia muito: as imagens ſe retratáraõ da côr dos affectos. El-Rei, que ſe via ſenhor de hum Imperio ganhado pela ponta da eſpada do famoſo Albuquerque, remunerou tantos ſerviços na peſſoa de ſeu filho, Braz de Albuquerque. Ordenou-lhe que ſe chamaſſe Affonſo, caſou-o honrado, deo-lhe tenças, e juros, premios de tantos ſerviços.

O grande Affonſo de Albuquerque naſceo em huma quinta da Villa da Alhandra em 1453. Foi filho ſegundo de Gonçalo de Albuquerque, ſenhor de Villa-Verde; e de D. Leonor de Me-

Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, Conde da Atouguia. Nos annos mais verdes da sua idade embarcou na Armada, que El-Rei D. Affonso V. mandou de soccorro ao Rei D. Fernando de Napoles contra os Turcos, que tinhaõ occupado Otranto. Servio a El-Rei D. Joaõ o II. de seu Estribeiro Mór, e se achou na defensa do Forte da Graciosa, sendo estas duas expedições o proemio elegante das muitas victorias, que tinha de ganhar o seu braço invencivel. Nós temos visto nesta Historia quanto obrou na Asia do anno de 1503, em que fez a ella a primeira viagem, até este de 1515, em que falleceo. Quem a reflectir, quasi que suspenderá a credulidade ouvindo no espaço de poucos annos a torrente continuada de triunfos, com que se coroou este Pai das façanhas. Era vulg.

Como raio fulminante em giro pelo Oriente, elle reduzio a cinzas as Cidades de Brama, de Calecut, de Pangim, de Orfaçaõ, as Armadas formidaveis de Ormuz, de Meca, de

Adem.

Era vulg. Adem. Elle em Goa cingio duas vezes os louros de ſeu conquiſtador, aonde com glória immortal abatteo ao Hidalcaõ, ganhou Benaſtarim, e neſta Cabeça do Dominio Portuguez na Aſia, ſe nella levantou hum Obelyſco duravel á ſua memoria, ella he o Padraõ eterno da calumnia infame dos ſeus emulos. Elle fez, que tres mil boccas de bronze, multiplicando trinta vezes as da fama, publicaſſem pelo mundo o rendimento da ſoberba Malaca. Elle, com o reſpeito do ſeu nome, fez tremer as Cidades de Maſcate, de Lamo, de Calaiate, as Ilhas de Camaraõ, e de Queixome, as Armadas de Ormuz, do Hidalcaõ, de Adem, de Calecut. Elle com o eſtrondo da reputaçaõ ſubmetteo ao jugo de Portugal os Reis das Maldivas, de Onor, de Vengapor, Senhores, e Regulos poderoſos da India. Elle pelo reſpeito da ſua equidade, e das ſuas victorias, recebeo Embaixadas brilhantes do Sophi da Perſia, dos Reis da Arabia, de Siaõ, de Pegu, de Bengala, de Pedir, de Pacem, de Nar-

ſin-

ſinga, de Cambaya, de Ormuz. Elle para conſervar o Eſtado reſpeitoſo, fundou as Fortalezas de Cananor, de Cochim, de Calecut, de Ormuz, de Malaca. Elle aſſignou Tratados de Paz com os maiores Principes do Oriente, que todos ſentíraõ a ſua depoſiçaõ do governo, a ſua mórte ſuccedida aos 16 de Dezembro com 63 annos de idade. Era vulg.

Affonſo de Albuquerque, bem digno de nos alargarmos no ſeu elogio, foi hum homem com tanta igualdade humano, e ſevéro, que naõ ſe póde decidir, ſe elle era mais temivel por ſevéro, ſe mais amavel por humano. A igualdade era o idolo a que elle dobrava o joelho; a fé violada, o horror, que naõ lhe conſentia reprimir a cólera; as injúrias feitas a outrem, o eſcandalo, que naõ podia deixar impunido. Nunca caſou: de huma criada teve hum filho: era homem; e qual eſteve no mundo ſem peccado, ainda que a ſua vida foſſe de hum ſó dia? Elle foi nos trabalhos huma montanha de firmeza; cançava muitos homens; a elle

Era vulg. le nada o opprimia. Para os murmuradores, e mentirosos era inexoravel. Facil em pedir conselho, ponderoso em se determinar; mas em se resolvendo obrava voando. Da verdade era taõ amante, quanto insensivel ás injúrias: Cataõ Portuguez, que se dellas lhe pediaõ perdaõ, negava havellas recebido. Quando se tomava da ira parecia o mar em cólera, que queria tragar os rochedos: no meio dessa mesma tempestade vinha de repente a bonança, que attrahia. Na paz, e na guerra, no Gabinete, e na campanha, era o mesmo homem com diversas figuras, Marte em hum theatro, no outro Mercurio.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os successos de Africa neste anno de 1515.

SEMPRE heróicos os pensamentos do Governador de Çafim Nuno Fernandes de Ataide, estimulado com a façanha de Diogo Lopes, que como dissemos, che-

chegou a bater ás pórtas de Marrocos: Era vulg.
Elle lhes deo tanto mais de ſublimidade, quanta era a vantagem, que concebeo de render a meſma Cidade. Quando elle ſe entretinha neſta idéa magnanima, foi informado das irrupções, que o Xerife fazia na Provincia de Xiatima, tributaria da noſſa Coroa. Elle naõ pode eſcuſar-ſe de mandar ſoccorrer eſtes alliados pelo Adail Lopo Barriga, que chegou quando o Xerife ſe recolhia com importantes deſpojos. Sem perder tempo foi ſobre elle eſte bravo homem, que alcançando ainda a retaguarda dos inimigos a fez em poſtas.

Depois deſta vantagem ſoube, que o Xerife ſe havia retirado para o fórte Caſtello de Amagor, plantado ſobre huma montanha na confluencia de duas ribeiras, que faziaõ muito difficultoſa a ſobida. Lopo Barriga, que nada tinha por impoſſivel em confrontando a glória com a difficuldade, determinou forçar o Caſtello, e pedio mais forças a Çafim. Nuno Fernandes lhe mandou 200 cavallos, e alguma infantaria ás ordens de ſeu ſobrinho Jorge

Era vulg. Mendes Serveyra, que foi guiado de hum Mouro por caminhos occultos, até o levar aonde eſtava Lopo Barriga com a ſua gente, e mil cavallos de Xiatima, que mandava Cide Buxima. Era Sol poſto, quando aviſtáraõ o Caſtello de Amagor, que tinha 200 Aldêas ſuas dependentes. Ao romper o dia, que era o ponto deſtinado para o avance da montanha, foi viſto o Xerife, que marchava em retirada com todos os ſoldados, e moradores. Correo Lopo Barriga a impedir a fugida, e junto ao Caſtello encontrou ainda 150 cavallos, e 200 infantes, que ſe víraõ neceſſitados a defender-ſe.

Eſtes infelices levados ás cutiladas para dentro do Caſtello, quaſi todos foraõ degollados. A paiſanage conſternada ſe deſpenhava da montanha, ficando mais de mil eſmagados, outros eſpetados pelas pontas das arvores: eſpectaculo á humanidade ſenſivel, ao furor grato. O Xerife deveo a liberdade ao ſeu cavallo: fizemos 400 captivos, e durou tres dias o ſaque, que pagou bem aos noſſos Mouros de Xia-

ti-

tima a perda precedente, naõ nos cuſtando eſta acçaõ mais que hum homem. Pouco depois o incançavel Barriga com Abentafut foi dar ſobre o Fórte de Adebalo, ſendo elle o primeiro, que ferrou o muro. Acabada eſta empreza, que nos deixou captivos, e deſpojos, os dous Chéfes foraõ informados, que a campanha eſtava ſegura; porque o Xerife ſe fora refugiar no Caſtello de Alguel. Erá vulg.

Déraõ elles eſta noticia a Nuno Fernandes, pedindo-lhe marchaſſe em peſſoa para todos unidos o inveſtirem, na certeza de que o fariaõ priſioneiro. Veio o Ataide, e marchando todos, quando eſtavaõ a duas legoas de Alguel, elle ſem dizer palavra, voltou caras, e ſe recolheo a Çafim. Já mais ſe penetrou o que quiz dizer eſta manobra do Ataide, que teve de ſe arrepender della, ſabendo depois o terror do Xerife, que abandonou o Caſtello; ſe retirava para Suz; deixava hum ſeu irmaõ no Caſtello com 20 cavallos para o ſeguir em aviſtando os Portuguezes; mas que elle aviſado do ſeu retro-

Era vulg. cesso para Çafim, tornou a entrar em Alguel. Privou-se o Ataide de huma glória grande: o seu Adail Barriga naõ quiz escusar-se a outra, para que o convidáraõ os Mouros nossos confederados. Era ella a mesma da conquista de Alguel, para onde partíraõ, o Barriga com 150 cavallos, os Mouros com 800, e 400 infantes mandados por Cide Buxima.

Tres legoas antes de chegar ao Castello, foi ouvido hum grande estrondo de vozes no nosso campo, que o obrigou a formar-se em batalha, fazer alto, esperar quem vinha. Passado pouco tempo apparecêraõ alvoraçados muitos vassallos do Xerife, que vinhaõ pedir a Lopo Barriga a protecçaõ das nossas armas. Como as trópas do mesmo Xerife os seguiaõ, os nossos corrêraõ a ellas de tropel, e as foraõ levando até ás visinhanças do Castello. Tomáraõ os Mouros todas as avenidas, aonde os nossos naõ podiaõ chegar sem soffrerem o fogo continuado, que elles faziaõ dos lugares, aonde se haviaõ entrincheirado. Por tudo rompeo a audacia

cia do noſſo valor, ainda que com o deſconto da vida de dezaſeis homens, entre elles o alentado Sebaſtiaõ Matoſo, natural de Caſtello Branco, que reſpirava em Africa hum ar todo heróico. Lopo Barriga foi deitado a terra de hum bote de lança, e feito priſioneiro: mas arrancando outra das mãos de hum Mouro, fez com ella taes proezas, que os Barbaros atonitos o deixáraõ, antes que em ſoccorro do Tigre indomito chegaſſe a ſua gente, que corria a valer-lhe arrebatada do ardor, com que o amava. Era vulg.

Outro Capitaõ, que naõ foſſe Lopo Barriga, ſe approveitaria da conſternaçaõ dos Mouros póſtos em fugida; mas elle prudente, e valeroſo, para naõ cahir em alguma cilada, eſperou melhor occaſiaõ, ou de atacar o Caſtello, ou de novo combate. Elle ſe abarracou na ſua frente, aonde eſteve tres dias com eſcandalo dos Mouros, que naõ o podéraõ ſoffrer ſem deſpique. Vieraõ ás mãos huns, e outros inimigos; mas os noſſos Mouros confederados, vendo marchar o Senhor da

Era vulg. Serra, que trazia para a Praça hum bom reforço; elles, que nos convidáraõ para esta empreza, abandonaõ o campo, deixaõ os Portuguezes, priváraõ-se da glória de hum triunfo. Em quanto durou o dia Lopo Barriga com a sua pouca gente sustentou o campo, detéve o passo ao soccorro; mas notando que a sua obstinaçaõ era mais que dura, cedeo da teima por naõ parecer temerario, e se recolheo a Çafim, encontrando no caminho 500 dos nossos Mouros mortos de frio, e do trabalho.

A chegada de Lopo Barriga acabou de determinar a Nuno Fernandes para a expediçaõ, que elle trazia concebida em si, sem até entaõ a revelar a alguem. Disse-lhe o Barriga, que os Mouros confederados lhe lembravaõ, como elles estavaõ promptos para o seguir naquella empreza occulta, para que os tinha convidado. A grandeza da alma de Nuno Fernandes o fez entender, que para huma façanha tal como a da conquista de Marrocos, naõ necessitava ajuntar munições, conduzir

artelharia, nem levar outras máquinas de bater além da do ſeu valor, que em chegando á viſta da numeroſa guarnição da Praça, derramaria nella tal eſpanto, que lhe tiraria a corage para a defenſa. Era vulg.

Communicou elle o ſeu diſignio a D. Pedro de Souſa, Commandante de Azamor, com a noticia de que o Xerife ſe achava em Marrocos, e que elle neceſſitava para tal empreza huma companhia como a ſua. D. Pedro veio em peſſoa a Çafim conferir o modo, e os meios da ſua execução, e ficou determinado, que no campo das Sabinas ſe ajuntariaõ, elle com 200 cavallos, o Ataide com 300, os Mouros da Xerquia com 800, os de Garabia com 1$000, os de Dabida com 600. A eſtes deſtacamentos ſe ajuntou hum corpo de infantaria a 22 de Abril no campo das Sabinas, aonde ſe revelou o deſignio aos Mouros, que o ouvíraõ com alvoroço cheio de corage. Appareceo a pequena trópa á viſta de Marrocos. Os Mouros a eſtimáraõ pela vãguarda do grande Exercito, que preſumiaõ

Era vulg. miaõ marchava a formar o ſitio da ſua Capital.

O ataque, por conſelho de D. Garcia Deça Zuleyma, ſe havia fazer á porta de Féz, para onde ſe foi guiando a marcha por entre dous outeiros viſinhos á Cidade. Segundo a ordem, que levavaõ nella, quando houveraõ de formar-ſe, ficou Nuno Fernandes immediato a D. Pedro de Souſa em hum largo junto á porta de Féz: os Mouros da Xerquia á ſua eſquerda para a porta dos Curtidores: os de Garabia para a de Belabeceti; os de Dabida para a de Rob, todos taõ expeditos, como ſe houveſſem de bater as portas, e os muros com os braços, e os peitos. O Rei, o Xerife, os Commandantes de Marrocos, aonde havia hum mundo de gente, naõ vendo no campo mais que o punhado de homens, que tinhaõ na frente, mandáraõ hum groſſo deſtacamento a inveſtillos. Elles fizeraõ muito em ſoffrer eſte primeiro repelaõ dos inimigos, que matáraõ alguns dos noſſos Mouros, feríraõ ao ſeu Commandante Cide Meimaõ, e deitáraõ do ca-

val-

vallo abaixo a Lopo Barriga, que deveo a liberdade aos Mouros de Garabía. Era vulg.

Esta vantagem dobrou a confiança dos Barbaros, e fez os nossos mais circunspectos para conhecerem na face da temeridade o perigo, em que se mettêraõ. Nuno Fernandes de Ataide teve por conveniente retirar-se em boa ordem com a reputaçaõ taõ inteira como o seu espirito, e buscar a margem de hum rio para nelle se fazer fórte a qualquer resoluçaõ dos contrarios. Elles o seguíraõ até hum desfiladeiro, que fórma o rio. Nelle se cobríraõ os nossos, e fulmináraõ os Barbaros com tanta intrepidez, que se pozéraõ em vergonhosa retirada. Entre os valerosos, que na Cidade se tomáraõ do furor pela audacia, com que os Portuguezes chegavaõ a balroar com estrépito as pórtas de Marrocos, foi o mais accezo hum Alcaide do Rei de Féz, que viéra com os Xerifes a esta Corte. As suas persuasões obrigáraõ os de Marrocos a passar o rio para forçarem o desfiladeiro, aonde os Portuguezes se haviaõ entrin-

Era vulg. trincheirado. Elles ſe portáraõ no avánce com tanta corage, que derrotadas as primeiras fileiras, as mais naõ ſe attrevêraõ a paſſar; retrocedêraõ para a Cidade, e os Portuguezes ſe recolhêraõ ſem oppoziçaõ ás ſuas Praças.

Os Xerifes envergonhados na preſença do Rei de Marrocos, por deixarem ir ſem caſtigo aos Portuguezes, que lhe inſultáraõ a ſua Corte, naõ correſpondendo contra eſtes homens attrevidos as ſuas obras ás palavras; elles tomáraõ o expediente de deſpedir-ſe, e retirar-ſe para Dará a engroſſar o ſeu partido. Como em breve tempo ſe víraõ poderoſos, formáraõ o projecto de ſe fazer ſenhores do Cabo de Aguer, e do ſeu caſtello nas margens do rio Aguz. Elles o conſeguíraõ com aſſombro da Berberia, que o eſtimou por hum effeito da virtude dos ſeus authores. Avançando as induſtrias para os fins propoſtos por ſeu Pai, ſe apoderáraõ no Reino de Sus de hum grande valle com 60 legoas em quadro, que naõ tinha mais que a pequena povoaçaõ de Tarudante; que cultiváraõ com

a

a ſua gente para nella lançarem os fundamentos a hum pequeno Eſtado, e que em pouco tempo deixáraõ vêr reſpeitavel a famoſa Cidade de Tarudante. Era vulg.

Da conquiſta do Cabo, e da povoaçaõ do valle déraõ elles parte aos Reis de Féz, e de Marrocos: vantagens, que lhes davaõ eſperanças firmes de ſacudirem os Portuguezes de Africa. Naõ faltáraõ vaſſallos daquelles Principes mais illuminados, que elles, que os advertiſſem zeloſos, como os progreſſos dos Xerifes já moſtravaõ naõ ſe encaminharem tanto a expulſarem os Chriſtãos, como a dominarem os Mouros: Que eſta ultima manobra já reſpirava Soberania, que os obrigava a olhar por ſi com tempo, antes que o mal ſe fizeſſe incuravel. Mas como a Providencia deſtinára aos Xerifes para inſtrumentos do caſtigo daquelles Monarcas, taõ longe eſtivéraõ de differir aos pareceres dos ſeus vaſſallos, que antes enviáraõ groſſos ſoccorros aos inimigos occultos, que traçavaõ a ſua ruina.

Quan-

Era vulg. Quando os Xerifes aſſim ſe conduziaõ ardiloſos, D. Joaõ Coutinho, Governador de Arzila, convidava a D. Duarte de Menezes, que tinha o meſmo emprego em Tangere, para marcharem ambos a aſſollar a ſerra do Farrobo habitada de bravos Cavalleiros, eſpecialmente a Aldêa de Limbilia, como ſempre deſejára o Conde de Borba, ſeu Pai. Ao conſelho ſe ſeguio a execuçaõ; mas os dous Chéfes encontráraõ os de Limbilia taõ prevenidos, que os eſperáraõ á raiz do monte, aonde os deſafiáraõ para ſubirem em ſeu ſeguimento. Elles o fizéraõ com tamanho impeto, que os Barbaros entráraõ por huma, e ſahíraõ por outra das pórtas da Praça, que logo foi reduzida a cinzas. O meſmo deſtino tivéraõ outros muitos Lugares, ficando quaſi herma, e perdida a eſpecioſidade da fertil ſerra do Farrobo.

Na alternativa dos ſucceſſos humanos ſe ſeguem os infortunios ás proſperidades, como o experimentou El-Rei D. Manoel na fabrica da Fortaleza de Marmora, que foi cauſa da maior per-

perda, que elle teve em todo o ſeu Reinado feliciſſimo. Quiz El-Rei ſer ſenhor das commodidades do rio de Marmora para a ancoragem das Armadas, que hiaõ a Africa, e com huma de 200 vélas, e oito mil homens, mandou a D. Antonio de Noronha fazer huma Fortaleza na ſua embocadura. A diligencia, com que ſe trabalhava neſta obra, e o eſtrondo da ſua fabrica deſpertou aos Reis de Féz, e de Mequinéz para impedirem, que os Portuguezes ſe fizeſſem ſenhores do rio. O de Féz com muito maior razaõ o devia temer: porque eſtando a ſua Corte duas legoas diſtante de Marmora, para o futuro podiaõ elles formar algum deſignio, que lhe foſſe fatal. Os dous Principes colligados naõ perdoáraõ a esforço para nos divertirem, ſendo neceſſario na continuaçaõ do trabalho ter em huma maõ a ferramenta, em outra a lança, os homens a hum tempo artifices, e ſoldados. Era vulg.

Houve encontro, em que perdemos mil, e duzentos homens, ſendo pouco o valor de D. Antonio de Noronha, de

D.

Era vulg. D. Nuno Maſcarenhas, e dos muitos Fidalgos do noſſo campo para reprimir o impeto, e a multidaõ dos Barbaros. A eſta continuada fadiga ſe ajuntou a falta de mantimentos no campo, e na Armada: infelicidade, que fez deſeſperar os noſſos Chéfes do bom ſucceſſo da empreza, e os obrigou a aviſar a El-Rei o perigo, em que ſe achavaõ. Elle lhes ordenou, que abandonaſſem a Fortaleza, e ſalvaſſem a Armada com honra. Nós naõ devemos attribuir eſta deſgraça tanto ao valor, e multidaõ dos Mouros, como á noſſa deſordem, e confuſaõ na Armada, e no Exercito. Derramou-ſe ella entre os Portuguezes, que ſem acordo perdêraõ quatro mil vidas, a maior parte affogadas no rio; abandonáraõ quantidade de artelharia, e munições; deixáraõ captivar familias inteiras, que foraõ para povoar a Fortaleza, e varar nas praias quaſi cem navios, que fizéraõ mais ſenſivel o deſtroço.

CA-

CAPITULO VII.

Principiaõ os ſucceſſos do anno de 1516 na Europa, e na India.

ENTROU eſte anno fatal para a Monarquia de Caſtella pela perda, que fez do ſeu grande Rei D. Fernando, o Catholico, digno de nome immortal na Hiſtoria. Soube El-Rei D. Manoel, ſeu genro, que elle adoecêra indo de Palencia para Sevilha, e o mandou viſitar por Joaõ Rodrigues de Sá, e Menezes, que o encontrou no lugar de Madrigalejo, aonde falleceo a 23 de Janeiro. Quando El-Rei foi aviſado da ſua mórte, ordenou ao meſmo Miniſtro fizeſſe os cumprimentos de pezames á Rainha de Germania, ſua mulher, ao Infante D. Filippe, ſeu neto, e eſcreveo a Rodrigo Fernandes de Almada, ſeu Reſidente em Anvers, para que exactamente lhe déſſe informaçaõ de tudo o que ſe paſſaſſe em Alemanha, e no Paiz Baixo, como inſtrucçaõ neceſſaria para elle ſe prevenir confórme

Era vulg. 1516

aos

Era vulg. aos movimentos dos Principes Auſtriacos, originados da mórte do Rei Catholico.

Ao meſmo tempo deſpedio a Pedro Correa, Fidalgo de grandes experiencias, com o caracter de Plenipotenciario junto á peſſoa do Imperador Maximiliano, Avô do Archiduque Carlos, primogenito de ſeu filho Filippe I. Rei de Caſtella, por ſua mulher a Rainha D. Joanna. O aſſumpto deſta Embaixada era apertar mais os laços da uniaõ com a propoſta de dous caſamentos, hum de ſua filha a Infante D. Iſabel com o Archiduqne Carlos, outro da Archiduqueza D. Leonor com D. Joaõ, Principe de Portugal. O Imperador eſcutou a propoſta com muito agrado; mas como a conjuntura do tempo naõ conſentia a concluſaõ do ajuſte, differindo-ſe ella para outra occaſiaõ, o Miniſtro voltou para o Reino.

Pelo meſmo tempo foi El-Rei aviſado por D. Miguel da Silva, ſeu Embaixador em Roma, que depois foi Biſpo de Viſeo, e Cardeal, como o Papa

pa Leaõ X. mettêra no Cathalogo dos Santos a Rainha D. Isabel, mulher del Rei D. Diniz, para que na Lusitania se lhe désse o culto público, de que a faziaõ digna as suas virtudes heróicas; que a seu filho o Infante D. Affonso o criára Cardeal; e que lhe concedêra o Padroado dos Mestrados do Reino com exclusiva de todas as Provisões de Roma, bastando a sua nomeaçaõ arbitraria por apresentaçaõ, e confirmaçaõ. Era vulg.

Quando em Africa, e no Reino succediaõ as cousas, que eu tenho referido, na India acabadas as exequias do grande Affonso de Albuquerque, o seu Successor Lopo Soares em Cochim traçava idéas magnanimas, que escurecessem a fama deste Heróe; mas elle foi pouco mimoso da ventura. O seu Chéfe de obra foi mandar huns Emissarios á Rainha Regente de Coulaõ para lhe requererem: Que a Igreja de Saõ Thomé arruinada pelos Mouros na rebeliaõ, em que matáraõ ao Feitor Antonio de Sá, fosse reparada, e as suas rendas restituidas: Que ella pagasse em satisfaçaõ das fazendas del Rei, e dos

Era vulg. vassallos, que entaõ se tomáraõ, 500 bahares de pimenta; e que se obrigasse a dar carga ás nàos de Portugal, primeiro que ás de outra qualquer Naçaõ: propostas, em que a Rainha conveio sem repugnancia.

Depois expedio cinco nàos para o Reino, em que embarcou D. Garcia de Noronha, e elle partio para Goa a resuscitar a questaõ, se esta Cidade devia, ou naõ ser conservada no nosso dominio. El-Rei irresoluto em se deliberar pela contrariedade dos avisos, que lhe mandavaõ sobre esta materia na vida do Albuquerque, entendeo prudente que a havia deixar á decisaõ daquelles, que com o exame dos olhos estavaõ vendo a situaçaõ dos lugares, bem instruidos nas leis, e costumes dos Póvos, na conveniencia, ou desinteresse da conservaçaõ de Goa. Já era morto o Albuquerque; tinha cessado a inveja; naõ fazia a emulaçaõ os seus officios, e concordáraõ todos, que era huma covardia affrontosa abandonar huma Cidade taõ respeitavel, como era Goa: Que ella se fortificasse, se lhe

au-

augmentasse a guarnição, fosse estimada como Capital do nosso Estado: decisaõ, que aprováraõ agora o Governador, depois El-Rei. Era vulg.

Já á este tempo D. Aleixo de Menezes, mandado pelo mesmo Governador, navegava para o mar da Arabia com oito náos, de que eraõ Capitães, além delle, Francisco de Tavora, D. Alvaro da Silveira, Christovaõ de Brito, D. Diogo da Silveira, Alvaro de Brito, Nuno Fernandes de Macedo, e Joaõ Gomes, que levavaõ ordem para invernar em Ormuz, e o avisarem se se preparavaõ náos do Soldaõ para virem á India. O Governador, que tinha tanto de vivacidade, como de acçaõ, já restituido a Cochim, e despedida esta Esquadra, mandou outra de tres náos ás ordens de Fernaõ Peres de Andrade para descobrir a China, como El-Rei lhe ordenára: instruio-se em todo o genero de negocios, de que tomou pleno conhecimento, e renovou os Tratados de Alliança, que o Albuquerque celebrára com os Reis visinhos.

Os successos das duas Esquadras foraõ

Era vulg. raõ pouco vantajosos. D. Aleixo de Menezes naõ lhe servindo o tempo para cruzar os mares da Arabia, se recolheo sem fructo a invernar em Ormuz, donde voltou para a India. Fernaõ Peres foi dar á Ilha de Çamatra, aonde houve permissaõ do Rei de Pacem para se fazer huma Fortaleza no seu porto; chegou a Malaca para se prover do necessario: continuou a viagem; mas em huma enseada do Reino da Cochinchina o atacou tormenta taõ furiosa, que tornou a arribar a Malaca. Jorge de Brito, que governava esta Praça, opprimido ao mesmo tempo por falta de viveres, mandou a Henrique Leme ao Reino de Pegú para os conduzir. Elle foi ao porto de Martabaõ, aonde fez provimentos com abundancia; mas quando estava a ponto de partir, os Mouros, a quem elle tomára huma náo, o accusáraõ de Cossario, querendo obrigallo á restituiçaõ da preza. O Rei favoravel aos Mouros mandou atacallo por huma Fróta de paráos, de que se defendeo tres dias ás bombardas, até que a náo fustigada das ondas, e da con-

continuação do fogo, abrio por hum costado, e se foi ao fundo. A gente, que se quiz salvar nos batéis na Ilha de Çamatra, se perdeo com mórte de 28 Portuguezes, e 20 Jaos, e o Leme teve a fortuna de ferrar na sua lancha o porto de Pedir, aonde foi tratado pelo Rei com muita humanidade. Era vulg.

Quando se sentiaõ na India acontecimentos pouco vantajosos, que faziaõ lembrar a fortuna do Albuquerque, a piedade del Rei em Lisboa tinha grande prazer com as noticias, que do Reino de Congo lhe enviava o Padre Ruy de Aguiar, que elle mandára como Inspector dos negocios da Religiaõ. Este Padre o avisava, de que o Christianismo se professava abertamente em todo o Reino: Que o Rei D. Affonso naõ parecia homem, senaõ hum Anjo, que Deos mandára para illuminar aquella Regiaõ das trévas: Que elle manifestava o seu zelo no pontual exercicio de Catholico; contínuo na liçaõ das Escrituras; instruido nos mysterios da Creaçaõ, e Redempçaõ; cuidadoso em fazer, que se pagassem os dizimos;

taõ

Era vulg.

taõ attractivo nas práticas eſpirituaes, que parecia fallava nelle o eſpirito do Senhor, que taõ bem o dirigia para os acertados expedientes do governo do ſeu Reino.

Franciſco I. de França dava ao meſmo tempo evidencias da ſua eſtimaçaõ para com o grande Rei de Portugal na Embaixada ſolemne, em que o convidava para entrar com elle na Liga contra o Archiduque Carlos, novo Rei de Heſpanha. D. Manoel ſe eſcuſou a eſta pretençaõ, por ſe conſiderar ligado com Carlos pelo parenteſco, com França pela alliança, e prometteo a neutralidade. Sigiſmundo I. de Polonia, que tinha os meſmos ſentimentos, que D. Manoel na exaltaçaõ da Fé, e fazia educar a Nobreza do Reino no exercicio das armas para as empregar contra os Turcos, permittio a tres Fidalgos da ſua Corte, que deſejavaõ vêr o Rei, e ſer armados Cavalleiros pelas ſuas Reaes Mãos, que vieſſem a Portugal, aonde foraõ tratados com civilidades diſtinctas, armados Cavalleiros pelo meſmo Rei, em acto de grande

magnificencia: ceremonia, de que elles recebêraõ hum prazer extremo. Era vulg.

A expediçaõ infeliz de Marmora parece que deixou em Africa menos plausivel o gosto nos nossos successos faustos, que sensivel a lástima nos infortunios. Huns, e outros tem que nos representar a Historia por estes tempos, os primeiros em Arzila, em Çafim os segundos. D. Joaõ Coutinho, que governava aquella Praça, tendo por intoleravel as correrias do Rei de Féz sobre ella, que lhe impedia a entrada dos mantimentos, determinou-se a ir buscallos á importante Aldêa de Tintaxe, situada quasi debaixo do canhaõ de Alcacer-Quivir. Elle marchou com 250 cavallos a hora taõ propria para subprender os Barbaros, que entrando na Aldêa, degolou, e captivou a muitos; fazendo conduzir mil cabeças de gado grosso, que era a maior vantagem. A guarniçaõ numerosa de Alcacer o veio perseguir na retirada; mas a favor da grande cheia de huma ribeira, que hia cobrindo a ponte, elle a passou animoso, os Mouros pará-

Era volg. ráraõ covardes, o despojo forneceo Arzila de carnes, e a acçaõ enfureceo o Rei de Féz.

Para elle a despicar marchou a sitiar Arzila com o poderoso Exercito de 30 mil cavallos, e 70 mil infantes, artelharia, máquinas, e munições correspondentes a tanto empenho. D. Joaõ Coutinho se prevenio para huma vigorosa defensa: distribuio os Officiaes, e a guarniçaõ pelos baluartes: mandou coroar a muralha de bandeiras de dia, de luminarias de noite, para mostrar aos Barbaros, que o sitio elle o recebia de festa. Porque a coragem naõ derrotasse a prudencia, fez avisos a Portugal, donde logo partio D. Nuno Mascarenhas com 120 cavallos: a Nuno Ribeiro, Feitor del Rei em Malaga, que lhe mandou 200 Castelhanos: a Carlos, Alcaide do Porto de Santa Maria, que lhe enviou alguma gente da mesma Naçaõ; effectiva, e zelosa na defensa da Fé em serviço de Rei estranho.

O canhaõ dos inimigos era taõ bem servido, e o fogo taõ continuado,

do, que o eſtrago dos muros entrou a moſtrar, que o ſitio era mais para temer, do que no principio ſe penſára. Todo o noſſo cuidado ſe applicava a reparar eſtas ruinas: manobra importante, que tomou á ſua conta o valor extremoſo, e a conſtancia inalteravel de Ruy de Souſa o Cid, e de Franciſco Doria, Genovez, e primo do grande André Doria, que ſervia voluntario em Arzila, debaixo das noſſas bandeiras. Neſta ſituaçaõ ſe achavaõ os ſeus defenſores generoſos, quando chegáraõ de ſoccorro Ruy Barreto, e Garcia de Méllo com doze caravellas, carregadas de trópas eſcolhidas, que déraõ novos alentos aos ſitiados para intrépidos repellirem os aſſaltos, avançar os trabalhos, contraminar as minas, redobrar a defenſa. Entaõ fugio para o campo hum Mouro captivo, que informou ao Rei de Féz, como os Portuguezes nada menos cuidavaõ, que em render-ſe, que ſem embargo da ruina dos muros, elles tinhaõ feito novos entrincheiramentos; que a ſua artelharia era muita, a guarniçaõ numeroſa, el- Era vulg.

la

Era vulg. la determinada a resistir até aos ultimos alentos.

Bastou este informe para o Rei de Féz tomar a resoluçaõ de levantar o sitio, se o de Mequinéz, seu irmaõ, naõ lho impedíra. Este Principe restituio a corage aos sitiadores, que avançáraõ os trabalhos com esforço, e vigor dobrado para aballarem com assaltos contínuos a firmeza dos Portuguezes: mas encontrando nelles huma resistencia sempre igual, descobrindo trinta náos, que El-Rei D. Manoel mandava de soccorro ás ordens do memoravel Diogo Lopes de Siqueira, os Reis se applicáraõ a levantar o sitio de modo, que se naõ soubesse na Praça. Elles o naõ podéraõ conseguir, nem esconder o intento á vigilancia de D. Joaõ Coutinho, que sahio a tempo de matar, e fazer prisioneiros na sua reta-guarda. Recolheo-se o Chéfe á Praça coberto de glória, que naõ sei se nesta occasiaõ foi inferior, igual, ou superior a que adquirio Simaõ Gonçalves da Camara, Governador da Ilha da Madeira, elle, e

e esta sua acção, que vou a referir, bem dignos da Historia. Era vulg.

Este Fidalgo se queixava, (devera fazello dos homens, naõ del Rei) de que o seu Soberano naõ lembrado de tantos serviços, que as conquistas de Africa já mais poderiaõ riscar da memoria, o havia feito perder grande parte das rendas, e dos direitos, que tinha na Ilha, e sempre os gozáraõ os seus Predecessores. Elle sabia, e contemplava, que El-Rei D. Manoel era hum dos Principes mais excellentes, que o mundo víra; mas que as sugestões de homens intrigantes podiaõ tanto com elle, como os effeitos o tinhaõ mostrado: Em Affonso de Albuquerque, que acabando de fazer tremer a Asia, o depozeraõ com ignominia do Governo para morrer ás mãos dos desgostos: Em Duarte Pacheco Pereira, que recebendo por premio de abysmar com o seu valor a India, entrar em Lisboa ao lado do mesmo Rei, debaixo de hum pálio, depois fora arrojado aos carceres, passára a vida faminto, morrêra nos Hospitaes,

ja-

Era vulg. jazia em monumento eſcuro abſolutamente ignorado: Em Vaſco da Gama, que ſendo author da maior façanha no deſcobrimento da meſma India, teve por premio tres letras em hum Dom; devendo os diminutos, que depois ſe lhe déraõ, menos ao ſeu merecimento, que ás inſtancias prudentes de hum valido.

Com eſtas lembranças uuidas á pouca attençaõ, que a Corte tinha aos ſeus requerimentos, Simaõ Gonçalves da Camara determinou embarcar-ſe na Ilha, e ir paſſar o ſeu deſgoſto com mudança de fortuna em clima eſtrangeiro. Elle navegava para Sevilha, e hum temporal o trouxe á bahia de Lagos no Algarve, aonde ſoube o aperto, em que ſe achava Arzila. Entaõ a fidelidade fez eſquecer a injúria, e ſem perda de tempo ſe foi Simaõ Gonçalves metter na Praça ſitiada com 700 homens pagos á ſua cuſta. Acabado o ſitio, Fidalgos, e ſoldados exhauſtos de meios para ſubſiſtirem mais tempo em Arzila, quizeraõ recolher-ſe para o Reino com deſprazer grande do Gover-

ver-

vernador, que naõ lhe ficava gente para defender-se, se os Mouros voltassem, nem para reparar os muros, que elles arruináraõ. Era vulg.

Entaõ subio ao mais alto ponto a dilataçaõ de animo, e a fidelidade inimitavel de Simaõ Gonçalves. Entaõ se foi elle offerecer a D. Joaõ Coutinho, naõ só para servir na Praça com a sua gente todo o tempo, que elle entendesse necessario; mas mandou deitar hum bando, em que promettia dar da sua fazenda quatro cruzados por mez a cada hum dos soldados, que estavaõ a partir para o Reino se quizessem mudar de opiniaõ, e servir ao seu Rei em Arzila. Todos ficáraõ; e D. Joaõ Coutinho fez valer na Corte este serviço, como elle merecia. Quando foi tempo, Simaõ Gonçalves navegou para Sevilha, satisfeito com haver servido sem esperar premio: mas o grande Rei arrependido de haver escutado as vozes dos emulos, e tocado da generosidade de Simaõ Gonçalves, lhe escreveo huma honrada Carta, em que lhe ordenava se recolhesse ao Reino,

aon-

Era vulg. aonde veria nos ſeus requerimentos a meſma attençaõ, de que era merecedor quem os fazia.

CAPITULO VIII.

Conclue-ſe com os ſucceſſos de Africa, e ſe continúa com os da India.

ÁS vantagens felices de Arzila ſe ſeguíraõ os ſucceſſos infauſtos de Çafim, que hiaõ ſendo cauſa de mudarem de ſemblante os noſſos triunfos de Africa. Alguns Mouros de Uledemet, comarcãos de Marrocos, que eraõ noſſos tributarios, e tinhaõ em refens a alguns dos ſeus filhos em Çafim, vieraõ queixar-ſe a Nuno Fernandes de Ataide, como os da Xerquia lhes devaſtavaõ os ſeus campos, e faziaõ outras injúrias, como ſe elles naõ foſſem tambem vaſſallos do Rei de Portugal. Chamavaõ os fados ao grande Nuno Fernandes para encontrar o ſeu deſtroço no caſtigo daquelles inſolentes, a maior parte Cavalleiros diſtinctos da Cabilda de Ulet Ambraõ, pertencente á Xerquia, go-

vernados pelo alentado Raho Benxamut. Contra elles ſahio o Ataide a campo na téſta de 430 cavallos Portuguezes, de alguma infantaria, e dos Mouros alliados de Dabida, e Garabia. Ao romper o dia foraõ atacados os inimigos ſem cautéla, mettidos em derrota, ſem eſcapar do eſtrago mais que Raho, com poucos, que tinhaõ os cavallos promptos. Era vulg.

Com preza importante, em que entrava Hota, mulher de Raho, o Ataide ſe recolhia para Çafim, e foi paſſar a calma a Alguz, quatro legoas de Marrocos. Aqui ſe deixou vêr Raho com 80 cavallos, que vinha ſeguindo a prenda da ſua alma, e pode fallar aos Mouros, noſſos amigos, para os perſuadir a abandonarem a noſſa alliança; mas elles naõ ſe déraõ por entendidos. Já ſeguindo a marcha aviſtou Hota a ſeu marido, e conſeguio de alguns Portuguezes faceis, licença para lhe fallar. Da practica ſahio Raho com furor de tigre, que lançando-ſe á retaguarda coberta por D. Affonſo de Noronha, genro do Ataide, a enrolou,

Era vulg. e defcompoz. Acudio o grande Nuno á refrega, dizendo aos noffos com ar graciofo naõ lhe mataffem os feus Mouros, que lhe cuftavaõ muito a criar: mas o morto foi elle; porque o defefperado Raho, obfervando-o com o elmo levantado por caufa do muito calor, defpedio huma fétta com pontaría taõ jufta, que atraveffando-lhe a garganta, o deitou a terra fem vida.

O tempo, que os Portuguezes haviaõ empregar na vingança de hum Heróe morto na fua prefença, elles o gaftáraõ na difputa de quem havia tomar o commandamento, fe D. Affonfo de Noronha, ou D. Affonfo de Ataide. Da noffa inacçaõ fe approveitou Raho para attrahir ao feu partido a todos os Mouros noffos alliados, que fe uníraõ com elle, fe lançáraõ fobre os Portuguezes; quafi fem refiftencia os paffáraõ á efpada; apenas efcapáraõ cem, que fugíraõ para Çafim; Raho ficou fenhor dos defpojos, que fe tinhaõ feito, efpecialmente fua mulher Hota, que para elle era o de maior valor, e ella a origem da fua gentileza

naõ

naõ vulgar. Quaſi toda a Nobreza, que era muita, ficou morta no campo, e nós entramos a ſentir em Africa os effeitos deſta calamidade no abatimento da reputaçaõ, que D. Nuno Maſcarenhas, ſucceſſor de Nuno Fernandes, bem conſiderava difficultoſa de reſtituir. Era vulg.

A de Raho foi ſublimada pelos Mouros ao mais alto tom de magnificencia; e a ſua eſpoſa Hota, para deixar hum alto exemplo de fineza grata, quando Raho foi morto com a meſma qualidade de morte, que déra a Nuno Fernandes na primeira batalha, que o Rei de Féz deo ao Xerife, depois de lhe fazer as ultimas honras, ella ſe deixou morrer de fome, e ordenou antes, que a ſepultaſſem no meſmo monumento com ſeu marido: jazendo iſſeparaveis na mórte os extremos de fidelidade, que o amor unira na vida.

Quando a noticia da noſſa derrota chegou a Portugal, ſe achava em Liſboa Abentafut, que Nuno Fernandes remettêra preſo a El-Rei pelo crime de ſegunda credulidade facil, naſcida da

Era vulg. calúmnia com que os Xerifes quizeraõ arruinar eſte grande homem. El-Rei que lhe reconheceo a fidelidade, e o zelo, e antes de o mandar para Africa com mercês, e empregos novos, o tratava com muito agrado; elle lhe facilitou a tomar a reſoluçaõ de adoçar o deſgoſto, que entendeo teria El-Rei concebido, fazendo-lhe huma falla viva, e pathetica a reſpeito da perfidia dos Mouros alliados, e da ruina do Ataide com 35 Fidalgos benemeritos, e de outros ſoldados de valor, criados na guerra. A ſua perſuaſaõ foi taõ efficaz, produzio taes effeitos no eſpirito do Rei, que elle o encarregou de ir a Africa trabalhar na reconciliaçaõ dos Mouros rebeldes, concedendo-lhes huma amniſtia em todo o tempo das negociações; taõ activas da parte de Abentafut, que em breve tempo, perdoado o crime, os ſubmetteo ao meſmo jugo, que haviaõ ſacudido.

Concluíraõ-ſe os ſucceſſos deſte anno em Africa com o martyrio glorioſo do Mouro Gonçalo Vaz, que abandonára a Seita de Mafoma, e fazendo-o

 pri-

prisioneiro os seus nacionaes, porque Era vulg.
naõ quiz apostatar, soffreo dous dias
os tormentos mais exquisitos com cons-
tancia catholica, até exhalar a alma co-
mo invicto confessor da Fé. Poucos an-
nos depois o acompanhou na mesma
preciosidade de morte seu irmaõ Joaõ
Vaz, que sempre lhe seguíra os passos
na vida. Com este lucro em Tetuaõ
compensou Deos a nossa perda de Ça-
fim, e com a grande acceitaçaõ, que
encontrou na Persia Fernaõ Gomes de
Lemos, que o Albuquerque mandára
por Embaixador ao Sophi, como fica
dito. Este Fidalgo, quando chegou á
primeira povoaçaõ do continente da
Persia, achou promptos 40 camellos
para o transporte das suas bagagens:
em todos os lugares dependentes do
Sophi se lhe fizeraõ recepções magnifi-
cas: os Governadores das Provincias o
conduziaõ até ao termo das suas juris-
dições: elles lhe faziaõ vêr as Mes-
quitas, e as Fortalezas, que lhe fica-
vaõ sobre a marcha; e quando chega-
va ás Cidades grandes, os Corpos das
Camaras, e os Officiaes do Principe

Era vulg. ſabiaõ a render-lhe as maiores honras.

Na Cidade de Caixaõ, já viſinha ao acampamento, aonde eſtava o Sophi, o eſperou Mirabucaza, Capitaõ General de Perſia, que fora mandado a Goa por Embaixador ao Albuquerque, e agora recebeo a Fernaõ Gomes com as civilidades mais polidas. Chegou em fim ao campo de pavilhões, em que eſtava o Sophi com a guarda de cem mil cavallos, e innumeravel infantaria, ſegundo dizem. O Mordomo Mór da Caſa Real lhe preparou brilhante o aquartelamento, e ſeu Amo o mandou logo viſitar com hum preſente de trutas vivas, que elle acabára de apanhar em huma peſcaria. Depois de grandes honras, banquetes, e entretenimentos, com que o primeiro Miniſtro da Perſia tratou ao noſſo Embaixador, ſe lhe fez aviſo do dia, que o Sophi deſtinára para a primeira audiencia.

O Mordomo Mór o introduzio, e levou ao Pavilhaõ Real, aonde eſtava o Sophi em hum Throno ſoberbo, veſti-

tido de huma roupa ſemeada de flores de ouro, donde ſahiaõ raios luminoſos de innumeraveis brilhantes. Á roda da ſua peſſoa tinha hum ſéquito mageſtoſo, naõ ſó dos Miniſtros Eſtrangeiros, e dos Grandes da Corte; mas de muitos dos Principes, ſeus alliados, e tributarios. Junto ao Throno eſtava preparada huma cadeira para o noſſo Miniſtro, que a occupou depois de haver ſaudado ao grande Imperador com reverencias profundas. Moſtrando elle grande complacencia na entrega das cartas, entrou a fazer perguntas ao Miniſtro com ſemblante agradavel da ſaude, e eſtado do Papa; dos coſtumes, da idade, dos filhos, das leis, do poder del Rei D. Manoel, que elle eſtimava como irmaõ; da prudencia, do valor, e das qualidades de Affonſo de Albuquerque, que tinha em conta de hum dos primeiros Capitães daquella idade. Era vulg.

A todas eſtas perguntas reſpondeo o Lémos com o reſpeito, e igualdade, que devia; e depois offereceo o preſente, que ſe compunha de joias, e pedras

Era vulg. grande preço, de huma cópa de prata lavrada no Reino, de eſpeciarias, que naõ havia na Perſia, de todas as moedas, que ſe cunhavaõ em Portugal, e na India, de humas armas brancas, e gibões de cravaçaõ ſobre brocado, e ſeda, de eſpingardas, arcabuzes, adargas, e duas peças de campanha, que ſobre tudo leváraõ as attenções do Sophi, eſpecialmente depois que vio laborar eſtas armas pelos homens para iſſo deſtinados pelo Albuquerque, que haviaõ inſtruir os Perſas no modo de ſe ſervirem dellas contra os inimigos. Seguíraõ-ſe logo as propoſtas, de que o Miniſtro hia encarregado, que eraõ: Ajuſtarem as duas Potencias da Perſia, e de Portugal huma liga offenſiva, e defenſiva contra os Turcos, e contra o Soldaõ do Egypto: Perſuadir ao meſmo Sophi quizeſſe mandar a Portugal Embaixadores, que o Governador da India faria tranſportar de Ormuz a Liſboa, como huma deviſa honorifica, que marcava a eſtimaçaõ, que os dous Monarcas contratantes faziaõ da ſua nova Alliança; Ultimamente rogar-lhe,

que

que os Persas occupados no serviço do Hidalcaõ, e que tomavaõ armas contra os Portuguezes, os mandasse recolher aos seus Estados. Era vulg.

Respondeo o Sophi á primeira proposta com esta indifferença: Se o Rei D. Manoel pretende fazer comigo esta Liga, como consente, que as suas armas estejaõ occupando Ormuz, sendo huma Cidade, que me pertence como minha tributaria, e que me naõ paga o tributo depois que nella entráraõ os Portuguezes? Avançando o discurso, accrescentou: Que elle sim determinava no anno seguinte fazer a guerra aos Turcos, e ao Soldaõ do Egypto; mas que para ella naõ necessitava soccorros dos alliados, nem dos amigos: Que depois de derrotados aquelles Principes havia fazer huma jornada a Arabia, e ir sitiar no golfo da Persia as Cidades de Catifa, e de Baharem, aonde naõ desestimaria ir acompanhado dos Portuguezes: Que em quanto a mandar Embaixadores a Portugal, elle o naõ devêra fazer na consideraçaõ da grande distancia, e

mui-

Era vulg. muitos perigos de ſemelhante viagem: Que pelo que reſpeitava aos ſeus vaſſallos empregados no ſerviço do Hidalcaõ, elle naõ podia mandar-lhes que ſe recolheſſem; porque depois de ſahirem dos ſeus Eſtados para os de outros Principes, naõ tinha nelles a meſma acçaõ, como ſe aſſiſtiſſem nos ſeus Dominios, quando elles eſtavaõ iſentos da juriſdiçaõ das ſuas Leis; mas que eſcreveria ao Hidalcaõ, ſeu amigo, para fazer a paz com os Portuguezes, aſſim como o praticára já com os ſeus Capitães, ordenando-lhes reſpeitaſſem muito ao Governador da India.

Fernaõ Gomes á viſta deſta naõ penſada reſpoſta, teve por inutil aſſiſtir mais tempo junto á peſſoa do Sophi, e pedio audiencia de deſpedida. Elle a differio com o pretexto, de que o queria fazer participante do ſeu divertimento da caça, e peſca, reſponder ás Cartas del Rei, e do Albuquerque, e mandar-lhe na ſua companhia hum Embaixador, e que entaõ o deſpacharia. O Lémos houve de condeſcender até ſe fazer preſtes o Miniſtro Soleimaõ, que

que o ſeguio á Cidade de Lara nas extremidades da Perſia, aonde embarcáraõ para Ormuz, ſeguindo a viagem da India. Quando chegáraõ a Goa já o Albuquerque era morto, e como governava Lopo Soares, Soleimaõ lhe apreſentou os ſeus Officios, as Cartas, e o magnifico preſente, que o Sophi mandava ao ſeu predeceſſor. Era vulg.

Incomparavelmente menos vantajoſa, que a Embaixada da Perſia, foi a expediçaõ ao mar da Arabia, que eſte Governador emprehendeo, naõ lhe ſervindo para alcançar as victorias occupar o cargo, ſem ter do Albuquerque a fortuna, que parece ſe moſtrou apaixonada contra as calúmnias derramadas ſobre o ſeu favorecido. Naõ ſe eſqueceo o Soldaõ das reiteradas inſtancias, que depois da derrota de Mirhocem em Dio lhe fizéraõ os Reis de Calecut, e de Cambaia para mandar ſegunda Armada, agora com dous deſtinos, hum de vingar a injúria, o outro para expulſar os Portuguezes da India. Nella corria a voz pública, de que o Soldaõ para differir áquelles reque-

Era vulg. querimentos, tinha já prompta no mar da Arabia huma Esquadra de 27 vélas com 700 Mamelucos, 300 Turcos, e 10000 Mouros de Tunes para virem desenrolar as meias luas nos nossos mares. O célebre Pirata de Mytilene chamado Rax Solimaõ era o Commandante em Chéfe, que encontrando na Cidade de Juda ao destroçado Mirhocem com duas náos suas, as incorporou na Armada, que elle seguio occupando o cargo de Tenente General de Solimaõ.

Amparar-se das embocaduras do mar da Arabia foi o primeiro designio deste Chéfe, que fez edificar huma Fortaleza na Ilha de Camaraõ, naõ só para lhe servir de refugio, mas para facilitar a conquista de Adem. Como as forças eraõ poucas para tanto empenho sem o soccorro das indústrias, Solimaõ metteo em uso quantas lhe inspirou a sua dexteridade, mais facil em inventar, que em conseguir. Os de Adem, que soubéraõ penetrallas, recebêraõ as suas propostas com tanta indifferença, que Solimaõ teve de se va-

valer da força. Elle bateo a Praça com Era vulg. valor; abrio bréxa capaz de montar o aſſalto; foi eſte vigoroſo; mas o Governador Mirhamiriaõ o rebateo com tanta viveza, que elle houve de ſe retirar para Camaraõ, por naõ arriſcar a hum golpe deciſivo as armas, e o crédito dellas. Até neſta Ilha deixou Solimaõ imperfeita a obra da Fortaleza, e ſe fez na volta da Cidade de Juda, aonde deſconfiado de Mirhocem, uſou das ſuas intrigas para dar a mórte a eſte homem, noſſo inexoravel inimigo. Em quanto ſe paſſavaõ eſtas couſas, o Governador da India ſe punha prompto para buſcar a Solimaõ, como nós vamos a referir.

LIVRO XLI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Governador Lopo Soares de Albergaria parte com huma Armada numeroſa a buſcar a do Soldaõ do Egypto, e o que lhe ſuccede neſta viagem.

Era vulg. LOGO que El-Rei D. Manoel foi aviſado pelos Cavalleiros de Rhodes da groſſa Armada, que o Soldaõ determinava mandar á India; elle ordenou ao Governador Lopo Soares, que naõ eſperaſſe a ſua uniaõ com as dos Principes da Aſia, noſſos inimigos; mas que
1517 ſem perda de tempo marchaſſe a atacalla nos meſmos mares do Eſtreito. Em obſervancia deſta ordem o Governador ſahio de Goa com huma Eſquadra de quarenta e tres vélas, em

que

que entravaõ 15 náos, 10 navios, e o resto galés, galeotas, e fustas, aonde embarcáraõ 1ϕ200 Portuguezes, 500 Nayres de Cochim, 1ϕ000 Malabares, os Capitães mais assignalados, e quasi toda a Nobreza da India: apparato respeitoso para mais alta empreza, se o Governador fosse mimoso da fortuna, que naõ costuma alistar-se ao soldo de todos os Chéfes; para huns rebelde, para outros obediente fortuna. Era vulg.

Com a sua Armada, que podéra ser guerreira, e entaõ naõ passou de vistosa, Lopo Soares se apresentou sobre Adem no tempo mais opportuno: tempo de afflicçaõ, em que ainda estavaõ rotas as feridas, que pouco antes abríra Solimaõ; as trópas diminuidas; o Povo consternado; as munições, e viveres consumidos; os animos rodeados de huma geral desolaçaõ, que lhes abatia os espiritos para naõ sopportarem novos golpes sobre as primeiras feridas. Estas considerações forçáraõ ao Commandante da Praça para mandar a bórdo da Capitania tres Emissarios

Era vulg. com as chaves della; submettendo-a ao dominio do Rei de Portugal, que queria reconhecer, e desde já reconhecia por Senhor. He verdade que Lopo Soares naõ tinha ordem da Corte para sitiar Adem, senaõ para atacar a Armada dos Rumes; mas deixar de acceitar a entrega de huma Cidade taõ importante aos nossos interesses, que voluntariamente se rendia; naõ a guarnecer até esperar as insinuações superiores; naõ regular a obediencia pelas conjunturas do tempo, que os Principes em muita distancia naõ pódem prevenir; naõ aproveitar huma occasiaõ, que depois de perdida provavelmente sería hum assumpto de lástima, e de arrependimento; temer antes arriscar a reputaçaõ, ou a vida, do que adquirir para a Patria huma gloria immortal, para os interesses do commum huma vantagem constante com o fim de ostentar huma excessiva obediencia; temos exemplos de espiritos grandes, que notáraõ este proceder por hum effeito de almas sem vigor.

Entaõ mostrou Lopo Soares, que

a

a ſua entrava neſte número. Elle naõ quiz exceder, interpretar, confrontar as ordens com a ſituaçaõ do tempo, e fez reſponder ao Governador de Adem: Que o ſeu principal deſtino era combater a Armada do Soldaõ: que agradecia a offerta officioſa da ſujeiçaõ da Cidade, que admittia debaixo da protecçaõ do Rei D. Manoel, ſem querer della mais refens, que a confiſſaõ, e promeſſa da ſua fidelidade: que de Adem ſó pretendia huma porçaõ de mantimentos pelo ſeu dinheiro, e que lhe forneceſſe alguns pilotos práticos na navegaçaõ do eſtreito do mar Roxo. Naõ he explicavel a alegria, que recebêraõ os da Cidade com eſta reſpoſta, como quem comprava a ſua liberdade por taõ baixo preço: hum preço de vender mantimentos, e de empreſtar quatro homens, que recebidos na Armada, ella ſe fez á véla empavezada, e ſatisfeita do porto, aonde logo tornára a poſtar-ſe melancolica por mal recebida; Lopo Soares a moſtrar-ſe arrependido ſem fructo por pouco conſiderado. Era vulg.

Deſ-

Era vulg. Deſtacou elle a D. Alvaro de Caſtro, e a Diogo Pereira para irem ſaber o lugar, em que Solimaõ eſtava com a ſua Armada. Os marinheiros de tres barcas, que elles aprezáraõ lhes déraõ a noticia, de que eſte General tinha a Armada ancorada no porto de Juda: que elle eſtava reſoluto a conquiſtar Adem a todo o riſco: concluir a Fortaleza de Camaraõ, e depois ir á India decidir a ſórte dos Portuguezes, ou a ſua em huma batalha de concluſaõ. Com eſta informaçaõ ſe determinou o Governador a prevenir os deſignios do inimigo, atacando-o no meſmo porto; mas na entrada do golfo da Arabia ſoffreo huma grande tormenta, que metteo a pique a galeota de D. Alvaro de Caſtro, aonde com toda a tripulaçaõ morreo eſte Fidalgo, e Jorge Galvaõ, filho de Duarte Galvaõ; perda ſenſivel de peſſoas taõ benemeritas. Serenada a tormenta, chegou ao noſſo bórdo huma embarcaçaõ com ſete Turcos, e dezoito Venezianos carpinteiros, que trabalhavaõ na Armada inimiga, e vinhaõ fugidos de Juda.

Eſ-

Estes homens asseguráraõ ao Governador, que as forças de Solimaõ naõ eraõ taõ consideraveis como se dizia: que na Cidade apenas haviaõ de guarniçaõ 500 soldados mal aguerridos: que se elle podesse entrar no porto, e forçar os Barbaros nas trincheiras, que tinhaõ feito na praia, sem dúvida seria senhor de Juda, e os Portuguezes teriaõ a glória de poder subprender a casa de Meca, que ficava huma jornada distante da Cidade. Este aviso, que metteo os animos em agitaçaõ, decidio o ataque de Juda por que preço fosse. Nova tempestade retardou o effeito da resoluçaõ, e nos causou a perda da náo de Antonio Raposo, que levou comsigo ao fundo 300 dos nossos Malabares. Em fim a Armada fez força de véla para chegar a Juda; mas teve de lançar ferro huma legoa distante, por impedirem os baixos a navegaçaõ das embarcações maiores. Era vulg.

Resolveo-se que as ligeiras se encarregassem da empreza: resoluçaõ sem effeito, que perdeo dous dias em arbitrar materia para conselhos repetidos,

Era vulg. dos, que eraõ outros tantos aſſumptos para a deſeſperaçaõ dos ſoldados cheios de ardor, deſejoſos do combate. Porque naõ nos deſconſolaſſe a retirada ſem vermos a cára do inimigo, o Governador mandou, que algumas embarcações chegaſſem ao porto; que D. Affonſo de Menezes, e Diniz Fernandes de Mello ſondaſſem o canal; que o ataque da Cidade ſe naõ fizeſſe, como empenho de grande perigo, e de pouco fructo; que ſó ſe uſaſſe de alguma ſobpreza nas náos menos defendidas, por naõ alterar as ordens del Rei, que mandava atacar a Armada do Soldaõ, naõ varada em terra, como entaõ eſtava; mas no alto mar, aonde devia ſer a batalha. A obſervancia de ordens taõ bem conſtruidas naõ teve mais reſulta, que a de ſe dar fogo a tres navios, que foraõ de Mirhocem: juros miſeraveis de tanto fundo de cabedal empregado na Armada; fructo amargoſo do trabalho de taõ longa viagem por meio de tantos, e taõ temeroſos perigos.

Sem gloria, nem intereſſes, a Armada ſe retirou para a Ilha de Camaraõ,

raõ, aonde lhe morreo muita gente, entre ella o célebre Duarte Galvaõ em summa velhice, condecorado com o caracter de Embaixador ao Preste Joaõ, e donde quizemos, e naõ conseguimos mandar a este Principe a Mattheus, que elle enviára com o mesmo caracter a Lisboa, como fica dito. Desfeita a Fortaleza, que Solimaõ principiára a fundar, a gente opprimida da fome, o Governador teve de ir atacar a Cidade de Zeyla na bocca do golfo Arabico do lado da Ethiopia para soccorrer a necessidade com os despojos. Como os moradores a desampararaõ, foi facil a conquista, a que se seguio o incendio, e outra inconsideraçaõ de naõ receber na Armada os viveres necessarios para mais largo tempo. Depois desta expediçaõ, o Governador se resolveo a ir recolher os fructos da fidelidade promettida em Adem; mas o que encontrou foraõ os muros reparados, huma guarniçaõ numerosa, muitos canhões apontados para o lugar da ancorage, a fé taõ rota, como esquecida a palavra. Esta mudança de Adem, Era vulg.

Era vulg. quando mais se necessitava da sua amizade, fez conhecer ao Governador o seu primeiro erro; a olhar como vergonhoso o levantamento do sitio de Juda; a falta de providencia, que teve em deixar queimar em Zeyla os mantimentos com a Cidade, sem outro refugio, que o de voltar á Ethiopia para na povoaçaõ de Barbora prover a Esquadra; mas impellido dos ventos contrarios, foi dar a Ormuz.

Já nesta Cidade se sabiaõ as infelicidades da sua navegaçaõ; que elle era a causa da mórte de 800 homens, da perda de muitos navios, da maior parte dos outros se haver desgarrado, huns para a cósta de Melinde, outros para o porto de Moçambique: que elle cahíra na falta enorme de naõ guarnecer a sobmettida Adem, que depois zombou delle; e que sem queimar a Armada do Soldaõ, sem atacar a Cidade de Juda, sem enviar o Embaixador Mattheus ao seu Soberano, com a Armada em destroço, e a gente consumida viéra mostrar a Ormuz este espectaculo triste. Daqui nasceo, naõ só a

in-

indifferença, que elle experimentou nesta Cidade, mas depois o desagrado do Rei, e dos Ministros da Corte de Lisboa: desagrado, que o obrigou a retirar-se logo para Torres-Vedras, taõ transportado pela sensibilidade dos desprezos públicos, que mandando-o El-Rei chamar, teve a resoluçaõ Lopo Soares de responder ao recado: Dizei a El-Rei, que se me chama para me cortar a cabeça, que nesta Villa tem pelourinho; se para me tomar a fazenda, que lá está na Casa da India; se para me fazer mercês, que eu as escuso. Era vulg.

A situaçaõ, em que este Governador via os animos em Ormuz, lhe fez nascer a lembrança, de que elle devia prevenir ao Rei sobre tantos acontecimentos infaustos. Do tom, que elle deo aos máos successos pelo Jornal, que mandou á Corte, naõ tirou mais fructo que a sua admiraçaõ, quando se vio entrar pela barra de Lisboa Pedro Vaz Vera em hum pequeno paráo, que cortára o immenso golfo, que vai da India a Portugal. Depois de despedir

es-

Era vulg. esta mensagem, de dar a D. Aleixo de Menezes as ordens para preparar as náos, que haviaõ partir para o Reino, Lopo Soares navegou na volta do Indostaõ, aonde fez crêr a alguns por meio de hum Manifesto, que da despeza da Armada sempre se recolhêra a grande ganancia de naõ apparecer aquelle anno na India a Armada do Soldaõ: vantagem, que bem compensava todas as perdas da sua.

Elle achou na India a Antonio de Saldanha, que neste anno sahíra de Lisboa por Commandante de cinco náos, em que vinhaõ por Capitães D. Tristaõ de Menezes, Manoel de la Cerda, Pedro Quaresma, e Rafael Catanho. Na volta do Cabo se encontrou esta Fróta com tres náos, que sahíraõ de Lisboa depois de Antonio de Saldanha ás ordens de Pedro de Alcaçova, que vinha despachado na Provedoria mór dos Contos, e navegáraõ em conserva até á India. Na sua reta-guarda viéraõ chegando as náos destroçadas da Armada, que foraõ parar a Melinde, e Moçambique: reforços, que o Governador

es-

estimou como meios para poder restabelecer a sua reputaçaõ por alguma acçaõ de estrondo, que abafasse o rumor dissonante das infelicidades da viagem passada. Era vulg.

Naõ foi bastante para este consideravel fim a observancia das ordens, que elle déra antes a D. Gutterre de Monroy, que governava Goa, assim na invasaõ meditada nas Ilhas Maldivas, como no corso sobre as náos de Meca. D. Guterre mandou a seu irmaõ D. Fernando, e com elle a Joaõ Gonçalves de Castello Branco em huma galé a cruzar sobre as Maldivas. Ao mesmo tempo despedio a seu sobrinho D. Joaõ de Monroy com cinco navios para a Cósta de Chaul, aonde se havía amparar da embocadura do rio Maim. D. Fernando sobre as Maldivas aprezou dous navios: D. Joaõ tomou hum da Arabia muito importante na bocca daquelle rio. O Commandante da sua Fortaleza quiz restaurar a preza, despicar a injúria, e com dez fustas veio atacar a D. Joaõ, que o fez recolher ao porto com mais pressa na retirada, que na investida.

Com

Era vulg.

Com eſta pequena vantagem D. Joaõ chegou á viſta de Chaul, aonde lhe veio fallar hum Portuguez chamado Affonſo de Madureira, que lhe expoz afflicto, como elle eſtava vivendo entre os Barbaros por ſe haver batido em Goa com Lourenço Prégo, ſeu inimigo, a quem déra a mórte. D. Joaõ, tocado da caridade, prometteo alcançar-lhe perdaõ do Governador, levallo a Goa, e ſe lhe déraõ 200 pardaos de eſmóla para ir a terra comprar de veſtir. Como naõ appareceo mais o pérfido Madureira, D. Joaõ levou ferro para entrar em Chaul; mas na ſua barra ſe encontrou com quinze fragatas de Meliqueáz, Governador de Dio, que o buſcavaõ com a ſegurança de ganharem huma victoria. No primeiro avance deſenganou o ſucceſſo a confiança dos aggreſſores. Rendida a primeira fragata, que fazia a vã-guarda, e arrojada ao mar a ſua tripulaçaõ, os inimigos recolhêraõ as outras ſem peleija para ſe livrarem de ſucceſſo ſemelhante: na primeira reſoluçaõ valeroſos, na ſegunda prudentes.

Em

Em quanto D. Joaõ ſe batia com eſtes adverſarios antigos do nome Portuguez, o trahidor, e ingrato Madureira perſuadia a Mirhal Melique, hum dos Capitães do Hidalcaõ, que foi ſenhor de Goa, naõ perdeſſe a conjunctura de fazer priſioneiro a D. Joaõ de Monroy com a pequena Eſquadra, que commandava. Sobre eſte aviſo, Mirhal com ſete fuſtas ſe fez ao mar, levando a bórdo o meſmo Madureira; mas aviſtando a noſſa fróta ſobre Dabul em figura de naõ poder ſobprendella, retrocedeo a marcha, que lhe fomos picando até o metter a golpes de canhaõ no abrigo do porto. Feitas eſtas expedições, D. Joaõ ſe recolheo a Goa, que ſe até entaõ no governo de D. Guterre gozára de huma tranquillidade perfeita; agora por huma paixaõ deſordenada, que coſtuma romper em exceſſos ſem conſideraçaõ, eſteve quaſi nos termos de ſe perder, como nós vamos a moſtrar no Capitulo ſeguinte. Era vulg.

CAPITULO II.

Origem, e successos da guerra do Hidalcaõ contra Goa, e outros acontecimentos deste anno de 1517.

Era vulg. HUM appetite sensual, que tem arrastado no mundo tantos espiritos sublimes, deo principio ás desordens de Goa; o odio, e a temeridade as engrossáraõ; a crueldade as completou, bastando hum só estimulo para fazer correr soltos a tantos vicios. Vivia naquella Cidade Fernaõ Caldeira, creado, e creatura que fora de Affonso de Albuquerque, e marido de huma das mulheres, que estimaõ a destreza de pescar as almas com o anzol da formusura menos recatada, ainda que nas vagas da indecencia fluctue a honra dos esposos. O Caldeira, que sempre fora reputado homem de valor, e probidade; que elle se estimava innocente no crime, que lhe imputavaõ; veio por ordem del Rei emprazado a Portugal, taõ pouco sensivel á calúmnia, que em toda a viagem

até

até Lisboa ſe lhe ouvio huma palavra de queixa contra os authores da injuſtiça, que ſopportava: ſilencio profundo, que a voz commua tinha por próva de convicçaõ da verdade imaginada dos ſeus delictos. Era vulg.

Na Corte, e preſença do Rei ſe conduzio o Caldeira por modo bem contrario. Elle ſoube inſinuar-ſe no eſpirito do Soberano com eloquencia taõ tocante, que derrotada a calúmnia, deſeſtimados os denunciantes, juſtificada a innocencia, o Caldeira voltou para a India de ordem do Rei, honrado com deviſas novas, igualmente que da ſua eſtimaçaõ, da ſua liberalidade. Devêra a munificencia Real abrandar a condiçaõ dura do Caldeira; mas elle naõ ſe dava por ſatisfeito, em quanto naõ tomaſſe vingança da paſſada injuſtiça na meſma peſſoa do Governador de Goa. Occupado deſtes ſentimentos, elle nada mais eſperava, que a occaſiaõ de ſe atacar com D. Guterre de Monroy. No primeiro encontro público o Caldeira ſe portou taõ pouco reſpeitoſo, que D. Guterre aſſentou lhe era conveniente

ar-

Era vulg. arruinallo, antes que elle se perdesse. Assim discorria em D. Guterre o odio, que tinha ao marido; mas a qualquer resoluçaõ punha embargos o amor, que elle rendia á mulher, naõ succedesse deixallo no martyrio da ausencia, se ella acompanhasse ao esposo na desgraça do desterro.

Da inacçaõ do Governador, e de outras observações inferio o Caldeira o trato com sua mulher, de que era terceiro hum Henrique de Touro. Por algumas cartas, que lhe viéraõ á maõ, o Caldeira fez certa a sua desconfiança, de que deo a primeira paga ao Touro, cortando-lhe huma perna, e jarretando-lhe a cara. Ainda que as resultas deste crime naõ eraõ para assustar, o Caldeira temeo tanto a cólera de D. Guterre, que se pôz a coberto della na Villa de Ponda, quatro legoas de Goa, aonde governava Ancostaõ, hum dos Capitães do Hidalcaõ, que o recebeo com muita hospitalidade. D. Guterre pedia a restituiçaõ do refugiado, a que elle chamava insolente, réo infame, que se attrevêra a violar o respeito devido

do a hum Governador de Goa. Ancoſtaõ ſe fez deſentendido a eſta demanda, e continuou a tratar ao Caldeira como a hum homem de bem injuſtamente perſeguido. Era vulg.

Reſolveo D. Guterre, que Fernaõ Caldeira devia morrer, para que o privaſſe da vida o meſmo inſtrumento, que lhe tirava a honra. Com eſte deſignio foi mandado a Ponda carregado de promeſſas o atrevido Joaõ Gomes; fazendo bem a repreſentaçaõ de queixoſo do Governador para merecer o amparo de Ancoſtaõ, e a amizade do Caldeira. Aſſim ſuccedeo a eſte aſſaſſino como elle o penſou; e com lugar franco no trato de ambos, foi participante de todos os ſeus divertimentos. Em hum delles, que era o paſſeio no campo a cavallo, Joaõ Gomes teve occaſiaõ de ſe apartar com o Caldeira, que foi deitado aos pés do trahidor, falſo amigo, com o golpe da morte. Vio Ancoſtaõ que Joaõ Gomes fugia; e naõ ſabendo de que, ordenou a alguns da ſua comitiva, que o ſeguiſſem. Paſſáraõ eſtes pelo lugar, aonde acabava de eſpirar o

Cal-

Era vulg. Caldeira, e mais picados desta atrocidade, forçáraõ a carreira, prendèraõ ao assassino, apresentáraõ-o a Ancostaõ, que o matou pelas proprias mãos, como verdugo honrado de crime taõ infame.

Se a morte do Caldeira podia ser estimada do Governador de Goa, a de Joaõ Gomes lhe foi taõ sensivel, que logo escogitou meios simulados para ella naõ ficar sem pública vingança. Com este verdadeiro designio propôz o fingimento aos Officiaes em hum Conselho: Que Ponda, estando taõ visinha de Goa, era hum obstaculo á authoridade del Rei, e ás conquistas por aquelle lado, que se devia remover, forçando Ancostaõ a mudar de posto. Este pretexto foi entaõ estimado por motivo justo, e razaõ especiosa para huma sobpreza, que se havia dissimular com apparencias de hum festejo em Benastarim. Para Commandantes delle, encarregados de dar a morte a Ancostaõ, foraõ nomeados para cobrir hum corpo de cavallaria D. Fernando de Monroy; para mandar 400 infantes o célebre Joaõ

Ma-

Machado, que nesta empreza tinha de pôr termo com a morte a tantas aventuras memoraveis da sua vida, célebre na variedade dos destinos. Era vulg.

No silencio da noite passou a gente o rio de Benastarim; e o Machado, que avançou a marcha, prendeo dous Canarins, que o informárao, como Ancostao nada menos esperava, que esta visita; que o tinhao em Ponda seguro sem receio. O Machado deo este aviso a D. Fernando, pedindo-lhe o deixasse com a infantaria ir buscar vivo, ou morto ao Capitao, que dormia, nao succedesse que o estrondo dos cavallos o despertasse para pôr tropeços a huma victoria segura. Na disputa de qual dos dous Chéfes havia ser author da prisao, ou da morte de Ancostao, se passou a noite, e com ella a conjuntura favoravel á perversidade das intenções de expediçao semelhante. O dia descobrio aos nossos o perigo, em que os mettêra a temeridade, quando vírao correr de todas as partes quantidade de inimigos a atacallos. Entao se quizerao retirar, e nao podérao; porque Ancostao passando

hu-

Era vulg. huma ponte lhes ganhou a vã-guarda, que fez em póstas: continuou a peleija com vigor, matou grande número de gente, entre ella a Joaõ Machado, prendeo a muitos, e conseguio das nossas armas, que buscavaõ despiques de atrocidades, huma victoria completa.

A mórte de 50 Portuguezes neste encontro, de 100 dos nossos Canarins, a prisaõ de 27 homens de sórte enfraqueceo as forças de Goa, que o Chéfe vencedor avisou logo ao Hidalcaõ que, como os Portuguezes sem causa haviaõ roto o Tratado da paz, elle naõ perdesse conjuntura taõ favoravel para recobrar a sua Cidade, aonde a fortuna lhe sería bem desigual á que os Portuguezes acabavaõ de experimentar em Ponda. Sem perda de tempo mandou este Principe ao General Çufalarim, que com 5⊕000 cavallos, e 25⊕000 infantes, que tinha promptos, passasse da terra firme á Ilha, e se lançasse sobre Goa, que acharia sem defensores, rendida antes de atacada. O Governador D. Guterre, unica causa de toda esta revolução, naõ se descuidou em levantar ba-

tarias nos paſſos mais arriſcados, em guarnecer Benaſtarim, em eſquipar toda a ſórte de embarcações, que tinha no porto para impedir o paſſo por mar, e terra, e fazer a vigoroſa defenſa, que lhe permittiſſe a ſituaçaõ do tempo. Era vulg.

De nada approveitariaõ a D. Guterre eſtas actividades em diſpôr, falto de gente, de munições, e mantimentos, ſe a chegada de muitas náos de differentes partes ao porto de Goa, naõ fizeſſem huma eſpecie reſpeitoſa na imaginaçaõ de Çufalarim, que tendo por impoſſivel a empreza á viſta dos ſoccorros, levantou o bloqueio, e pela terceira vez deixou a Goa livre do ſuſto de ſe perder. O Hidalcaõ, que já naõ tinha eſperança de recobrar Goa, fez hum novo Tratado de paz com D. Guterre, que depois foi ratificado pelo Governador Lopo Soares: Tratado, que ſe fez mais ſolemne, e que lhe avançou as vantagens a noſſo favor a chegada a Goa de D. Aleixo de Menezes, que vinha de Ormuz, e de Antonio de Saldanha, e de Fernaõ de Alcaçova, que diſſemos ſahíraõ eſte anno do Reino: mas eſta fe-

Era vulg. licidade na India foi contrapezada com o desgosto, que ao mesmo tempo sentia a Corte de Lisboa com a mórte da Rainha D. Maria na idade de trinta e cinco annos: morte immatura, que fez mais inconsolavel a dôr na perda de huma Soberana, que era Mãi dos seus vassallos.

El-Rei D. Manoel, ainda que todo occupado do sentimento na falta de huma Esposa taõ amavel, a sua piedade lhe fez lugar no coraçaõ para segundo pezar com a noticia, de que Selim, Imperador dos Turcos, derrotando em huma batalha completa a Campson, Soldaõ da Syria, e do Egypto, unira a vastidaõ destes Estados ao corpo já antes formidavel do seu Imperio. As maiores forças do Barbaro com conquista taõ importante, que justamente devêra fazer tremer a Christandade; de tal sórte penetráraõ o espirito piedoso do Rei, que enviou instrucçóes a D. Miguel da Silva, seu Embaixador em Roma, para logo propôr ao Papa, que naõ perdoasse a actividade, esforço, e diligencia para obrigar os Principes da Europa

pa

pa a depôrem os antigos odios, unirem-ſe com hum ſó coração, e huma ſó alma, marcharem contra o inimigo commum, e que elle era o primeiro, que em peſſoa com todas as forças do ſeu Reino ſe offerecia para a guerra da Religiaõ contra o victorioſo Selim. Era vulg.

Creſceo na Europa o ſuſto, quando ſe ſoube, que Tonumbay, eleito pelos Mamelucos Suceſſor de Campſon para ſalvar as reliquias dos ſeus Eſtados, fora desbaratado, e feito priſioneiro pelo meſmo Turco: quando ſe ouvio, que eſte Barbaro, depois de ſujeitar o Cairo com todo o reſto da Syria, e do Egypto, fizera morrer ignomionioſamente ao deſgraçado Tonumbay: quando ſe derramou a voz geral, de que Selim, inchado com a felicidade das ſuas armas, que eraõ o terror das Regiões menos medroſas, tomava a confiança de ſe jactar ſoberbo, que em qualidade de Succeſſor do grande Conſtantino, elle tinha direito á conquiſta da Europa, para onde marcharia effectivamente ſem demóra. Entaõ as repreſentações de Portugal fizeraõ no eſpirito do Papa Leaõ

Era vulg. X. as impressões, que deveráõ. Elle se resolveo a celebrar o Concilio Lateranense, a convidar os Principes Christãos para a guerra santa, a publicar a Cruzada, que pelos interesses caducos dos Soberanos naõ teve mais fim, que o das Indulgencias concedidas aos que contribuissem para a mesma Cruzada serem causa do Heresiarca Martim Luthero infestar toda a Alemanha com a impiedade das suas doutrinas.

CAPITULO III.

Successos de Africa neste anno de 1517, *e continuaçaõ dos da India no mesmo anno.*

COMO as negociações del Rei D. Manoel naõ produzíraõ em Roma effeitos correspondentes ao seu desejo, determinou desaffogar em Africa o ardor do zelo contra os inimigos da Fé. Por estes tempos se tinhaõ feito célebres entre os Barbaros Mauritanos D. Francisco de Castro, Governador do Cabo de Aguer, contra os memoraveis Xerifes,

e

e o famoſo Lopo Barriga, taõ temido dos meſmos Barbaros, que entre elles a praga mais horrivel, que ſe pediaõ, quando tomados da cólera, era: Lançadas te dem como as de Lopo Barriga. Ás gentilezas deſtes Chéfes deſejava El-Rei ajuntar a da conquiſta da Cidade de Targa, diſtante déz legoas de Ceuta: dominio, que lhe dava bem fundadas eſperanças de ſe fazer ſenhor da Corte de Féz, que lhe ficava viſinha. Para eſta empreza ſe preparou huma Armada de ſeſſenta navios, e foi noimeado General Diogo Lopes de Siqueira, que no anno antes andára com ſete caravellas na guarda do Eſtreito. Era vulg.

Elle era capaz de executar eſte deſignio do ſeu Soberano, ſe naõ levaſſe a inſtrucçaõ particular, de que foſſe a Ceuta, ſe incorporaſſe com D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, Governador daquella Praça, para ambos obrarem de concerto na expediçaõ de Targa. Entrou a emulaçaõ a fazer os ſeus officios; ſempre intoleravel aos Portuguezes, haverem de fazer partilha nos negocios da honra, e da glória.

Era vulg. ria. O Conde entendeo que para a empreza de Targa elle só bastava: Diogo Lopes presumio que companheiro taõ grande, e taõ altivo, roubando-lhe a reputaçaõ, toda faria sua. Na fórma das ordens do Rei marcháraõ ambos em hum corpo; mas segundo as intenções occultas, elles dividíraõ as almas; nada conseguíraõ; arruináraõ os projectos do seu Rei; foraõ causa de se perder sem fructo despeza taõ importante; e ambos ficáraõ com cabeça para conceberem as idéas vaidosas, de que ambos eraõ incapazes de fazer cessaõ hum ao outro da menor parte do seu capricho.

Voltáraõ os dous Chéfes a Ceuta com as trópas taõ inteiras, como sahíraõ della. O Conde, que se representava hum auxiliar de Diogo Lopes, entendeo que nada tinha, de que se sentir: Diogo Lopes, que se discorria primeiro Commandante vindo do Reino para conquistar Targa, ainda que podia desculpar-se com o Conde, naõ se lhe fazia toleravel voltar a Lisboa, sem obrar alguma acçaõ de estrondo,

do, que o livrasse do desagrado do Principe. Com este designio veio a Arzila pedir ao seu Governador D. Joaõ Coutinho quizesse entrar com elle pelas terras dos Mouros, aonde fizessem prezas, que reparassem os gastos da Armada. Elles chegáraõ á Aldêa de Arahiana, aonde captiváraõ poucos homens, tomáraõ algum gado, e sem outra acçaõ Diogo Lopes se fez na volta de Lisboa. Era vulg.

Depois delle partido, como se quizessem reparar a sua infelicidade, o mesmo D. Joaõ Coutinho, e D. Duarte de Menezes, Governador de Tangere, fizeraõ huma invasaõ nos campos, e lugares visinhos de Alcacer Quivir, sem que a nada perdoasse a cólera. Quando se retiravaõ com huma preza importante, appareceo o Governador daquella Praça na tésta de hum grosso destacamento; mas observando a ordem da marcha, naõ se póde escusar de suspender a sua para nos vêr com respeito. Pelo mesmo tempo alguns Aduares dependentes de Çafim, e os Mouros vassallos de Dabida continuavaõ

Era vulg. vaõ nas ſuas revoltas, com huma fé ſempre vacillante, que trazia em contínuos cuidados aos ſeus Commandantes. D. Nuno Maſcarenhas, que entaõ a governava, determinou caſtigar os Barbaros, antes que o mal da ſediçaõ ſe fizeſſe incuravel. Elle encarregou eſta expediçaõ a ſeu irmaõ o eſtimavel D. Pedro Maſcarenhas, que com 300 cavallos, e alguma infantaria executou as ordens de ſeu irmaõ, como elle podéra deſejar.

O Rei de Féz ſe ſentio deſtas invasões, que determinou deſaggravar pondo ſitio a Çafim com o poderoſo Exercito, que ajuntava por toda a extenſaõ dos ſeus Dominios. A fama de tantos appreſtos obrigou D. Nuno a prevenirſe com tempo, pedindo a El-Rei ſoccorros correſpondentes, que lhe foraõ mandados luzidos, e numeroſos, reſpeitaveis por quem os commandava, que era Gonçalo Mendes Sacoto, hum dos Fidalgos de mais valor, e que delle deo próvas elegantes no ſerviço de tres dos noſſos Soberanos. Como o Rei de Féz mudou de reſoluçaõ, Gonçalo Men-

Mendes voltou para o Reino com tanto ſentimento de D. Nuno, que naõ pode deixar de o deſafogar com El-Rei, rogando-lhe obrigaſſe Gonçalo Mendes a vir para Çafim, que teria ſegura a defenſa tanto no conſelho, e reſpeito das ſuas cãs veneraveis, quanto no valor, e corage da ſua eſpada inimitavel. A eſte homem, que mereceo hum teſtemunho taõ authoriſado como o de D. Nuno Maſcarenhas, tece o noſſo Damiaõ de Goes o elogio, e diz delle no fim do Capitulo XXIII. da quarta parte da Chronica del Rei D. Manoel: A Gonçalo Mendes Sacoto, por ſeu esforço, e valentia, encarregou El-Rei D. Joaõ III. de Capitaõ de Çafim, e depois de Azamor, e ſe achou nos mais dos feitos da guerra de Africa em tempo de tres Reis, que ſervio, D. Joaõ II., D. Manoel, e D. Joaõ III. ſeu filho; mas tudo iſto lhe naõ approveitou para mais, que para podermos dizer, que ſe lhe Duarte Pacheco Pereira naõ fez envéja na cavallaria, que nem menos lha pode elle fazer na mederança, porque taõ próve, e com taõ pou-

Era vulg.

Era vulg. pouca fazenda morreo hum como o outro. Manoel de Faria, que na Africa Portugueza repete esta passagem, conclue: Tal foi sempre a ventura dos Reis Portuguezes, que com taes premios nunca deixáraõ de achar semelhantes homens, para que se empregassem em servillos com a fazenda, sangue, e vidas.

Se como acabamos de vêr, a desuniaõ dos animos mallogrou a empreza de Targa, outra semelhante em Malaca hia sendo origem de consequencias funestas. Morrêra Jorge de Brito, Governador da Cidade, que deixou nomeado para seu Successor a Nuno Vaz Pereira, contra as determinações estabelecidas pelo regulamento de Affonso de Albuquerque, que ordenava em termos formaes succedesse o Almirante no governo ao Governador, que morresse. Occupava entaõ este cargo Antonio Pacheco, e pretendia o dito governo apoiado na ordenaçaõ do Albuquerque: o mesmo solicitava Nuno Vaz em virtude da nomeaçaõ do Governador defunto. Ambos os pretendentes tinhaõ amigos,

gos, adquiríraõ faccionarios, fizeraõ partido, e chegou o negocio a termos de ſer decidido pelas armas: politica terrivel, ou ambiçaõ ſem medida de dous Chéfes em huma Regiaõ taõ apartada da India, taõ remota de Portugal, na Praça em que havia hum punhado de Portuguezes rodeados de Nações ferozes, de Póvos inimigos, que facilmente ſe approveitariaõ deſta ſediçaõ inteſtina para opprimirem com damno da Patria a ambos os pretendentes, e aos ſeus pequenos partidos. Era vulg.

Entaõ ſe achava em Malaca arribado da viagem da China Fernaõ Peres de Andrade, que nella havia occupado o Almirantado na primeira diſpoziçaõ do Albuquerque. Contemplando elle a vivacidade, com que os dous concurrentes diſputavaõ o mando, querendo atalhar a deſordem, naõ ſe poupou a fadiga, que podeſſe contribuir para a tranquillidade dos animos. Como todas as ſuas diligencias naõ tiveraõ força para abrandar a teima cada vez mais obſtinada; Fernaõ Peres, ſeguido de nove náos, continuou a ſua viagem

pa-

Era vulg. para a China, deixando os negocios de Malaca entregues nas mãos da Providencia. Elle ſe fez ao mar no fim de Junho, e a 15 de Agoſto ferrou a Ilha de Tamanlabua, ſeparada da terra firme da China por hum braço de mar de tres legoas de largo. Entaõ eraõ as ſuas cóſtas infeſtadas por tantos pyratas, que o Rei ſe vio neceſſitado a mandallas defender por huma gróſſa Armada, que ſe encontrou com a de Fernaõ Peres.

O General China obſervando a figura, e manobra das noſſas náos, entendeo que eraõ de Naçaõ eſtranha, pyratas de outro lote, que elle devia reconhecer atacando-os. Fernaõ Peres foi ſoffrendo o fogo ſem ſe defender para naõ irritar com a reſiſtencia a gente, que neceſſitava attrahir com a brandura; ſeguindo a viagem para a Ilha de Tama, aonde lançou ferro. Os Chinas admirados de que navios taõ fórtes ſoffreſſem tranquillamente o inſulto, que acabavaõ de lhes fazer, vieraõ ancorar no meſmo porto com o deſignio de reconhecellos. Elles o fizeraõ

por

por meio de hum Emiſſario, que mandáraõ a bórdo da Capitania perguntar ao Commandante, de que Naçaõ era, e que deſtino o trazia aos pórtos da China. Fernaõ Peres reſpondeo, que era vaſſallo do Rei potentiſſimo de Portugal, Dominante de hum Paiz ſituado nas extremidades do Occidente: Que ſendo o ſeu Soberano ſenhor de Eſtados immenſos, alliado com todos os Principes da Europa, deſejava metter neſte número ao magnifico Rei da China, de quem fallava a fama como de hum Monarca de alta reputaçaõ: Que para eſte fim glorioſo o mandava de taõ longe conduzir hum Embaixador, que com a ſua Mageſtade ajuſtaſſe a deſejada Alliança: Que naõ devendo lançar-ſe ao mar ſem Pilotos, que o guiaſſem á Cidade de Cantaõ, aonde devia deſembarcar o Embaixador, officioſo lhe pedia quizeſſe mandallos, como hum ſerviço, que ſeria grato a ambos os Monarcas. Era vulg.

Prometteo o General China que a tudo, o que elle demandava, daria prompta ſatisfaçaõ o Governador de Nan-

Era vulg. Nanto, que era huma Villa plantada na embocadura do rio, que vai dar a Cantaõ; porque elle lhe fazia este aviso. Como tardou a resposta, Fernaõ Peres navegou para Nanto, aonde foi recebido com grandes civilidades pelo Governador Tutaõ. Naõ foraõ em nada inferiores as que elle usou com o Embaixador Thomaz Pires, que lhe ficou encarregado. Fernaõ Peres voltou a incorporar-se com o resto da sua Armada, que deixára em Tama, aonde se demorou quatorze mezes, que lhe foraõ necessarios para executar as ordens del Rei, que o encarregára de se informar exactamente da extensaõ, do poder, da riqueza da China, da natureza dos seus negocios, dos interesses do commercio, das qualidades do Paiz, se podia, ou naõ ser conveniente á navegaçaõ dos Portuguezes da India.

Naõ satisfeito com as noticias individuaes, que lhe déraõ as tripulações de muitos navios, que entráraõ no porto de Tama o tempo, que nelle se demorou, Fernaõ Peres com Pilotos, e lin-

linguas da terra mandou a Jorge Mascarenhas, que visse, e devaçasse as cóstas deste vasto Imperio, se instruisse nos genios, costumes, e Leis da Naçaõ, em quanto elle trabalhava no mesmo projecto com o trato das diversas gentes, que cada dia chegavaõ a Tama. Assim o executou com exacçaõ ó Mascarenhas, que achando noticias da grande Cidade de Foquiem, navegou para o seu porto, aonde recebeo ordens do Commandante para se recolher a Tama, por ser chegada a monçaõ de voltarem para a India. Prestes a partir, Fernaõ Peres fez publicar na Ilha a som de trombeta, que elle estando para se retirar, fazía saber ao público, que se a alguns dos Portuguezes da sua Armada se haviaõ fiado mercadorias, ou prestado dinheiros, todos os acredores viessem a bórdo da sua náo para receberem os pagamentos promptos: politica excellente, taõ nova, e tocante no espirito dos Chinas, que naõ cessavaõ de louvar a equidade, a exacçaõ, a probidade Portugueza: probidade, que se ella fosse imitada pelos nossos Ca-

Era vulg.

Era vulg. Capitães, que depois navegáraõ para a China, a dominaçaõ Portugueza sería muito mais dilatada naquelle lado do Oriente.

Antes que eu faça huma breve descripçaõ do Imperio da China, concluirei os successos da viagem do memoravel Fernaõ Peres de Andrade, que fazendo-se á véla em Tama, correndo o mez de Outubro de 1518, chegou a Malaca com oito náos carregadas de preciosidades, havendo perdido a de Pedro Soares, que em huma tormenta foi ao fundo, salvando-se a gente. Em Malaca se encontrou elle com D. Aleixo de Menezes, e com seu irmaõ Simaõ de Andrade; este, que hia encarregado da viagem da China; aquelle, que vinha socegar a sediçaõ dos dous pretendentes ao governo de Malaca, e lhe communicou as ordens do Governador da India, que lhe mandava entregar a Armada a D. Aleixo, e que elle sem demóra navegasse logo para o Indostaõ, aonde já achou por novo Governador a Diogo Lopes de Siqueira.

Na

Na monçaõ de 1519 Fernaõ Peres, carregado de ſerviços illuſtres, veio para Portugal informar ao ſeu Rei da Religiaõ, dos coſtumes, da humanidade, da docilidade dos Chinas, do poder, das riquezas, da extenſaõ do ſeu Imperio: apreſentou-lhe os ſignaes da nova terra, as manufacturas das ſuas fabricas, a delicadeza das ſuas pinturas; tudo quanto podia contribuir para o conhecimento pleno do que na China havia de eſtimavel. El-Rei ao goſto do que via, e ouvia, unio a eſperança de trazer gente taõ polida a recoſtar-ſe no regaço da Igreja, de a inſtruir no conhecimento da verdade, de a fazer ſectaria das diſciplinas ſantas. Mas eſta eſperança depreſſa foi derrotada pela temeridade de Simaõ de Andrade, que eſquecido de que era irmaõ de Fernaõ Peres, tanto deſviou os pés dos veſtigios, que elle imprimíra na China, que naõ ſó pretendeo, como divida de juſtiça, o dominio de Praças fórtes, mas obrando em tyranno, roubou o que quiz, profanou o ſacrario da pureza nas virgens candidas, de que goſ- Era vulg.

Era vulg. tou, fez infolencias, que irritáraõ os Chinas, que os obrigáraõ a perder o primeiro conceito, a lançar-fe fobre os Portuguezes defgarrados, e fazellos em póftas; perdendo a demencia de hum irmaõ, quanto adquiríra a illuminaçaõ do outro.

Salvou-fe Simaõ de Andrade com grande trabalho das mãos da anguftia, que elle fe preparou. O Rei China informado das infolencias defte Commandante, arrojou de fi ao noffo Embaixador, que eftimava muito; e chegando á Cidade de Cantaõ, efte infeliz foi prefo pelos moradores; foffreo penalidades; morreo na mafmorra em fumma miferia; foi a victima innocente, que o furor immolou pelos crimes do culpado. Em fim, dada efta breve noticia da navegaçaõ dos Andrades ás Cóftas da China, ainda que da defcripçaõ do feu Imperio hajaõ livros inteiros; que o illuftraffe o Padre Kirker; que o engrandeceffe o noffo Fernaõ Mendes Pinto; eu devo dar nefte lugar aos meus Leitores huma idéa de inftrucçaõ fobre a authoridade dos mef-

mos

mos homens, que nos déraõ a conhecer a vaſta extenſaõ da China. Era vulg.

CAPITULO IV.

Trata-ſe do Imperio da China, da ſua Religiaõ, Leis, e Coſtumes.

O DILATADO Imperio da China he conhecido pelas Nações com differentes nomes. Ainda que ſe diga, que Ptolomeo lhe chamou a *Religiaõ dos Sinas*; que os de Siaõ, e Cochinchina lhe dem o nome de *Cin*; que os Japões o digaõ *Tau*, e os Tartaros humas vezes *Han*, outras *Cathai*; a verdade he, que os Portuguezes, que o deſcobríraõ, depois do ſeu eſtabelecimento na India, naõ o fizeraõ conhecido na Europa, ſenaõ debaixo do nome de *China*. Naõ faltáraõ amigos de plauſibilidades, que reparando na palavra *Chimgque*, que ſegundo a lingua do Paiz ſignifica *Reino do Meyo*, aſſentáraõ que a China era o meio da Terra: privilegio, que os Mouros de Heſ-

Era vulg. panha já quizeraõ dar a ſua amavel Cidade de Granada; os Gregos ao terreno de Delphos; e com mais fundamento os Judeos a Jeruſalem, talvez reparando no texto, que diz, que o Meſſias obraria a Salvaçaõ no Meio da Terra: Salvaçaõ, que foi obrada no monte Golgotha, viſinho a Jeruſalem.

A China he hum vaſto Paiz, que confina ao Septentriaõ com huma cadêa de montanhas, que muitos chamáraõ Otocara. Por ellas corre o famoſo muro, a que hum Author dá 500 legoas de extenſaõ, e que ſepara a China da Tartaria para ter o ſeu Imperio coberto ás irrupções deſtes Póvos ferozes, que em fim o forçáraõ, e ſe fizeraõ ſenhores da China. Eſte muro em diſtancias proporcionadas eſtá fortificado por pequenos baluartes; elle aberto em arcos para dar ſahida ás ribeiras; raſgado de muitas pórtas para o uſo do commercio, marcha da gente, e das trópas; e o que mais admira he, que o Rei Ching, confórme dizem os Annaes Sinicos, principiando eſta grande obra 215 annos antes do Naſcimento de Je-

ſu

ſu Chriſto no breve termo de cinco annos a vio acabada. No ſeculo XVII. da noſſa Éra os Tartaros illudíraõ eſta prevençaõ dos Chinas, forçáraõ o muro, e como diſſemos, ſe fizeraõ ſenhores do Paiz. Era vulg.

Elle confina ao Poente com os montes, que diſſeraõ Damaſianos, e o dividem de parte dos Tartaros, e de outros Póvos da India. O Occeano he o ſeu termo pelos lados do Levante, e do Meio-Dia, aonde eſtá a Provincia de Tunquin. Cluvier lhe dá 1200 legoas de comprimeto, e 600 de largura; mas Joaõ Nieuhoff diminue muito eſta conta. O certo he, que eſte Imperio comprehende hum número incrivel de Cidades, de Villas, de Lugares, que ſe repartem por 17 grandes Provincias, a ſaber: a de Pequin, que he a Cidade Capital do Imperio; a de Xanſi; a de Xenſi; a de Xantung; a de Honan; a de Sughuen; a de Huquang; a de Nanquim; a de Chekiang; a de Kiangſi; a de Fokien; a de Quantung; a de Quangſi; a de Jungaõ; a de Queicheu; a de Leaotung; e a da Peninſula de Corea. Neſ-

tas

Era vulg. tas Provincias he tanta a multidaõ da gente, que até a que ſe encontra pelos caminhos públicos, parece que fórma grandes Exercitos, ou hum tumulto ſemelhante ao das noſſas Feiras. Fernaõ Mendes Pinto tanto ſe admirou de vêr a quantidade dos vivos, como os ſerros de oſſos dos mórtos. Os noſſos Portuguezes mais bem inſtruidos nas primeiras vezes, que entrárаõ na China, naõ duvidáraõ perguntar, ſe as mulheres pariaõ déz, ou doze filhos de cada ventre.

Naõ ſaõ ſó as povoações da terra, aonde ſe cria tal monſtruoſidade de individúos humanos. Em cada hum dos ſeus portos maritimos he tal a quantidade de navios, que fórmaõ Cidades ſobre as aguas, aonde vivem innumeraveis familias, que a bórdo delles nutrem os animaes neceſſarios para as commodidades da vida. Depois que as viagens da China ſe fizeraõ mais frequentes, já ninguem julga por encarecimento o dizer-ſe, que nella habitaõ muito além de 200 milhões de homens, ſem metter neſta conta a numeroſa Familia

Real,

Real, os Magiſtrados, as Trópas, os Eunucos, os Sacrificadores, as mulheres, e os mininos. A authoridade do noſſo Pinto a eſte reſpeito deſcança hoje ſobre a dos P. P. Martim Martini, Couplet, Le Comte, Grueber, Kirker, e ſobre a de Renaudot, e a do Moſcovita Nikipoſa. Era vulg.

Em quanto á Religiaõ dos Chinas, elles naõ reconhecem mais Deos, que ao Ceo viſivel, ou a ſua virtude, com os nomes de Tien, e de Xanti. Ha tres Seitas entre eſtes Idólatras: a dos Sabios, que he ſeguida pelo Rei, e pela Nobreza, que offerecem ſacrificios aos aſtros; e ſendo eſtes dominados pelo Sabio, os Sabios da China conſentem, que os aſtros dominem nelles: a dos Idólatras, que adora aos Idolos fabricados pelas ſuas mãos, e lhes levantaõ Templos: a dos Feiticeiros, que rende cultos aos Demonios, e he ſectaria da Theurgia Practica. As duas primeiras Seitas offerecem hum culto ſuperſticioſo a Confucio, aos Filoſofos, aos Reis, e aos ſeus Antepaſſados. Elles examinaõ a figura dos montes com

ou-

Era vulg. outra ſuperſtiçaõ ridicula; com a fé torpe, de que nelles habita o Dragaõ, que a ſua cegueira crê ſer o Principe da felicidade eſtavel. Por eſta razaõ, quando elles abrem os ſeus ſepulcros, examinaõ as vêias, as ſinuoſidades do monte para acharem o lugar ditoſo, aonde eſteja alguma das partes do corpo do Dragaõ, para augurarem a ventura, que tem de ſobrevir á poſteridade do morto. Os Templos na China ſaõ immenſos; grande o número dos ſeus Sacrificadores, que vivem ſepultados no horror dos boſques, donde vem practicar nelles ceremonias, e libações eſtranhas, com que enganaõ os Póvos miſeraveis.

Alguns Eſcritores entendem que o Apoſtolo S. Thomé eſtabelecêra na China o Chriſtianiſmo, de que ainda ſe conſervavaõ alguns reſtos da crença primitiva, quando nella entráraõ os Portuguezes. Taes eraõ o Idolo com tres cabeças, que indicava o Myſterio da Trindade: as pinturas de doze Varões Veneraveis, que marcavaõ o número dos Apoſtolos de Jeſu Chriſto:

os

os quadros, que tinhaõ esculpida a imagem de huma Donzella com hum minino nos braços, e nelles a inscripçaõ, que a persuadia virgem depois do parto, e se dizia serem as Imagens da Senhora, e de seu Filho. A verdade he, que o Christianismo entrou na China nos primeiros seculos da Igreja; mas proscripto, e anathematisado Nestorio no Concilio de Epheso, os seus sequazes, que se sumíraõ no fundo do Oriente, aonde dilatáraõ a Igreja Nestoriana, infestáraõ com os seus erros os Ritos da China, da sórte que os acháraõ seculos depois os nossos Missionarios. Era vulg.

O célebre Confucio estabeleceo os systemas da Religiaõ dominante. Elle nasceo antes de Jesu Christo 550 annos, como dizem alguns, ou 483 como querem outros. Foi grande Filosofo, e Mestre de muitos Discipulos, que immortalisáraõ na China as doutrinas do seu Mestre: do Mestre, que até hoje se lhe rendem no Imperio as adorações mais profundas, naõ havendo nelle Cidade, aonde naõ se lhe consagre hum Palacio, por onde ninguem póde pas-

sar

Era vulg. ſar a cavallo em reverencia á memoria do ſeu Tutelar: Do Meſtre, que todos os ſeus deſcendentes ſaõ Mandarins natos, ſem differença dos Principes do ſangue nos privilegios, ſem nada de commum ainda com a maior Nobreza, ſem pagarem tributos, nem gabelas ao Imperador: Do Meſtre, que compôz o primeiro Livro, intitulado Takio, ou da grande ſciencia; o ſegundo Chun Jung, ou do Meio da Virtude; o terceiro Lungya, ou Conferencias, que he hum Compendio das ſuas acções, e dos ſeus ſentimentos; o quarto outro Compendio, que ſe lhe attribue, ſendo o das converſações de Menlio, que naſceo 96 annos depois da mórte de Confucio, com os outros Sabios do ſeu tempo: Livros, que bem examinados pelos que quizeraõ deſcobrir nelles os cultos do Deos verdadeiro, nada mais ſe acha, que impiedade, e atheiſmo.

No primeiro ſe encontra por Deos, ou por alta Divindade o Ceo viſivel, ou a ſua virtude; nos mais os Cultos ſuperſticioſos, os Sacrificios, que ſe tribu-

butaõ a Entes totalmente eſtranhos ao primeiro, e Soberano Ente; ſem promeſſa de outra felicidade, ou de outra recompenſa, que a da vida preſente. Eſtas doutrinas de Confucio, e as honras applicadas ao ſeu Author perturbáraõ á China no ſeculo XVII. Os Jacobitas, que entráraõ nella, os Miſſionarios Clerigos Seculares naõ ſe acommodáraõ com as interpretações, que ſe davaõ ás palavras Tien, e Xanti expreſſivas de Deos; clamavaõ contra o culto de Confucio, e contra aquelle, que os Chinas rendem aos ſeus deſcendentes. Mas os Miſſionarios Jeſuitas, como primitivos, continuavaõ a conſentir, que os novos Chriſtãos miſturaſſem com a crença dos noſſos Dogmas o culto de Confucio: permiſſaõ eſcandaloſa, que foi condemnada pelo Papa Clemente XI. em Setembro de 1710, e bem arguida nos noſſos dias. Era vulg.

Fizeraõ os Portuguezes obſervações exactas ſobre as qualidades do Paiz da China, ſobre as ſuas riquezas, ſobre os ſeus edificios, e ſobre os coſtumes dos ſeus Póvos. Elles víraõ, que a gran-

Era vulg. grandeza do Eſtado faz, que a temperie do ar tenha nelle differença; mas que regularmente he taõ puro, que a peſte naõ ſe conhece na China, e que a gente morre acabada da velhice. Que ella he abundante de minas de ouro, e prata, de todo o genero de grãos, e fructos, excepto as amendoas, e o azeite, que os moradores extrahem de huma planta, que nós chamamos gerſelim. A abundancia dos ſeus paſtos facilita a criaçaõ de gados immenſos; e fazem que o terreno ſeja ſummamente delicioſo, e agradaveis as aguas de muitos rios, eſpecialmente o de Kiang, que pela ſua grandeza he chamado pelos naturaes o Filho do Mar, e o célebre Hoan, que banha 600 legoas de terra até ſe ſumir no golfo de Nanquin.

Para ſe fazer juizo da riqueza prodigioſa da China, ſem attender á cópia dos ſeus metaes precioſos, que ordinariamente ſe tiraõ das arêas dos rios, naõ querendo os Soberanos, que ſe abraõ as minas, por naõ expôrem as vidas dos vaſſallos á infecçaõ dos vapores,

res, e exhalações, que ellas lançaõ, Era vulg. basta advertirmos na quantidade monstruosa das suas fabricas de seda, de algodaõ, e de louça. Esta pela sua preciosidade, naõ ha Paiz na face da terra, que naõ a estime: a seda só na Provincia de Chekiang he tanta, que excede a toda a que ha no resto do mundo: o algodaõ, que os Estrangeiros de 500 annos a esta parte ensináraõ a plantar aos Chinas, produzio no Paiz com tal abundancia, que elles pódem encher de tecidos de algodaõ a todas as Monarquias.

Ordinariamente saõ soberbos os edificios da China; mas o que merece mais attençaõ he, que em cada Cidade, e Povo grande em hum lugar fóra dos muros ha huma, ou duas Torres magnificas de nove andares, ornados de excellentes porcelanas; e visinho a cada huma destas Torres hum Templo brilhante cheio de Idolos, aos quaes preside o Maior, que he dedicado ao Genio Tutelar da Cidade. Depois se vêm dos muros a dentro muitos arcos triunfaes, que marcaõ a memoria dos gran-

des

Era vulg. des ſoldados, dos bons Eſcritores, dos Sabios eſtimados, dos que fizeraõ á República algum ſerviço conſideravel. Em todas as meſmas Cidades ha hum Collegio de Confucio, aonde muitos Profeſſores enſinaõ as doutrinas deſte Doutor, mas nem neſtes Collegios, nem nos Palacios, que ſaõ dedicados a Confucio ſe conſentem Idolos, donde ſe infere, que elle combateo a Idolatria.

Em quanto aos coſtumes dos Chinas, principiando pelas ſciencias, elles tem a ſeu favor a opiniaõ commua, de que tudo quanto as Nações paſſadas, e exiſtentes inventáraõ de delicado, de formoſo, nada he comparavel com a formoſura, e delicadeza dos inventos dos Chinas. Eſte encarecimento naõ he toleravel a quem nelles examina com ſeriedade os progreſſos em cada huma das Artes, e Sciencias. Os abſurdos da ſua Metaphyſica eſtaõ patentes nos ſyſtemas da ſua Religiaõ, que eu acabei de eſcrever. A extravagancia da ſua Phyſica nós a vemos no ſeu modo de penſar ſobre a origem do Mundo, que huns

ſu-

ſuppõe eterno, outros huma producçaõ do Acaſo. Elles admittem os dous Principios, que chamaõ Yn, e Yang: o primeiro hum Ente occulto, e imperfeito; o ſegundo outro Ente perfeito, e manifeſto. O principio da geraçaõ humana no primeiro homem, elles o attribuem á fecundidade de hum ovo; na ſua multiplicaçaõ milhares de ridicularias, ſem conhecimento da vida futura, ſem mais idéa da immortalidade da Alma, que huma metempſicoſe abominavel, vulgar entre elles. Era vulg.

Os Authores, que os gabaõ de bons Medicos, deviaõ limitar-ſe ao conhecimento do pulſo, que tomaõ em differentes partes; mas ignorando a pharmacia, e applicaçaõ dos remedios. Na Aſtronomia fizeraõ taõ poucos progreſſos, que os Miſſionarios Europeos tiveraõ de lhes reformar as taboas, que elles imprimíraõ pelas de Tycho-Brahe. Aos meſmos Miſſionarios bons Mathematicos incumbíraõ a reformaçaõ do ſeu Calendario; igualmente ignorantes da Optica, das proporções, e de quanto he neceſſario para as Artes da archi-

Era vulg. chitectura, pintura, e escultura. Nas mecanicas saõ elles assás louvados, e antes de communicarem com as gentes da Europa, se lhes attribue a invençaõ de muitos instrumentos mathematicos, os globos celestes, a construcçaõ das Esféras, a fabrica da polvora, da artelharia, e da impressaõ; mas disto naõ ha mais próvas, que as tiradas das suas Historias pouco criveis. Elles tinhaõ todos estes conhecimentos, e outros muitos taõ imperfeitos, que nós sabemos devem aos Missionarios o polimento, com que hoje os practicaõ. Em fim, toda a delicadeza dos Chinas nas Artes mecanicas brilha na compoziçaõ do verniz, e na fabrica da porcelana, nos tecidos do algodaõ, e da seda.

Em quanto ás mais qualidades dos Chinas, geralmente saõ homens de cara comprida, de olhos muito pequenos, de nariz esmagado, aceados, e civís, andaõ firmes, direitos, e fórtes, saõ extremosamente avarentos, e taõ ciosos das mulheres, que as fazem viver, como em carcere perpetuo.

Quan-

Quando tem muitos filhos, a mesma avareza os arrasta a vendellos, ou a affogallos para naõ gastarem em os manter. A presumpçaõ que tem de si, os faz desestimar os Estrangeiros. As suas casas saõ magnificamente adereçadas, e a policia pública lhe leva os maiores cuidados, donde provem a grande commodidade, que se encontra nas povoações, e nas estradas. O seu governo he Monarquico, e naõ reconhecem mais que hum Rei, a que chamaõ Filho do Ceo, e Senhor do Universo. Em todas estas cousas, e em outras mais miudas se instruio na China Fernaõ Peres de Andrade para dar em Lisboa ao seu Rei a informaçaõ, de que elle o encarregára, e que o Rei tanto desejava. Era vulg.

CAPITULO V.

Continuaõ os ſucceſſos da India, e Africa até ao fim do anno de 1517, *e principio do de* 1518.

Era vulg. A RELAXAÇAÕ da diſciplina militar, que ſe introduzio na India depois da mórte de Affonſo de Albuquerque, fazia obrar taõ livres a alguns dos noſſos Officiaes, que o Rei das Maldivas, e os Principes de Bengala eſcandaliſados dos ſeus procedimentos, quizeraõ ſacudir o noſſo jugo, que lhes era taõ peſado. O Governador Lopo Soares de Albergaria, que juſtamente devia ſentir-ſe das poucas felicidades do ſeu tempo, quiz atalhar eſta que o ameaçava, e encarregou a D. Joaõ da Silveira o negocio critico de pacificar com prudencia os Principes eſcandaliſados. Nas Maldivas renovou elle a paz com o ſeu Rei, que lhe permittio fazermos na Ilha huma Fortaleza: teve o meſmo ſucceſſo com o Rei de Cambaya, e voltou a Cochim para continuar as meſ-

mas

mas negociações nos pórtos de Bengala. Ellas foraõ pouco felices assim na Cidade de Chatingaõ, como na de Daracaõ, donde D. Joaõ da Silveira, ainda que venceo alguns encontros, se retirou para a Ilha de Ceilaõ com a Fróta destroçada, e a gente diminuida. Era vulg. 1518

Pelo mesmo tempo Antonio de Saldanha, que fora mandado cruzar os mares da Arabia, chegou á India sem obrar nada de memoravel, além de humas pequenas prezas, que mal suavisavaõ os trabalhos da jornada. Manoel de la Cerda foi mais bem succedido na viagem de Dio pela alliança interessante, que ajustou com Meliqueáz, Governador da mesma Praça. D. Aleixo de Menezes deixamos nós em Malaca, quando Fernaõ Peres de Andrade chegou a ella de volta da sua viagem da China. Aquelle Fidalgo levava a escólta de 300 homens para pacificar as desordens de Antonio Pacheco, e de Nuno Pereira, ambos pretendentes ao governo vago por mórte de Jorge de Brito.

Na fórma das instrucções, que le-

Era vulg. vára da Corte, D. Aleixo nomeou para Governador de Malaca a Affonſo Lopes da Cóſta; para Almirante a Duarte de Mello, e ſoltou a Antonio Pacheco, que fora preſo pelo maior poder do ſeu concurrente Nuno Pereira. O Rei de Bintaõ ſe havia approveitado das noſſas diſcordias para deſaffogar o odio implacavel, que concebêra aos Portuguezes, e fazia a Malaca huma guerra cruel. Como no porto de Muar elle formára a eſcala principal para as ſuas tentativas, D. Aleixo deſtacou a Affonſo Lopes da Coſta com 300 Portuguezes, e alguns Malayos para lhe deſtruir a Cidadela, que elle tinha em Muar bem fortificada, e guarnecida. Naõ ſe podia obrar eſta expediçaõ ſem o favor da maré; mas em quanto ella enchia para ſobirem as náos, Affonſo Lopes bateo o Fórte com hum fogo vivo. O Rei, que nos penetrou o deſignio, naõ quiz eſperar o golpe, e pedio ſimulado a paz fingida. D. Aleixo falto de mantimentos, conveio nella para prover-ſe, o de Bintaõ para ſe reforçar, e inveſtir Malaca.

Com

Com todas as ſimulações, que ſabe metter em uſo a arte intrigante, o Rei de Bintaõ entretinha a amizade com D. Aleixo, até eſtar prevenida a groſſa Armada, e grande Exercito, com que por mar, e terra determinava ſubprender a Praça. De repente, a favor da noite, no meio da paz o Rei pérfido ſe lançou ſobre os noſſos navios, que eſtavaõ ancorados, degollou as tripulações, a alguns deo fogo. O eſtrondo das armas deſpertou aos Portuguezes, que em hum combate tumultuario, e ſem ordem tiveraõ a vantagem de ſe vingar dos inimigos, pondo-os derrotados em fugida. Mas em quanto D. Aleixo aſſim vencia no mar, o Exercito introduzido em Malaca pelos faccionarios do Bintamez a atacavaõ por terra. Os noſſos acudíraõ com esforço taõ dobrado, quanto era mais importante ſalvar a Praça, que os navios. Homens, e elefantes em huma peleija atroz de duraçaõ longa tudo desbaratou a corage Portugueza, que ficou no campo rodeada de glória, quando os inimigos ſe retiravaõ cobertos de confuſaõ. Era vulg.

Eſ-

Era vulg. Eſtas duas quebras naõ fizeraõ perder as eſperanças ao Bintamez de conquiſtar Malaca. As ſuas forças eraõ grandes, muitas as intelligencias ſecretas na Praça, maior entre os Portuguezes a falta de viveres. D. Aleixo tudo determinava remediar com as armas, quando a fortuna lhe trouxe a caſa hum inſtrumento efficaz em ſeu ſoccorro. Os de Bintaõ fizeraõ priſioneira huma barca, que conduzia para morarem em Malaca a hum grande, e bravo Fidalgo Jáo com ſua mulher monſtro de humanidade, e gentileza. Os preſos foraõ apreſentados ao Rei, que eſtimou o marido pelo valor, a mulher pela formuſura. Ao primeiro conferio o commandamento da Armada, á ſegunda entregou o dominio do coraçaõ, e ficáraõ a eſpoſa mandando o Rei, o eſpoſo as ſuas forças. O Jáo, que era honrado, ſoube da ſua affronta, e ſentio-a; mas diſcorrendo, que contra huma Téſta coroada nem ainda neſtes lances ha mais deſpique, que o do retiro; elle abandona a mulher, o Rei, o emprego, vem a Malaca, e ſe offerece para nos ſervir.

Foi

Foi indiſivel o prazer dos Portuguezes com a chegada deſte hoſpede taõ bem inſtruido em tudo quanto era reſpectivo ao Rei contrario, que elle tambem tinha por inimigo. D. Aleixo contra o parecer de muitos eſcrupuloſos lhe entregou hum deſtacamento de Portuguezes, e Malayos para ir atacar os de Bintaõ nos póſtos, que elle ſabia ſerem menos defenſaveis. O Jáo conhecido pela peſſoa, pela authoridade, pela voz entre os Bintamezes, deo-ſe a conhecer aos ſeus córpos de guarda degollando-os, e foi entrando pelos entrincheiramentos com maõ baixa ſem perdoar a genero algum de vivente. O clamor dos agoniſantes deſpertou os que dormiaõ, que corrêraõ ás armas, e fizeraõ huma gentil defenſa. Entaõ os Portuguezes já eſtavaõ ſenhores do campo, e dos deſpojos. O ſeu bravo Commandante, naõ lembrado da ſegurança da peſſoa, por ſeguir tranſportado do ardor a victoria, ou a vingança, hum tiro vago lhe levou a cabeça: perda, que nós ſentimos, naõ ſó por nos enſanguentar, mas por nos fazer menos plauſivel o triunfo. Era vulg.

Eſ-

Era vulg. Eſta victoria deixou a Malaca taõ livre de ſuſtos, que D. Aleixo entendeo ſe podia recolher para a India com a maior parte dos Portuguezes. Antes de ſe embarcar deſpedio a ſeu primo D. Triſtaõ de Menezes para ir reconhecer as Ilhas Molucas; mas apenas eſtes dous Fidalgos ſahíraõ de Malaca, e a deixáraõ ſem o reforço dos homens, e das náos, que leváraõ comſigo, o Rei de Bintaõ ajuntou as trópas diſperſas, e voltou a ſitiar a Fortaleza. Dezaſete dias foi ella atacada com vigor indiſivel, que paſſou da terra ao mar, aonde intentáraõ os inimigos queimar-nos duas náos, e huma galé, para que o incendio chamaſſe parte da guarniçaõ a extinguillo, e a Fortaleza com menos defenſſores podeſſe ſer ſubprendida. Em parte ſuccedeo como os Bintamezes o penſáraõ. Ateou-ſe a peleija, e o fogo no paiol da pólvora da náo de Gabriel Gago, que a abrazou. Diogo Mendes, Capitaõ de outra náo, cahio morto de huma balla de canhaõ; mas os Portuguezes com hum valor difficultoſo de ſe conceber, apagáraõ o incendio,

der-

derrotáraõ no mar aos inimigos, ao mesmo tempo que o Bendara de Malaca com os seus nacionaes, e alguns Portuguezes, se lançava sobre os sitiadores, que foraõ forçados a abandonar os trabalhos, e levantar o sitio. Era vulg.

Todas estas acções taõ cheias de gloria naõ nos custáraõ mais que a vida de vinte e dous homens. Os inimigos em ambos os sitios perdêraõ as de muitos milhares, mais de setenta peças de artelharia, e agora grande número de prisioneiros. Entre elles ficou o filho de hum Principe poderoso do Reino de Siaõ, que pelo seu resgate mandou a Malaca huma formosa náo carregada com abundancia de viveres, que soccorreo ás necessidades da Praça.

Quando na India succediaõ estas cousas, navegava para ella o novo Governador Diogo Lopes de Siqueira, de quem logo fallaremos, e os nossos Fronteiros de Africa naõ estavaõ ociosos. Os Mouros da Serra do Farrobo, e de Benamariz se queixáraõ a Mulei Abrahem, filho de Barraxe, dos máos

tra-

Era vulg. tratamentos, que recebiaõ da guarniçaõ de Arzila. Elle os deſpicou, matandonos 17 homens com o inconſiderado Fernaõ Gallego, que commandava hum corpo da noſſa cavallaria. Ainda ſeria maior a perda, ſenaõ a reparára o valor de Luís Valente, que naõ pode impedir a priſaõ de D. Antonio Maſcarenhas. O Rei de Féz eſtimou, e tratou com muita civilidade a eſte illuſtre captivo, que morreo de peſte entre os Barbaros.

D. Alvaro de Noronha governava Azamor, e recebeo novos votos de fidelidade dos Mouros da Xerquia, entaõ poderoſos, já menos rebeldes, que os Aduares de Binemez. Contra eſtes ſahio D. Alvaro a campo: matou-lhes muitos, captivou 250, e grande porçaõ de gados. Succeſſo ſemelhante teve poucos dias depois o ſeu Adail Vaſco Fernandes Ceſar. O meſmo D. Alvaro em outra expediçaõ penetrou dez legoas de Paiz, e ſe recolheo com 200 captivos. Igual deſtino deo elle ao illuſtre Nazer, que teve a felicidade de trazer preſo para Azamor com ſuas mulhe-

lheres, filhos, noras, e criados, que fazia õ o número de 200 pessoas. Neste mesmo anno fez D. Alvaro outras duas entradas pelas terras da Enxovia. Na primeira captivou 400 homens, na segunda 350 com glória das nossas armas, e terror dos Barbaros, que em parte alguma viviaõ com segurança. Era vulg.

Navegava para Governador da India Diogo Lopes de Siqueira, como fica dito. Elle sahio de Lisboa a 26 de Março em huma Armada de déz náos grossas, em que além delle embarcáraõ os Capitães Ruy de Méllo, que hia provido no governo de Goa; D. Joaõ de Lima no de Calecut, D. Ayres da Gama no de Cananor; Garcia de Sá; Gonçalo Rodrigues, o Grego; Joaõ Gomes Cheiradinheiro; Pedro Paulo; Lopo Cabreira, Joaõ Lopes Alvino, e 600 homens de guarniçaõ. De hum reforço taõ consideravel necessitava a Fróta da India, que no governo de Lopo Soares de Albergaria se tinha diminuido em muitos choques, e grandes tempestades.

A náo de D. Joaõ de Lima na altu-

Era vulg. tura do Cabo de Boa Efperança correo o rifco de fe perder por huma aventura bem fingular. Hum peixe agulha monftruofo, que tem o bico igualmente duro, e agudo, o ferrou no coftado da náo, arrimou-lhe o corpo, e a fez pender, e parar. Entendeo a tripulaçaõ, que tinha varado em algum rochedo; deo á bomba, naõ vinha agua, todos pafmáraõ. Tremia a náo, quando o peixe fe facudia para desferrar-fe, como fez deixando nella o bico, que em Cochim fe achou cravado no coftado, e defalijada ella defte pezo externo, que a opprimia, continuou a andar. Em conferva chegou a Armada a Goa no dia 8 de Setembro, aonde foube Diogo Lopes, que o feu predeceffor fe achava na Ilha de Ceilaõ, e efperou a fua vinda para lhe entregar o Governo.

O motivo da jornada de Lopo Soares a Ceilaõ era cumprir as ordens del Rei, que lhe mandava applicar todas as diligencias para fundar huma Fortaleza no porto de Columbo pertencente áquella Ilha. Quando elle chegou

com

com a Armada, em que levava 800 Portuguezes, e alguns Naires do Malabar, o Rei conveio na fabrica da Fortaleza; mas mettido em ſuſtos pelos Mouros, noſſos mortaes inimigos, de que o deſtino do Governador era tomar-lhe o Reino, elle faltou á palavra, e teve de ſuſtentar a guerra. Hum ſó combate favoravel ás noſſas armas decidio a queſtaõ, obrigou o Rei Inſulano a pedir a paz, a conceder a Fortaleza, a fazer-ſe tributario de Portugal, pagando a El-Rei D. Manoel cada anno dez elefantes, 400 bahares de canella, e 20 anneis com rubins dos mais finos, que Ceilaõ produzia. Era vulg.

Com grande fervor ſe começou a obra, fornecendo o Rei os materiaes neceſſarios, e concluida ella em breve tempo, o Governador encarregou a Fortaleza a D. Joaõ da Silveira, que alli encontrára arribado da viagem de Bengala, e da Capitanía do mar a Antonio de Miranda, com regimento de defenderem o Eſtado do Rei amigo em toda a occaſiaõ, que a neceſſidade o pediſſe. Satisfeito deſte bom ſucceſſo,

Era vulg. Lopo Soares ſahio de Columbo com o deſignio de ir em peſſoa acabar a Fortaleza de Coulaõ para fazer feliz com eſtas vantagens o fim do ſeu trienio. Mas ſabendo no caminho da chegada de Diogo Lopes de Sequeira, que o eſperava em Cochim, veio a eſta Cidade, entregou-lhe o governo, inſtruio-o nos negocios mais preſſantes para a gloria, e para os intereſſes del Rei, e ſe apreſtou para a viagem do Reino, aonde chegou a ſalvamento no anno ſeguinte acompanhado de nove náos, ſendo recebido do Rei com pouco agrado, da Patria com muito deſprazer; como ſe os desfavores da fortuna foſſem crimes da peſſoa.

Diogo Lopes logo que tomou poſſe do governo partio de Cochim para Goa a dar execuçaõ ás ordens da Corte; havendo antes deſpedido com huma Armada a Chriſtovaõ de Souſa para ir a Dabul diſſipar os reſtos de huma revolta contraria ao ſerviço do Rei, e caſtigar os ſediciosos: a D. Affonſo de Menezes com algumas náos para Baticala a reduzir o Rei tributario ao

cum-

cumprimento dos ſeus deveres, que recuſava; e a Joaõ Gomes para fazer a Fortaleza promettida nas Maldivas, aonde perdeo a vida ás mãos da perfidia dos Mouros de Cambaya. Era vulg.

Na viagem de Cochim para Goa o novo Governador viſitou as Fortalezas de Calecut, e Cananor para vêr o eſtado das ſuas guarnições, e as prover do neceſſario. Chegado a Goa, reforçou a Fróta de Antonio de Saldanha, e o tornou a mandar aos mares da Arabia para dar caça a todos os Mahometanos, que os navegaſſem. Deſpachou com duas náos para Malaca a Antonio Correa, que havia ir a Pegu exercitar o caracter de Embaixador, de que vinha reveſtido do Reino, e celebrar com o ſeu Rei hum Tratado de paz, e alliança. Para a meſma Cidade de Malaca deſpedio a Garcia de Sá, que havia render a Affonſo Lopes da Coſta, já entaõ muito enfermo, e que veio para Cochim acabar a ſua larga, e glorioſa vida, que ſempre empregou nas acções do heroico valor, de que era dotado. Eſtas foraõ as primeiras diſpoſi-

Era vulg. ſiç̃oes do governo de Diogo Lopes de Sequeira na India, aonde o deixaremos; porque nos chamaõ negocios, que perturbáraõ a harmonia domeſtica da Corte de Lisboa, como veremos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VI.

Das impreſsões, que fizeraõ na Corte as idéas do terceiro caſamento del Rei D. Manoel, quando ſe entendia, que elle abdicava o Reino a favor do Principe D. Joaõ, ſeu filho.

DEPOIS de vinte e tres annos de reinado moſtravaõ os exteriores del Rei D. Manoel, que elle trazia o animo opprimido pela agitaçaõ dos cuidados. Foſſe porque já o cançava ſopportar o peſo das felicidades do mundo, que he tal, que laſtíma com o meſmo que lisonjea; foſſe porque ſe enfaſtiava de mandar: que taõ bem a ſuavidade do imperio remata em cruz; foſſe porque já ſe agoniava de forçar a tantos homens pa-

para deixarem obedientes o deſcanço das caſas, e irem huns derramar o ſangue a Africa, outros a expôrem as vidas nas viagens temeroſas da India; ou foſſe porque deſatado dos vinculos do matrimonio, nos annos já avançado, elle quizeſſe com huma acçaõ preclara nos fins da vida deixar entre os homens memoria immortal: elle dava baſtantes demonſtrações, de que eſtava reſoluto a largar a adminiſtraçaõ do Reino ao Principe D. Joaõ ſeu filho, aos ſeus Aulicos prudentes, retirar-ſe para o Reino do Algarve com a porçaõ de rendas, que lhe baſtaſſem para ſuſtentar com vigor a guerra contra os Mouros de Africa. Era vulg.

Baſtou preſumir-ſe eſta reſoluçaõ do Rei para os eſpiritos entrarem em movimento, agitarem-ſe os córpos dos partidos, e perturbar-ſe a aura civíl com as reſpirações intereſſantes, que formavaõ no ar vozes taõ disformes, quanto eraõ differentes as imagens dos animos, donde ellas naſciaõ. Como ordinariamente aos homens naõ os domina tanto a inteireza da fidelidade, quan-

Era vulg. to a corrupçaõ da cubiça ; muita gente, que tinha na ſua téſta a Luiz da Silveira, Guarda-Mór do Principe D. Joaõ, e muito ſeu valido, penetrando a reſoluçaõ do Rei, vendo-o creſcido em annos ; que os ſeus intereſſes ſeriaõ mais avultados no governo do Principe moço ; principiáraõ as indúſtrias a fazer os ſeus officios deprimindo os louvores, que a voz geral repartia ſobre cada hum dos altos merecimentos de hum Rei, como era D. Manoel, que levava as adorações de todos os ſeus vaſſallos maduros, prudentes, ſabios, menos ſequazes da liſonja, que da probidade.

Todos aquelles que naõ entravaõ neſte número, já eſtragado o eſpirito de reverencia, diziaõ ſem rebuço : Que o Rei cuidava mais em ſer Arquitecto, que Soberano ; mais em levantar paredes, que em exaltar a Mageſtade : Que eſquecido da circunſpecçaõ Real, ſe facilitava com todos, a todos fallava, de algum ajuntamento fugia, deixando-ſe vêr a cavallo com frequencia : Que era hum pródigo, que conſumíra

ſem

ſem fructo montes de ouro, e prata, que podendo rodar pelo Reino como a chuva de Jupiter para o fecundar, elle fora produzir nos Paizes eſtranhos multiplicadas vaidades, ficando o proprio em miſeria ſumma: Que neſtes termos o Principe devia cuidar em ſe reveſtir do caracter da Soberania, naõ ſe conformar ás maneiras condeſcendentes de ſeu Pai, naõ vulgariſar a Mageſtade, e que ainda que diſſeſſe com hum dos Imperadores de Alemanha, Rodolfo: Que naõ era Imperador fechado na Arca: tambem ſe viſſe, que naõ era Rei patente nas Praças, ſempre aberto para todos. Era vulg.

O Principe tinha huma indóle admiravel, benigno, clemente, inclinado para a piedade; mas a repetiçaõ de tantas práticas com Aulicos aſtutos, com politicos déſtros: práticas, que pelo que tem de doces á natureza corrupta intereſſante, de todas as claſſes de gentes ſaõ bem ouvidas; ſe ellas naõ foraõ activas para fazerem declarar ao Principe contra ſeu Pai, tiveraõ efficacia para o pôrem neutral na ap-

Era vulg. provaçaõ, ou reprovaçaõ dos ſeus Reaes coſtumes. Deſta indifferença tomou maiores forças a audacia para o perſuadir: Que nada era taõ proprio a hum Principe, como aſpirar á maior honra, que conſiſtia em viver livre para fazer o que quizeſſe: Que refrear a vontade propria, ſe nos homens vulgares podia ſer virtude, nos Principes era huma mancha da ſua alta dignidade, como argumento humilde de huma ſervidaõ miſeravel.

Deſtas, e outras ſugeſtões ſemelhantes ſe valiaõ os ſugeſtores para deſatarem o filho dos vinculos da obediencia dobrada; devida a hum Pai Rei; mas tanto que as vozes da calúmnia chegáraõ aos ouvidos do Soberano illuminado; logo que elle advertio, que o Principe ficava abandonado ao poder dos aduladores: apenas fez reflexaõ no perigo, a que deixava expóſtos os vaſſallos ingenuos; a ſua magnanimidade de hum golpe córta todas as ligaduras, com que o podiaõ prender a natureza, os deſejos do deſcanço, da vida privada, do retiro, e eſquecido de todas as

com-

commodidades particulares, se resolve a promover os interesses do commum. Huma mudança taõ grande no modo, com que o Principe até entaõ se conduzíra, ella pedia outra consideravel na resoluçaõ, que o Rei havia tomado. Vio-se a Magestade nos termos de se vingar dos desejos do retiro, das idéas ultrajantes, do temor do despreso, e longe de abdicar o Reino, cuidou em contrahir novas allianças para reinar firme mais largo tempo. Era vulg.

A Princeza D. Leonor, irmã do Imperador Carlos V., que pelo Embaixador Pedro Correa se mandára pedir a seu Avô Maximiliano em Alemanha para mulher do Principe D. Joaõ; agora foi D. Alvaro da Costa pedilla a seu irmaõ Carlos em Castella para esposa do Rei D. Manoel. Naõ deixaría o Imperador de se subprender á vista de huma mudança taõ estranha. Elle mais estimaria o casamento com o Principe solteiro, que daria successores á Corôa, que com o Pai viuvo, que deixaria Infantes pobres: mas Carlos, sempre rodeado da sua politica, pre-

ven-

Era vulg. vendo, que a alliança com o Reî de Portugal lhe sería conveniente para o empenho de obter o Imperio, que pretendia; elle esquece todas as idéas ordinarias; obriga sua irmã a convir no casamento, promette-lhe hum grande dote; antes que o pague, recebe do Rei por emprestimo 200⊅000 escudos; que reparte pelos Eleitores, e segura os seus votos para ser Imperador.

Celebrado o Tratado matrimonial em Çaragoça, pedida dispensa ao Papa, públicos os ajustes, entráraõ a clamar em Lisboa os partidarios dos seus interesses, que diziaõ ser do Principe: Casa El-Rei viuvo, Pai de oito filhos, com mais de 50 annos; de hum golpe nos arruinou a Pátria. Será governado o Reino á vontade da Princeza, que ha de mandar na vontade do Rei: isto basta para perdello. Crescerá o número dos filhos, que devem ter Estado em Monarquia taõ pequena: elles aonde haõ de caber? Que riquezas seraõ bastantes para os sustentar? Donde haõ de vir honras, que se lhes conferir? Tudo será para elles, e os vassal-

ſallos benemeritos, naõ ſó perderáõ os Era vulg. deſpachos, mas até as eſperanças. Além diſto, que maior injúria pode fazer o Rei Pai ao Principe, e Infantes filhos? Elles ſentindo os deſagrados, veráõ ao homem velho attrahido da formuſura da donzella minina, em lugar de obrar acções, com que immortaliſe a memoria, eſtar ſervindo ao amor, dizer ternuras, fazer meiguices, derreter-ſe para adquirir os bons agrados da Eſpoſa.

Se os que aſſim fallavaõ quizeſſem deixar-ſe penetrar da força dos motivos, porque o Rei aſſim ſe conduzia, elles mudariaõ de tom, e fallariaõ em termos correſpondentes ao eſtado dos negocios. Se elles ſe reſolveſſem a deſpir dos affectos da propria conveniencia, reparariaõ com os Sábios, com os Varões probos, que os fundos da intençaõ do Rei neſtas terceiras vodas ſe encaminhavaõ a ſuſtentar a authoridade Real quaſi vacillante, a cortar as intrigas dos revoltoſos, que já ſenhores da vontade do Principe, ſe diſpunhaõ a metter o Reino em tal inquietaçaõ, que naõ poderia eſcuſar a ſua ruina. Por iſſo a il-

Era vulg. illuminaçaõ do Rei, que tudo quiz acautelar prevenido, ſem lhe fazerem eſpecie as vozes populares, convocou o ſeu Conſelho; mandou que nelle aſſiſtiſſe o Principe, os Grandes do Reino; a todos communica os motivos, que o obrigáraõ a fazer o ſeu caſamento, e reſpondeo a todas as objecções, que o contradiziaõ. Excepto o Principe, os mais aſſiſtentes ſe moſtráraõ ſatisfeitos da falla, que o Rei acabava de recitar, e o meſmo Principe com toda a Aſſembléa lhe beijáraõ a maõ, foſſe o goſto verdadeiro, ou apparente.

Como Lisboa pouco depois foi ferida da peſte, que obrigou a deſertarem della muitos dos ſeus moradores, El-Rei ſe retirou para Almeirim, donde paſſou para a Villa do Crato a eſperar a Rainha, que marchava para a noſſa Fronteira, aonde chegou a 23 de Novembro. Ella vinha conduzida pelo Duque d'Alva, pelos Biſpos de Cordova, e Placencia, pelos Condes de Monte-Agudo, Alva de Liſte, e pelo Almirante das Antilhas, com outros

tros

tros muitos Fidalgos de grande qualidade. Os de Portugal, que partíraõ a encontralla, foraõ o Duque de Bragança, o Arcebiſpo de Lisboa, o Biſpo do Porto, o Conde de Tentugal, o Conde de Villa-Nova, o Apozentador Mór Diogo Lopes de Lima, e grande número da Nobreza mais brilhante. De hum, e outro lado da ribeira de Sever, que divide ambos os Reinos, ſe poſtáraõ as duas comitivas. Da de Portugal entráraõ em Caſtella, o Conde de Villa-Nova, o Arcebiſpo, e Biſpo, outros muitos Fidalgos, com o Conde de Tentugal, que beijáraõ a maõ á Rainha, e depois deſtas primeiras formalidades, ella paſſou a ribeira, aonde a eſperava o Duque de Bragança rodeado de 2$000 Cavalleiros, magnificamente ornados. Era vulg

O Duque d'Alva, que a conduzia, perguntou ao de Bragança pelo poder, que tinha do Rei de Portugal para ſe encarregar da Auguſta Peſſoa da Rainha ſua Eſpoſa: pedio-lhe que o leſſe, e lho entregaſſe para o apreſentar a El-Rei de Caſtella, ſeu Amo, e lhe fazer

Era vulg. zer vêr nas ſuas ordens executadas, que elle cumpríra fielmente com a commiſſaõ, de que o havia honrado. O Duque de Bragança, fez o que o de Alva lhe pedíra; e entaõ eſte Duque, depois de huma reverencia profunda, rogou á Rainha lhe permittiſſe pegar na extremidade de huma cadêa de ouro, que ella trazia no braço. Com eſta ceremonia a entregou ao de Bragança, que a recebeo do meſmo modo ſem lhe pedir permiſſaõ; porque repreſentava a peſſoa do Rei, ſeu Eſpoſo. Concluida eſta acçaõ, o Duque d'Alva ſe retirou para Caſtella com os Fidalgos, que o ſeguiaõ, excepto o Biſpo de Cordova, o Senhor de Tregeny, que vinhaõ por Embaixadores, e outros Grandes, huns que acompanháraõ a Rainha ao Crato, outros até Almeirim.

Foi recebida eſta Senhora na primeira das ditas Villas pelo ſeu Eſpoſo, que ſoube unir neſta agradavel viſta as ternuras de homem, que ama, com a conſervaçaõ do caracter de Heróe, e de Rei, que era, ſem que já mais ſe deſ-

despisse destas duas qualidades sublimes nos lugares, em que naõ devia mostrar-se só amante puro, só Esposo terno. Elle apresentou á Rainha a seu filho o Principe, que reverente hia a beijar-lhe a maõ, e ella o naõ quiz consentir. Ao Duque de Coimbra D. Jorge, e a toda a Nobreza concedeo ella esta honra: ceremonia, a que se seguio a das bençãos nupciaes dadas pelo Arcebispo de Lisboa, e depois a marcha para Almeirim. No caminho a esperavaõ os Infantes, que póstos a pé quizéraõ tomar-lhe a maõ respeitosos; mas ella lhe deo outros signaes expressivos da sua estimaçaõ. Em Almeirim estavaõ as Infantes D. Isabel, e D. Brites, que fazendo demonstraçaõ de descerem a escada, a Rainha se desmontou com pressa, e a subio para as deter, e as tomar nos braços com as evidencias do amor mais delicado. Das Damas, que as acompanhavaõ, acceitou agradavelmente os seus respeitos, e vio as festas magnificas, que neste dia se celebráraõ, e depois com a maior pompa em todos os Póvos do Reino. Era vulg.

Os

Era vulg. Os Embaixadores de Castella em nome do seu Rei apresentáraõ ao de Portugal o Collar da Ordem do Toesaõ de Ouro, que elle acceitou com reconhecimento sincéro, e o recebeo com o aparelho correspondente ao augusto da ceremonia. Entre os apparatos da grandeza, das delicias do gosto, do applauso dos vassallos, passou a Corte em Almeirim o resto do anno, e no seguinte veio residir na Cidade de Evora. Com tudo, El-Rei naõ tinha o prazer taõ completo, que deixasse de lhe fazer impressaõ a sensibilidade do Principe pouco gostoso do casamento: mas elle para conservar a authoridade da Soberania, e da Paternidade, entendeo corrigiría o Principe com mostrar mais agrado a seu irmaõ o Infante D. Luís, e com separar da sua companhia a Luís da Silveira, que mandou sahir da Corte, aonde naõ tornou, senaõ no Reinado futuro.

CAPITULO VII.

Da grande Armada, que no anno de 1519 partio para a India, e do que obrou Fernaõ de Magalhães desgostado com El-Rei.

Os divertimentos, que entretivéraõ a Corte nos principios deste anno, naõ impedíraõ ao Rei os aprestos para as expedições gloriosas, que elle trazia concebidas para serem executadas na Asia. Para lograr o projecto sublime de ser elle só o dominante dos mares da Arabia, o Senhor do Estreito do mar Roxo, necessitava conquistar, e destruir a Cidade de Juda, e fazer em Dio huma Fortaleza, que segurasse aquella navegaçaõ. Com este designio confórme á grandeza do seu espirito, mandou elle preparar huma Armada de dezasseis náos, guarnecida da melhor gente, de que nomeou Commandante a Jorge de Albuquerque, que hia provido no governo de Malaca. Os mais Capitães, que embarçáraõ com elle, fo-

Era vulg. 1519

Era vulg. foraõ D. Diogo de Lima, Diogo Fernandes de Béja, que havia ser Governador da Fortaleza, que se fundasse em Dio, Lopo de Brito, que levava a de Ceilaõ, Manoel de Sousa, Pedro da Silva, Christovaõ Mendes, Francisco da Cunha, e outros, entre os quaes se faz lembrado o Castelhano D. Luís de Gusmaõ, que nesta viagem, de Cavalleiro degenerou em pyrata, e fez acções indignas do seu nascimento.

A navegaçaõ da maior parte desta Armada foi infeliz. Além da rebeliaõ da náo do referido pyrata, a de D. Diogo de Lima arribou a Lisboa; a de Manoel de Sousa correo a cósta da Ethiopia, entrou no porto de Mançua indo na volta de Melinde em busca de mantimentos; mas saltando em terra com 40 homens, os Mouros os passáraõ á espada, ao mesmo tempo que a náo, arrebatada de hum turbilhaõ, foi varar em huma Ilha junto a Quiloa, aonde se fez em pedaços. Toda a tripulaçaõ desta náo, que se salvou em terra, foi despojo da impiedade dos Barbaros, excepto hum minino, que

o

o Rei de Zamzibar tomou na ſua protecçaõ. Jorge de Albuquerque, e nove das ſuas náos invernáraõ em Moçambique, naõ podendo neſte anno paſſar á India mais de quatro, que chegáraõ a tempo que o Governador Diogo Lopes de Siqueira queria partir de Cochim para a expediçaõ do mar da Arabia. Era vulg.

Como para huma empreza taõ importante, qual era a conquiſta de Juda, o poder de Diogo Lopes naõ era correſpondente; elle naõ ſó houve de ſe ſervir das náos, que acabavaõ de chegar do Reino, mas deſpedio com toda a diligencia a Gonçalo de Loulé para Moçambique com ordem de dizer a Jorge de Albuquerque, que ſem perda de tempo ſe fizeſſe á véla com as náos da ſua conſerva para o mar da Arabia, aonde elle o eſperaria para entrarem no Eſtreito. Naõ correſpondêraõ os effeitos á promptidaõ deſejada do Governador, que neſte anno naõ pode navegar ao mar Roxo, por ſe entreter alguns mezes em concluir a Fortaleza de Coulaõ, e em outros expedien-

Era vulg. dientes, que o embaraçáraõ. Entre elles naõ foraõ pouco importantes ter de refrear as demaſias de Meliqueaz, que naõ ſe deſcuidava de fazer aos Portuguezes os damnos, que podia; mandando contra elle a Chriſtovaõ de Sá, que com tres galés cumprio exactamente os ſeus deveres; e eſperar a vinda de Antonio de Saldanha, que havendo feito prezas conſideraveis no Cabo de Guardafú, fora aviſado, para que com a ſua Fróta lhe vieſſe engroſſar a Armada.

Em quanto Diogo Lopes ſe prepara para a expediçaõ do mar da Arabia, eu referirei o que neſte tempo ſuccedia em Portugal a reſpeito do memoravel Fernaõ de Magalhães, que eterniſou o ſeu nome no do célebre Eſtreito, que divide a Ilha do Fogo do Continente da America, e fórma a bocca para a entrada do mar do Sul, ou Pacifico. Fernaõ de Magalhães era hum Fidalgo honrado, que ſervíra em Africa com valor, e na India ſe achou com o grande Albuquerque na tomada de Malaca. Voltando a Portugal, pedio

a

a El-Rei lhe augmentaſſe a ſua moradia com mais dous toſtões por mez em remuneração dos ſeus ſerviços. Depois de muitos requerimentos, ſe lhe fez a mercê pela a metade. O Magalhães, que teve o deſpacho por injúria, e era de coração pouco ſoffredor, elle ſe deſnaturaliſou voluntario por inſtrumentos públicos; paſſou para Caſtella; offereceo-ſe a ſervir ao Rei Carlos com o Aſtronomo Rodrigo Faleiro, que levou na ſua companhia: e no Cardeal Ximenes, genio bem conhecido na Hiſtoria, que então era primeiro Miniſtro de Heſpanha, encontrou o acolhimento, que elle ſabia fazer a todos os homens, que entendia poderião contribuir para os intereſſes da ſua Patria, para a glória do ſeu Rei, e para ſe fazer célebre em proteger. Era vulg.

Os dous monſtros Luſitanos Magalhães, e Faleiro, ao contrario do Cardeal Ximenes, pérfidos ao Rei, que ſempre devião ſervir, tyrannos com a Patria, pela qual devião morrer; elles intentão ſer origens de huma guerra fatal entre duas Potencias viſinhas, e

Era vulg. amigas, entre dous Principes alliados com os vinculos do parentesco mais estreito. Já havia muito tempo, que entre os Reis D. Joaõ II., e Fernando, o Catholico, com approvaçaõ do Papa Alexandre VI., que mediára nas convenções, estavaõ ajustados os limites das conquistas de Portugal, e Castella. Agora porém, nas primeiras conferencias, os dous Portuguezes trahidores pelas suas dimensões geograficas, e astronomicas, respectivas ás Indias Orientaes, e Occidentaes, a que o odio, e a paixaõ lançava as linhas, e formava os triangulos, e angulos, que as leis da Historia me daráõ licença para dizer tinhaõ mais de agudos, que de rectos; elles persuadíraõ ao Rei Carlos, e ao Cardeal Ximenes, que as Molucas pertenciaõ a Castella, e que o Rei D. Manoel lhas usurpava, sem ter para as dominar mais titulo, que a sua posse injusta.

Bem informado o Cardeal das conferencias, que se tiveraõ com os dous Portuguezes, (foraõ no anno passado

de

de 1518) elle as propoz ao Presidente do Conselho de Indias, para que o mandasse convocar, e nelle aquelles dous homens fossem ouvidos. Nesta Assembléa se apuráraõ os dous trahidores, em aprofundar a essencia das materias, que elles até entaõ simplesmente tinhaõ referido. Depois de fazerem crêr, que o dominio das Molucas pertencia a Castella, elles mostráraõ haver descoberto para ellas hum novo rumo muito mais breve, que o da India, e da China: rumo, que corria pela cósta do Brazil ao Rio da Prata, sem o perigo de montar o Cabo de Boa Esperança. O conselho circunspecto, e reflexivo, parava na consideraçaõ das grandes despezas necessarias para o novo descobrimento. O Magalhães se esforçava a movello com as próvas de quanto eraõ mais avultadas as ganancias, que D. Manoel tirava do Commercio das Molucas; encarecendo além destes interesses, os que se seguiriaõ do trato nas Regiões de Panama, e do golfo de S. Miguel, aonde era infinita a fecundidade na pro- Era vulg.

Era vulg. ducçaõ do ouro, e das pedras preciosas.

Quando Magalhães, e Faleiro assim se conduziaõ em Castella, D. Manoel em Portugal se aconselhava sobre o modo, com que se devia haver com os dous trahidores; e o célebre Mathematico Pedro Nunes trabalhava em contrapôr aos seus outros juizos geograficos. Nos Conselhos, que El-Rei teve em Sintra sobre os avisos, que de Castella lhe mandava o seu Embaixador D. Alvaro da Cósta, todos os votos se conformavaõ, em que Fernaõ de Magalhães, e Rodrigo Faleiro se mandassem recolher ao Reino, assim para impedir as controversias, que elles fomentavaõ, como para evitar com o seu exemplo, que outros vassallos benemeritos fizessem o mesmo, que elles. D. Fernando de Vasconcellos, Bispo de Lamego, que foi Arcebispo de Lisboa, depois de ouvir os pareceres referidos, accrescentou: Que lhe parecia bem mandar-se recolher a Fernaõ de Magalhães; mas que havia ser para El-Rei lhe fazer grandes mercês, ou

pa-

para lhe mandar tirar a vida; porque de outra maneira naõ ſe devia conſervar em Portugal homem ſemelhante. Era vulg.

Pedro Nunes com o ſeu vaſto ſaber teve a vantagem de derrotar com demonſtrações ſólidas, quanto os dous intrigantes forjavaõ em Heſpanha com ellas apparentes. Fez vêr Pedro Nunes, que da embocadura do rio Indo até Lisboa haviaõ 80 gráos: que do meſmo rio até aos ultimos confins das Molucas para a parte Oriental, ſe contavaõ 42 gráos: que eſtes, juntos aos 36 gráos de extenſaõ de Lisboa até ao Occidente, faziaõ a conta de 168 gráos: que como o globo da terra, e do mar tinha de circunferencia 360 gráos, e como para chegar ao Meridiano poſto por limite ás conquiſtas dos Reis de Portugal, e Caſtella, faltavaõ para deſcobrir 12 gráos, que compunhaõ o valor dos 180 gráos, que fazem juſtamente ametade dos 360 da circunferencia do globo repartido pelos dous Soberanos; que por eſte calculo ficava evidente, como os Portuguezes tinhaõ di-

Era vulg. direito de descobrir debaixo destes doze gráos as terras, que eraõ habitadas; e que sem fazerem injustiça aos Reis de Castella, nem a algum dos outros Principes da Europa, elles a justo titulo se podiaõ dizer donos, e possuidores dos Paizes, que houvessem descoberto.

Fazendo vã-guarda desta demonstraçaõ, o Embaixador D. Alvaro da Cósta atacou com ella ao Rei Carlos para lhe destruir as esperanças vagas, que os trahidores Portuguezes o haviaõ feito conceber. Elle lhe ajuntou as melhores próvas, de que os intentos daquelles pérfidos eraõ derrotar com promessas interessantes na apparencia a boa harmonia estabelecida entre as duas Coroas: Que hum Principe do seu caracter naõ devia dar ouvidos a homens de espiritos taõ perversos, que para moverem calamidades á propria Patria, e ao Rei natural, deste se fingiaõ aggravados, daquella offendidos, como se o Rei, e a Patria podessem offender, e aggravar os filhos, e os vassallos de modo, que elles chegassem a ser infiéis

fiéis a hum, trahidores á outra. Esta representaçaõ fez no espirito illuminado do Rei Carlos tanta impressaõ, que principiou a desgostar-se do Magalhães. Pelo contrario, os do seu Conselho estavaõ taõ longe destes sentimentos, que o chegáraõ aos termos de naõ poder resistir ás suas persuasões, e conveio em que se contribuisse com os meios para a execuçaõ das tentativas de Magalhães, e Faleiro. Era vulg.

Cinco navios se pozéraõ promptos para os dous argonautas, que viéraõ embarcar-se a Sevilha, aonde o Faleiro, ou accusado da consciencia, ou por indispoziçaõ da natureza, enloqueceo, e em poucos dias perdeo a vida. O Magalhães com authoridade ampla partio só a encontrar destino semelhante na viagem das novas terras, e regiões, que nunca víra; de que a outros dos seus exploradores naõ ouvíra noticias; que elle pretendia achar com a luz das suspeitas, e das idéas, huma empreza ardua, a que o estimulava hum animo grande todo occupado, por huma parte da desesperaçaõ,

pe-

Era vulg. pela outra dos desejos da vingança contra o seu Rei.

Elle sahio do porto de Sevilha no dia 10 de Agosto do anno, em que fallamos; dirigio a sua derrota pelas Ilhas Canarias; dobrou o Cabo Verde; engolfou-se entre o Meio-Dia, e o Poente; correo a cósta do Brazil, até ir tocar huma terra situada mais de vinte gráos além da Linha Equinoccial, que elle fez chamar a terra dos Gigantes, por causa da grandeza enorme dos seus habitadores. Depois de hum anno de navegaçaõ, em Setembro de 1520 Magalhães descobrio hum novo Cabo, que nomeou das onze mil Virgens, donde foi parar ao Estreito até entaõ incognito, com quasi cem legoas de comprimento, e de largo apenas duas: Estreito formidavel, hoje conhecido com o nome do temerario Magalhães, que se determinou a rompello por huma bocca para entrar pela outra na vastidaõ do mar do Sul. Aqui lhe pereceo atacada de hum frio espantoso a maior parte dos sol-

ſoldados, e marinheiros mettidos em Era vulg.
clima taõ eſtranho.

Vencido o trajecto formidavel do eſtreito á cuſta de tanta mortandande, ella obrigou o Magalhães a tomar o rumo do Equador para a gente reſpirar huma aura mais benigna, hum ar mais doce; para lhe buſcar alimentos, que reparaſſem os damnos cauſados pela corrupçaõ daquelles, que até entaõ em vez de a nutrirem, a matavaõ. Trabalhos taõ penoſos, e taõ longos, neceſſidades pouco para ſoffridas, de tal ſórte irritáraõ a meſma gente, que a vida do Magalhães eſteve em termos de ſer victima do furor dos ſediciosos famintos. Já elle ſe ſervia menos da authoridade, que da brandura para applacar os eſpiritos, e diſcorrendo expedientes ſaudaveis, deſtacou hum dos navios da Fróta para andar pelos pórtos, que o podeſſem fornecer de viveres. O Commandante ſem ſe embaraçar com as ordens do Magalhães, fez força de véla para Heſpanha, aonde chegou a ſalvamento com oito mezes de viagem.

Ma-

Era vulg. Magalhães cançado de esperar por quem naõ vinha, suppoz o navio naufragado, e continuando na temeridade, se fez ao mar para se metter debaixo do Equador, aonde elle sabia, que estavaõ situadas as Molucas. Depois de correr engolfado 1500 legoas sem vêr terra, apparecêraõ pela sua frente algumas Ilhas; e elle encostando-se entaõ para o Nórte, ferrou a de Zubu no mar das Indias: Ilha fertil, bem povoada, aonde os homens recobráraõ os espiritos, e no Magalhães revivêraõ as esperanças de chegar ao fim dos seus designios. Ellas lhe duráraõ bem pouco; porque tomando partido na guerra, que Hanabar, Rei desta Ilha, tinha com Calpulapo, Rei da Ilha de Mataõ, huma das Filippinas, pela demasiada confiança no seu valor, o memoravel Fernaõ de Magalhães com muita da sua gente morreo desgraçadamente ás mãos dos Barbaros, verdugos da sua infame perfidia.

Assim acabou este Portuguez infiel, digno de memoria eterna, dos louvores dos heróes, de hum lugar distin-

cto no templo da honra, se elle fazendo-se surdo ás vozes do seu interesse particular, naõ houvesse sacrificado os públicos do seu Rei, e da sua Patria ao serviço de hum Principe estrangeiro. Do que resta desta expediçaõ, que daqui em diante só pertence a Castella, naõ direi mais que das cinco náos, que sahíraõ de Sevilha unicamente duas chegáraõ á Ilha de Tidoré, huma das Molucas: que destas no anno de 1522 entrou em Sevilha a célebre Victoria, taõ decantada no mundo: que a outra depois de muitas aventuras, surgindo destroçada entre as Ilhas de Doy, e Bathechina, sabendo que estavaõ os Portuguezes em Ternate fazendo huma Fortaleza, os seus Officiaes pedíraõ a nossa protecçaõ, e a acháraõ taõ prompta, que Antonio de Brito, Governador da Fortaleza, fez conduzir toda a tripulaçaõ para Ternate, donde passou para a India, e nas nossas náos se recolheo a Hespanha, tratada com as delicadezas da hospitalidade. Era vulg.

LI-

LIVRO XLII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Dos successos de Africa neste anno de 1519.

Era vulg. 1519

NO mesmo tempo, em que Fernaõ de Magalhães trabalhava para arrancar das mãos do seu Rei, as conquistas, que lhe pertenciaõ, os nossos Commandantes das Praças de Africa reparavaõ a perfidia do seu patricio com heróicos feitos, que sublimassem a reputaçaõ do mesmo Rei. Entre elles se distinguia nas gentilezas D. Alvaro de Noronha, que governava Azamor, e occupava lugar brilhante entre os heróes do seu tempo. O seu genio incançavel para naõ dar socego aos Mouros, os trazia em hum rebate contínuo. Nos successos do anno passado referimos nós, como elle captivára ao célebre

Na-

Nazer : ſucceſſo, que alguns dos noſſos Chroniſtas põe neſte anno de 1519, a 9 de Fevereiro. No Março ſeguinte tornou D. Alvaro a devaçar doze legoas de terra no Paiz, que chamaõ a Enxovia; e acomettendo os Aduares mais bem povoados, com partido muitas vezes deſigual, matou vários Mouros, prendeo 382, tomou 5ↀ000 cabeças de gado. A 25, a 28, e a 30 do meſmo Março fez o infatigavel D. Alvaro outras tres entradas com vantagens ſemelhantes á primeira, que ſe pela glória liſonjeaõ, pela repetiçaõ enfaſtiaõ. Era vulg.

Mas naõ ſerá juſto eſquecer, que em huma deſtas expedições, fizemos priſioneiro a hum Official Mouro com mais de cem annos de vida. A idade, o merecimento peſſoal, o ar veneravel deſte velho Official merecêraõ as attenções do noſſo Chéfe, que quiz dar-lhe o goſto de vêr o modo, com que os Portuguezes aſſaltavaõ huma Praça. Elle o levou ao ataque da Villa de Siner na ultima das tres expedições referidas, aonde o Mouro atonito de vêr obrar os

Por-

Era vulg. Portuguezes, desejava involver-se com elles, e entrar no número dos sitiadores. Detiveraõ-lhe os impulsos os deveres da sua honra; mas nada lhe pode suspender os applausos do nosso valor, quando elle vio, que depois da mais vigorosa resistencia, os Portuguezes levavaõ a Praça de assalto sem a perda de hum só homem.

As gentilezas de D. Alvaro de Noronha eraõ bem imitadas pelo seu Adail Vasco Fernandes Cesar. Em observancia das ordens do seu Chéfe, sahio elle a correr o campo da Enxovia, aonde insultou aos Barbaros dentro das suas mesmas trincheiras; cortou-os em póstas, e devastou a campanha. Ao estrondo das desgraças acudiaõ os Mouros a multiplicallas; e agora em grande número, rodeando a Vasco Fernandes, presumíraõ subprendello. Aos primeiros golpes da sua espada fugio a cavallaria; mas a Infantaria, que naõ a pode seguir, foi forçada a retirar-se a huma Mesquita, aonde se entrincheirou, como pode, para fazer huma defensa bisarra. Os Portuguezes a entráraõ,

raõ, e nos lugares eſtreitos das ſuas varandas, e ſoteas de tal ſórte ſe confundíraõ com os Mouros, que naõ podéraõ ſervir-ſe de mais armas, que as adagas, e os braços. Aqui foi igualmente incrivel a fúria, e a mortandade: todos os Mouros, que naõ ficáraõ coſidos a punhaladas, foraõ arrojados das varandas aos abraços, que os fizeraõ rebentar na quéda. Era vulg.

Eſta acçaõ mereceo a Vaſco Fernandes ſer chamado á Corte para ſe lhe conferir o emprego de Chéfe da Armada do Eſtreito, com que obrou outras naõ menos glorioſas. Depois della ſahio D. Alvaro a atacar a fórte Villa de Umbre ſituada na eminencia de hum monte, e banhada de hum rio. Naõ a pode levar no aſſalto por eſcadas; mas rompendo as pórtas a golpes de machado, entrou peleijando, e vencendo. Muitos dos Mouros ſe arrojáraõ ao rio para naõ perderem a liberdade; outros foraõ paſſados á eſpada; captivos 250; nós naõ tivemos nem hum ſó morto, e poucos feridos. Nos Aduares de Tamarrocos fez D. Alvaro outras impor-

tan-

Era vulg. tantes prezas, e quando ſe recolhia com ellas, huma noite o ataca grande número de cavallos, e infantes. Eſte foi o lance, em que D. Alvaro eſteve quaſi perdido entre a multidaõ, a eſcuridade, e a deſordem. Depois de duas horas de aperto, a claridade da Lua fez vêr a D. Alvaro o ſeu perigo, que ſó podia vencer o esforço.

Retirar, e acometter eraõ os meios, que elle arbitrou para ſe ſalvar. Em hum deſtes repelões com a lança enriſtada atraveçou hum Mouro. Outro lhe deo tal golpe no morriaõ, que o deitou a terra ſem acordo. Acudindo-lhe Vaſco Fernandes Ceſar, e o alentado Martim Gil, recobrados os ſentidos, montou em outro cavallo, e continuou a meſma fórma de combate; Joaõ de Freitas cobrindo a reta-guarda, Vaſco Fernandes fazendo voltas faces; com tal fortuna, que degollados 200 Barbaros, entrou com 40 captivos em Azamor ſem perder hum homem. Encheo-ſe a Mauritania de terror com a fama deſta retirada, que convidou muitos Mouros para virem vêr a D. Alvaro, como

a

a hum milagre do valor, e forçou ainda aos mais rebeldes para se sobmetterem ao jugo de Portugal. Era vulg.

De igual perigo, e naõ menos credito foi a invasaõ, que na poderosa Aldêa, chamada dos Negros, fizeraõ unidos os dous Commandantes de Arzila, e Tangere D. Duarte de Menezes, e D. Joaõ Coutinho. Ella havia ser subprendida na noite; mas errando o caminho, e chegando já dia claro á Aldêa, ainda que a ganháraõ, foi á custa de sangue, e das vidas de Fernaõ Coelho, Alcaide-Mór de Arzila, e de dous Cavalleiros distinctos de Tangere. Na retirada foi muito maior o perigo pela multidaõ dos Mouros, que sahia a cortar-lhes os caminhos, a rodeallos, a investillos em todos os lugares, que o podiaõ fazer com vantagem. Ainda que na repetiçaõ dos combates perdemos alguma gente; ainda que nelles deixáraõ as vidas Alvaro Vaz, Fidalgo honrado de Tavira, o Contador Pedro Lopes de Azevedo; e que D. Joaõ Coutinho por muitas vezes correo o mesmo risco; foi taõ grande a nossa

Era vulg. corage, e o noſſo acordo, que com aſſombro dos Barbaros nos recolhemos ſem largar as prezas, nem a reputaçaõ das armas.

Quizera D. Manoel Maſcarenhas fazer mais plauſivel eſta acçaõ medindo as armas com o célebre Mouro Aroáz, que era conhecido pelo ſeu valor. Havida licença do Conde D. Joaõ Coutinho, ſeu cunhado D. Manoel ſahio com ſeſſenta cavallos, acompanhado dos valeroſos Pedro de Menezes, Luís Valente, Antonio Coutinho, e Artur Rodrigues, a fazer diligencia pelo encontro com Aroáz. Se elle entaõ naõ achou a quem buſcava, em huma das Aldêas de Benamaréz foi muito bem recebido por dous córpos de cavallaria, e infantaria, que o ſeguíraõ. Como evitar a peleija era impoſſivel, D. Manoel queria fazer com que os Mouros paſſaſſem huma ribeira para entaõ os atacar. O bravo Pedro de Menezes vendo-o occupado neſta diligencia lhe diſſe: Se havemos ir a elles daquelle lado do ribeiro, porque naõ vamos já deſte? A reſpoſta de D.

Ma-

Manoel foi picar o cavallo com tanta força, que rompeo até ao centro do Esquadraõ dos inimigos, aonde o generoso bruto cahio atravessado de vinte lançadas. Era vulg.

Os braços dos quatro valentes acima nomeados salváraõ a D. Manoel intacto das mãos do perigo; e os mais Portuguezes se conduzíraõ com tanto valor, tendo já na frente ao seu Capitaõ montado em outro cavallo, que lançando-se aos Barbaros, como tigres indómitos, degolláraõ 76, captiváraõ 42, e sem faltar algum delles, entráraõ na Praça cobertos da glória devida ás façanhas naõ vulgares. Se neste encontro D. Manoel Mascarenhas naõ teve a fortuna de se avistar com Aroáz, poucos dias depois pagou elle com a vida os damnos, que nos fizera valeroso. Veio Abrahem, Rei de Féz, com 3ↀooo cavallos correr os campos de Arzila, e trouxe comsigo a Aroáz. Elle se pôz á vista do lugar, aonde estava D. Joaõ Coutinho com a sua gente sem a investir. Desparou-se no nosso campo hum arcabuz, e a sua balla dei-

Era vulg. tou Aroáz morto aos pés do Rei. Disse-se, que hum Pedro Alvares, official de çapateiro, que no mesmo dia acabou ás mãos dos Mouros com mórte semelhante, fora quem apontára taõ acertado tiro.

D. Nuno Mascarenhas em Çafim naõ tinha ociosos o valor das armas, e as dexteridades da sua politica sobre os Mouros de Garabia. Estes Barbaros tinhaõ ajustado a paz com os Portuguezes, e elles mesmos por huma das suas costumadas perfidias, estiveraõ em termos de a romper: huma perfidia, que para a expiarem entendêraõ dous Mouros, prezados de illuminados, que elles o conseguiriaõ, se déssem a mórte a hum Capitaõ do Rei de Féz, que estava na Garabia, fazendo-o author da mesma perfidia para desculparem a sua Naçaõ. Elles obraõ o que pensaõ: com esta mórte applacaõ a D. Nuno, que se satisfazia antes de introduzir o temor no espirito dos Barbaros, do que irritallos com a severidade do castigo. Boa idéa, se os Mouros soubessem entendella; mas persuadidos, que a faci-

ci-

cilidade dos Portuguezes em perdoar crimes, que eſtavaõ muito além do perdaõ, naſcia, ou do temor, ou dos intereſſes, que tinhaõ na ſua amizade; elles tiveraõ a confiança de pedir a D. Nuno premios exuberantes em recompenſa da mórte, que haviaõ dado ao velho Official do Rei de Féz. D. Nuno á viſta do abuſo, que os Mouros faziaõ da ſua condeſcendencia, lhes reſpondeo ſevéro: Que elle bem os premiava em lhes conſentir, que cultivaſſem as ſuas terras para terem, que comer. Era vulg.

Picados deſta reſpoſta os Barbaros, elles ſe confederáraõ com hum Mouro poderoſo, chamado Olet Ambraõ, e com elle incorporados no ſitio das Salinas entráraõ a incommodar os moradores de Dabida, que eraõ noſſos alliados. D. Nuno informado, e ſentido deſte exceſſo dos de Garabia, que occupavaõ cem Aduares, com 250 cavallos para cobrirem alguma infantaria, marchou a Dabida, para onde fizera avançar o ſeu Adail. Eſte por huma parte, e D. Nuno por outra, atacáraõ

dous

Era vulg. dous dos primeiros Aduares, paſſáraõ 300 Mouros á eſpada, captiváraõ oitenta, os mais fugíraõ para o campo de Roduaõ, aonde eſtava Olet Ambraõ com o groſſo das ſuas forças. Depois da victoria, alguns deſtes rebeldes ſe ſubmettêraõ, e pedíraõ a paz, outros buſcáraõ a protecçaõ do Xerife, que reſidia em Mizquella, vinte legoas diſtante de Çafim.

O bravo Maſcarenhas, que deſejava acabar eſta guerra, e affogar entre os Mouros as ſementes da rebeliaõ, determinou-ſe a atacallos poucos dias depois da primeira victoria. Para diſfarçar os ſeus intentos, e cobrillos aos meſmos Mouros alliados, convidou aos ſeus Chéfes para hum entretenimento na Praça: antes delle acabado, ſahio com 260 cavallos, alguma infantaria; mandou fechar as pórtas; para naõ ſer ſentido marchou por ſerranias, e pantanos intractaveis, combatendo os leões, e outras féras, até ir dar a huma Meſquita, aonde ordenára ſe ajuntaſſe toda a ſua gente. Aqui ſoube pelos batedores do campo o lugar, onde

de acampavaõ os Barbaros, e fez avançar a Braz da Silva com cem cavallos, e outros tantos infantes á garupa para os observar, e elle lhe foi seguindo a marcha no maior silencio da noite. A luz da manhã mostrou a Braz da Silva o campo contrario, que elle investio com esforço muitas vezes superior ao número das trópas, que commandava; matando, ferindo, mettendo em desordem, até chegar D. Nuno, a quem fez aviso, de que já andava ás mãos com os Barbaros. Era vulg.

Quando chegou D. Nuno já a campanha era hum theatro de horrores, mórtos de huma, e outra parte os mais alentados; feridos com tres grandes cutiladas Braz da Silva; no mesmo estado D. Garcia de Eça com o cavallo perdido; o mesmo Joaõ da Nova, que morreo pouco depois; o mesmo Nuno Furtado, e o filho de Joaõ Fernandes de Magalhães; o mesmo em fim outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor: espectaculo de feridos, de agonisantes, de mórtos, que desafiou toda a corage de D. Nuno Masca-

Era vulg. carenhas para obrar pelas ſuas mãos acções incriveis. Ao ſeu exemplo os mais Portuguezes ſe aſſignaláraõ, naõ ſó em façanhas das menos vulgares, mas em actos de valor os mais ſublimes. Com hum bravo Mouro ſe atacou em duélo particular hum criado de D. Nuno, e rotas as armas, a braços vieraõ ambos a terra com fúria taõ igual, que para nenhum vencer, ambos ſe matáraõ. Os dous córpos cançados da duraçaõ da peleija, do horror da mortandade, ſe retiráraõ em fórma, e no dia ſeguinte D. Nuno triunfante entrou em Çafim com mutos captivos, e ricos deſpojos. O credito deſta acçaõ obrigou todos os Mouros da Garabia a pedirem a paz, a ſubmetter-ſe ao noſſo Imperio, a dar refens, a pagar os tributos, promettendo para o futuro exacta fidelidade.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-se os successos da India no anno de 1520, e alguns de Africa pelo mesmo tempo.

NÓS deixamos ao Governador da India Diogo Lopes de Siqueira preparando a grossa Armada, com que havia passar ao mar da Arabia, bater no Estreito as náos dos Turcos, conquistar a Cidade de Judá, entregar na Ilha de Maçua ao Embaixador Mattheus, que o Preste Joaõ mandára a Lisboa, e com elle outro, que o Rei D. Manoel enviava ao mesmo Principe: expedições, que nada tiveraõ de vantajosas, nada de consequencia além da entrega dos referidos Embaixadores, e ajustes de amizade entre os dous Soberanos. Com vinte, e seis náos, em que embarcáraõ dous mil Portuguezes, e mil Malabares, partio Diogo Lopes para as paragens do seu destino; destacando alguns dias antes a Antonio de Saldanha com cinco náos para descobrir os ma- Era vulg. 1520

res,

Era vulg. res, e encontrando inimigos esperallo no Cabo de Guardafu para se unir á sua conserva. Do Governo da India ficou encarregado D. Aleixo de Menezes, e no dia 13 de Fevereiro a Armada se fez á véla para o porto de Mete, além do dito Promontorio, aonde encontrou a Antonio de Saldanha, que disse ao Governador, como no porto de Judá naõ haviaõ mais de seis galéz Turcas, mas que cada dia vinhaõ concorrendo trópas para aquella Cidade com o designio de tomar todas as avenidas, que conduziaõ para a de Adem.

Favoravel era a conjunctura para os nossos projectos, senaõ se lhes oppozesse a contrariedade dos Elementos. O Governador quiz prevenir os dos inimigos pelo que respeitava a Adem, e ir atacar as galéz no mesmo porto. Querendo lançar ferro no daquella Cidade, a sua capitanea varou sobre huma rocha, aonde se fez em pedaços, salvando-se a gente; mas perdendo-se a maior parte dos materiaes, e toda a artelharia destinada para a Fortaleza de Maçua, que El-Rei mandava fundar.

Do

Do nome desta náo, que tinha a invocaçaõ de Santo Antonio, e em memoria do seu naufragio ficou o mesmo nome ao Cabo, aonde ella se perdeo. Esta infelicidade obrigou o Governador a navegar logo para Maçua: Ilha, que pertencendo ao Preste Joaõ, e aonde o Governador determinava saber, se Mattheus era hum impostor, como diziaõ os inimigos de Affonso de Albuquerque, ou verdadeiro Ministro daquelle Principe mandado a El-Rei D. Manoel: os moradores com medo da nossa Armada a abandonáraõ, e se recolhêraõ para a Villa de Arquico. Era vulg.

Como os ventos contrarios, as repetidas tormentas faziaõ passar a monçaõ para os designios principaes, o Governador partio para aquella Villa com o destino de se dar a conhecer, de entregar os Embaixadores, de celebrar o Tratado de Alliança entre o Rei D. Manoel, e o Preste Joaõ. O Commandante da Praça sabendo que a Armada era Portugueza, e que nella vinha o Governador da India, o mandou visitar a bórdo com grande cópia de refrescos,

com

Era vulg. com obſequios civís, como marcas da amizade mais eſtreita. Elle as retribuio com outras naõ menos officioſas, e com hum Eſtandarte, que tinha gravada a Santa Cruz, e que elle veio receber á praia com a guarda de dous mil homens. Apenas elles víraõ tremolar o Labaro da Redempçaõ, todos proſtrados por terra, acclamáraõ a Jeſus Chriſto, e diziaõ, que já eſtavaõ vendo cumpridas as Profecias dos ſeus Varões antigos, ſantos, e adoraveis, que prediſſéraõ, como de regiões remotas havia vir ás ſuas praias huma Naçaõ Chriſtã, que arvoraſſe nellas a Cruz, em que reinára Deos; o Madeiro, aonde ſe pregára a eſcritura infame da dívida, que contrahíra o Genero Humano no tronco de outra arvore.

Aqui ſoube Diogo Lopes como Mattheus era verdadeiro Embaixador do Preſte Joaõ: Varaõ naquelles Póvos taõ reſpeitado, que além de ſer recebido com o maior alvoroço, corriaõ todos a elle banhados em lágrimas de alegria, lhe beijavaõ a maõ, e o honravaõ

vaõ com o diſtinctivo de Pai: demonſtrações, que a Providencia teve guardadas até aquelle tempo para qualificar a memoria poſthuma do grande Affonſo de Albuquerque, que a malicia dos ſeus emulos calumniára com mordacidade indiſculpavel. Em fim, a viſta deſte Embaixador depois de déz annos de auſencia; a chegada dos Portuguezes, de quem os Abexins tinhaõ concebido huma alta reputaçaõ, metteo aquelles Póvos em alvoroço plauſivel: hum alvoroço, que trouxe á Villa de Arquico a Barnegaes, grande Senhor, Abexĩm dos primeiros Officiaes do Imperador, para admirar os Portuguezes, para ter a complacencia de vêr a Mattheus, que vinha de outro mundo. Era vulg.

Em quanto naõ chegava eſte Fidalgo, Diogo Lopes permittio que Pedro Gomes Teixeira penetraſſe o Paiz, e naõ longe de Arquico entrou em hum grande Moſteiro de Anacoretas veneraveis, que o recebêraõ com todas as evidencias de huma verdadeira, e delicada caridade. Elle admirado da ſua

pe-

Era vulg. penitencia, da vida penoſa, da ſua frugalidade moderada, lhes perguntou, porque naõ reconheciaõ a Igreja Romana, Mãi Univerſal do Orbe Chriſtaõ? Elles lhe reſponderaõ, que ao Summo Pontifice, grande Sacerdote, Vice-gerente de Deos na terra, rendiaõ o reſpeito, a reverencia, a adoraçaõ mais profunda; mas que por todas as partes rodeados de Turcos, e de Mouros, que lhe impediaõ a jornada de Roma tanto por elles appetecida, viviaõ no mundo conhecendo aquelle Chéfe Supremo, como ſenaõ o conheceſſem, com huma ignorancia quaſi total das ſuas funções principaes, da ſua authoridade, do ſeu miniſterio. Pedro Gomes edificado da ſinceridade dos Anacoretas, e ſentido do que lhes acabava de ouvir, os conſolou com as eſperanças, que em todas as partes da terra ſaõ a conſolaçaõ dos pobres, e o refugio dos mal affortunados.

Chegou a Arquico o Barnegaes eſcoltado por hum grande número de trópas, que formou na praia, aonde deſembarcou Diogo Lopes com 600 Por-

Portuguezes luminoſos, e brilhantes, levando o Embaixador Mattheus ao ſeu lado. Aquelle Principe tratou a Diogo Lopes, e a ſua gente com as demonſtrações da maior honra: juráraõ ſobre huma Cruz a amizade, e alliança perpetua entre os ſeus Soberanos reſpectivos: Diogo Lopes lhe pedio as providencias neceſſarias para enviar á Corte de ſeu Amo ao Embaixador Mattheus, e na ſua companhia a D. Rodrigo de Lima, que El-Rei D. Manoel lhe mandava com o meſmo caracter: expediçaõ, que o Principe Barnegaes encarregou ao Governador de Arquico, que a executou officioſo, e pontual. Mas havendo andado 18 legoas, D. Rodrigo de Lima teve o deſgoſto de lhe morrer o ſeu companheiro Mattheus, que deixou ſepultado no Moſteiro de Biſaõ, e foi ſeguindo a ſua jornada para a Corte da Ethiopia com a ſua comitiva: embaixada, que ſervio de aſſumpto a Franciſco Alvares, para compôr hum livro inteiro, em que refere, quanto ha de memoravel na vaſta extenſaõ dos Eſtados da Abyſſinia. Era vulg.

Era vulg. O Governador Diogo Lopes, tendo concluido esta parte da sua commissaõ, se fez na volta da Ilha de Dalaça, que reduzio a cinzas por ser habitada de Mouros, e partio para Ormuz. No caminho ferrou o porto de Calaiate, aonde se encontrou com a Esquadra de Jorge de Albuquerque, que invernára em Moçambique, e viéra em sua demanda até ao Cabo de Guardafú: mas naõ o achando, navegava para Ormuz. Ambos chegáraõ a esta Cidade, já resoluto o Governador em se recolher á India, sem que até hoje saibamos os motivos, que elle teve para naõ ir atacar a Cidade de Judá, que entaõ era facil render; nem se deixou de o fazer por causa das tormentas, que o combatêraõ; se por presumir, que a sua posse era inutil ao dominio de Portugal; se outras considerações o impedíraõ, sem se lembrar, de que huma Armada taõ bella, preparada com taõ grande despeza, viéra da India á Arabia restituir ao Preste Joaõ hum Embaixador, e mandar-lhe outro, como se manobra semelhante tivesse na-

da

da de commum com os interesses do Estado. O certo he, que Diogo Lopes partio de Ormuz para a India com a esperança de conquistar Dio; satisfeito com apresar no caminho duas náos de Mouros, que teve por presagio feliz da imaginada conquista. Era vulg.

Fernaõ Martins Evangelho, que estava naquelle porto, desfez as esperanças do Governador, assegurando-lhe que naõ obstante Meliqueáz estar fóra de Dio occupado na guerra, que o Rei de Cambaya trazia com os Reubutos, elle deixára na Praça a seu filho Melique Saca encarregado a hum sábio General, seu parente; e que nella havia taõ grossa guarniçaõ, tanta abundancia de munições, e viveres, no porto tanta quantidade de embarcações de todos os lotes, que elle naõ poderia emprehender a conquista de Dio sem o risco evidente de se perder. Esta simples informaçaõ, naõ só suspendeo no Governador toda a acçaõ; mas o fez mudar as idéas de conquistador em cumprimentos de civilidade para com Melique Saca: exagerando tanto

Era vulg. o ſentimento de naõ encontrar ſeu Pai em Dio para lhe render obſequios officioſos, que o fingimento occupaſſe toda a praça apparente de huma amizade verdadeira. O Governador ſe fez á vela para Cochim, aonde chegou no fim de Agoſto, e neſta Cidade achou a Jorge de Brito, que trouxéra eſte anno do Reino nove náos, e fizera a viagem de Lisboa com maior felicidade, que elle a do mar da Arabia.

Mas ſe huma Frota taõ bem eſquipada nada conſeguio de vantajoſo neſte mar, ſirva de entretenimento na Hiſtoria a gentileza de dous irmãos Portuguezes em Ceuta contra outros dous irmãos Mouros Coſſarios de Tetuaõ. Eſtes Barbaros valeroſos, commandando cada hum ſua fuſta bem armada, infeſtavaõ com graves damnos as cóſtas entre Ceuta, Larache, Gibraltar, e Barbaçote. Ceuta era entaõ governada por Gomes da Silva, e Vaſconcellos, Pai de André, e de Miguel de Vaſconcellos, que foraõ encarregados de buſcar em dous brigantins aos coſſarios attrevidos. O Miguel, que

par-

partio primeiro, ſe encontrou com huma das fuſtas, e a abordou. Os Mouros, que eraõ muitos, e valentes, entráraõ o brigantim, e obrigáraõ os Portuguezes a metter-ſe debaixo da cuberta. Miguel da Silva com parte da ſua gente cortou os arpeos, lançou-ſe aos Mouros, e alimpou o convéz. Os eſcondidos ſahíraõ do refugio com outro animo, e a toda a voga vaõ ſobre a fuſta. Travou-ſe huma gentil peleija, em que morreo o Patraõ do brigantim, hum ſeu filho, hum ſeu ſobrinho, e ficou mal ferido o alentado Pedro Vieira. Quatro Mouros deſtemidos tornaõ a entrar no convéz. Miguel da Silva os inveſte com huma lança; atraveſſa pela garganta hum, que era o Capitaõ da fuſta, e aos tres obrigou a voltar as caras para ſalvarem as vidas. Neſta figura eſtava o combate, quando appareceo o brigantim de André da Silva, que conſummou a victoria, fazendo varar os Mouros em terra a pedirem miſericordia a Gomes da Silva, que nella eſtava vendo obrar a ſeus filhos eſta acçaõ biſarra. Era vulg.

Era vulg. A eſte ſucceſſo ſe ſeguio outro com tanto de galante, quanto de valeroſo. Naõ ceſſava o Rei de Féz de invadir os campos da noſſa juriſdiçaõ, andando mais como pyrata ás prezas, que como ſoldado em buſca da glória. Algumas acabára elle de fazer nos contornos de Tangere, e com o meſmo projecto paſſou aos de Arzila. Vivia entaõ neſta Praça Diogo Peres, homem vulgar, muito amado de todos pela ſua ſingular probidade, que padecia huma queixa diuturna, e penoſa, a que os Medicos applicáraõ por unico remedio alimentarſe com a carne dos cágados. Sabendo que elle eſtava afflicto por lhe faltar a ſua medicina, vinte Cavalleiros ſeus amigos, havida licença do Governador D. Joaõ Coutinho, ſahíraõ a buſcallos a hum rio de agua doce. Elles chegaõ; cravaõ na terra as lanças; tíraõ as ſellas aos cavallos; deſpem-ſe nús com licença militar pouco delicada em pontos de modeſtia; huns lançaõ as redes á peſca; outros ſe banhaõ, e lavaõ os cavallos; brincaõ, e vaõ fazendo o dia de feſta, toda a acçaõ de galhofa. O

Rei

Rei de Féz avisado pelos batedores, entende que este entremez era estratagema para occultar maior corpo de trópas escondido, que desafiava as suas, e destaca 400 cavallos, 200 para tomarem as avenidas da Praça, 200 para investirem a companhia dos nús. Era vulg.

Estes se engolfáraõ tanto no seu divertimento, que naõ ouvíraõ o tiro de canhaõ, com que da Praça os avisavaõ do perigo, nem sentíraõ o tropel da cavallaria, senaõ na contramargem do rio. O espectaculo de tantos Esquadrões espalhados pela campanha, naõ lhes alterou a fleugma. Elles nús montaõ nos cavallos em osso, pegaõ das lanças, e já combatendo, já retirando-se, logo do principio levaõ o entremez ás pancadas. Vio-se em aperto Joaõ Martins, hum destes ridiculos aventureiros, cahido do cavallo sem lhe perder a redea, naõ podia montallo, seguido do General Hamelix; mas o Mouro convertido Antonio Coutinho, que servia de Almocadem, atravessando hum Barbaro, que o buscava com a lança enristada, deo-lhe lugar para se pôr de ancas com

el-

Era vulg. elle, e continuáraõ a retirada. Com ella feliz sem perda de algum chegáraõ ás pórtas de Arzila ornados da galla do valor brilhante os vinte nús a serem alvo da admiraçaõ, e do riso universal: hum riso, que se nos permitta dizer tinha algumas semelhanças com o de Sara, por parecer hum riso, que o Senhor fizera para elles; riso glorioso, memoravel, digno da lembrança da posteridade pela sua causa.

O Governador D. Joaõ Coutinho sahio a recebellos com tantos graciosos apopthegmas, que fez mais plausivel a solemnidade, concluindo: Vistamolos antes de entrarem na Praça, naõ succeda que as Donzellas, a quem elles servem, se tornem em Evas, vendo tantos Adaõs no estado da innocencia. Depois de derramar louvores immensos no valor de cada hum, especialmente no do Mourisco Antonio Coutinho para animar os mais a emprehenderem gentilezas semelhantes, a todos fez mercê, e os mandou vestir aceada, e ricamente á sua custa: Chéfe magnanimo, que se gloriava de ter ás suas ordens

dens homens taõ valentes, que ſabiaõ mostrar-ſe criaturas da ſua diſciplina. Era vulg.

Como tantos ſucceſſos vantajoſos em Africa ſe faziaõ eſtimaveis, nós, e os Caſtelhanos ſentiamos que os pyratas de Tetuaõ nos inquietaſſem o goſto com a perturbaçaõ, que cauſavaõ no noſſo reſpectivo commercio. Eſta perturbaçaõ, movida pelos Barbaros, fez naſcer em El-Rei D. Manoel o deſejo de mandar edificar huma Fortaleza na embocadura do rio daquella Praça: empenho, para que o inſtava Carlos V. lembrando-lhe, que ſe para iſſo tinha algum inconveniente, lhe permittiſſe licença, que elle a mandaria fazer, e preſidiar. D. Manoel, que tinha os meſmos intentos, mandou de Lisboa ao ſempre memoravel D. Pedro Maſcarenhas com oito navios ſondar o canal da barra de Tetuaõ, vêr o lugar mais cómmodo para a Fortaleza, e que voltaſſe a informallo do que viſſe. Ainda que a occurrencia de muitos negocios impedíraõ a deſejada obra, D. Pedro foi criado General das galéz, e galeões deſtinados para o Eſtreito,

e

Era vulg. e lançou ferro em Arzila, que governava D. João Coutinho, ſeu cunhado. Eſtes Fidalgos ſe divertírão com huma entrada, que fizerão pela fragoſidade da ſerra de Benamarez, donde ſe recolhèrão com captivos, e deſpojos na fórma do ſeu coſtume.

CAPITULO III.

Continuaõ os ſucceſſos de Africa, e os da India no anno, que tratamos.

HUNS a outros ſe ſeguiaõ em Africa os actos de valor; porque ſempre eſtava aberta a Aula de Marte, aonde ſe graduava de heroica a corage Portugueza. Entre outros acontecimentos biſarros, ainda que naõ de conſequencia, he digno de lembrança o de huma caravella, em que navegava de Tangere para Arzila Antonia de Azevedo com tres homens capazes de uſar das armas, que eraõ ſeus primos Joaõ Coelho, Alcaide-Mór de Tangere, Ayres Coelho, e o Piloto Antonio Grinaldo. Hu-

Huma fuſta de Tetuaõ a encontra, aborda-a, e lhe mette dentro oito Mouros. Os tres bravos mataõ a quatro, e fazem retirar os outros. Os da fuſta, que ſó viaõ tres homens, o mais reſto mulheres afflictas, fazem entrar na caravella mais de vinte, que tiveraõ a meſma ſórte dos primeiros. Ás mãos dos tres morrêraõ déz, os outros ſe recolhèraõ, a caravella chegou-ſe á terra, aonde veio em peſſoa D. Duarte de Menezes, que namorado de huma tal gentileza, levou a gente para Tangere. Naõ foi menos glorioſa a invaſaõ, que fez D. Franciſco de Caſtro, Governador do Caſtello de Santa Cruz no Cabo de Aguer, ſobre Turocuco, Villa poderoſa do Xerife, que rendeo, queimou, paſſou os Mouros á eſpada, e reſtituio a liberdade a muitos Chriſtãos captivos. Era vulg.

Na India o Governador Diogo Lopes havia mandado a Antonio Correa para Pegu; mas com ordem de naõ ſahir de Malaca em quanto o Rei de Bintaõ eſtiveſſe ſobre ella. Foi o Correa taõ feliz, que obrigou eſte Principe a le-

Era vulg. levantar o cerco; e depois de deixar a Praça bem fornecida, ſeguio a ſua derrota. Com vento favoravel foi elle lançar ferro no porto de Martabaõ, ſituado na peninſula do Indo além do Ganges, donde enviou Antonio Peſſanha á Corte de Pegu cumprimentar o ſeu poderoſo Monarca. Eſte Principe o recebeo com grandes honras; acceitou agradavel o preſente, que lhe offereceo; mandou na ſua companhia a Martabaõ hum dos Sacerdotes ſummos, que em Pegu chamaõ Rolinos, e com elle hum dos primeiros Satrapas para firmarem com Antonio Correa o tratado de alliança com elle, e El-Rei D. Manoel. Entre magnificencias ſe celebrou eſta ceremonia, e depois della ficáraõ taõ attendidos os Portuguezes, que paſſeavaõ, e gozavaõ os divertimentos de Martabaõ com tanta ſegurança, como ſe eſtiveſſem na Pátria. Tal foi a condeſcendencia dos de Pegu, que Antonio Correa naõ teve difficuldade para carregar a ſua Fróta, que ſe compunha de cinco grandes náos, de muitos generos precioſos, eſpecialmente

te

te mantimentos, com que proveo Malaca. Era vulg.

Ainda que esta alliança com Pegu nos fazia respeitaveis, parece que ella mesma estimulou os Mouros dos contornos daquella Cidade para perseguirnos. Os primeiros, que o intentárão forão os de Pacem, já dominados pelo usurpador Geinal, que sendo parricida abominavel do seu Soberano, lhe usurpou o Throno, e arrastado do odio, que tinha aos Portuguezes, degollou então 25, que estavão naquella Cidade. Garcia de Sá, Governador de Malaca, tão pouco se embaraçou com esta revolução de Pacem, que se resolveo a castigalla sem fadiga com o golpe mais sensivel. Elle ordenou a Manoel Pacheco, que com huma das melhores náos fosse impedir a entrada dos viveres em Pacem, especialmente a pésca dos seus moradores, de que tiravão o alimento quotidiano, até os fazer acabar á fome. Entretinha-se o Pacheco nesta fórma de bloqueio, quando para a sua gente lhe faltou agua. Manda elle a lancha á terra para se provêr,

Era vulg. vêr, e encarregou eſta empreza a cinco homens, que por ſerem de naſcimento commum, naõ nos impede eſte erro da natureza, que os reſpeitemos por homens ſublimes, e lhes refiramos os ſeus nomes dignos de memoria eterna.

Do primeiro, e mais alentado deſtes aventureiros naõ ſabemos mais, que ſer o barbeiro da náo, e os outros Antonio Peſſanha, e Joaõ de Almeida, ambos de Alenquer, Antonio de Vera, do Porto, e Franciſco Gramacho. Os mais eraõ remeiros da lancha, que de nada ſervíraõ no combate. Tinhaõ elles feito a ſua aguada no rio Jacapari, quando de ambas as margens os aſſaltáraõ innumeraveis Barbaros, arrojando-lhes infinitas armas de arremeço. Por baixo deſta nuvem ſe retiravaõ os perſeguidos; mas naõ lhe ſervindo a maré, facilmente foraõ alcançados por huma de tres fuſtas, que lhes vinhaõ dando caça, guarnecida por cento, e cincoenta homens da Nobreza mais diſtincta de Pacem, commandados por Çudameci, bravo Capitaõ Jáo. Os noſſos

ſos cinco heróes neſte aperto invocáraõ o auxilio efficaz do Redemptor, e ſe determináraõ antes a morrer peleijando, que a viver eſcravos. Era vulg.

Chegou a fuſta avançada. O esforçado barbeiro a ferra pela prôa; os quatro entraõ dentro, e começa hum dos combates mais viſtoſos, que ſem ſer fabula, ſe contaõ no mundo. Taõ enormes foraõ os golpes de quatro homens ſobre 150, que mórtos a maior parte delles, os outros ſe arrojáraõ a acabar nas ondas, ſendo o ultimo o Capitaõ Jáo depois de haver tirado a vida a alguns, que ſe fizeraõ ſurdos para a obſervancia das ordens. Diga Roma ſe vio deſtas gentilezas nos ſeus Fabios, Scipiões, e Marcellos. Os das outras fuſtas atonitos com eſte eſpectaculo monſtruoſo, cobertos de horror, e pejo voltáraõ as prôas para Pacem. Os noſſos rebocáraõ a fuſta rendida até a náo, e a trouxeraõ para Malaca, aonde Manoel Pacheco a mandou guardar defendida do tempo em lugar público para teſtemunho de dous milagres, hum da aſſiſtencia Divina, outro do valor

hu-

Era vulg. humano. O Rei de Pacem abyſmado do terror deſta façanha incrivel, pedio a paz humilde, que Garcia de Sá lhe concedeo generoſo.

Acabada deſte modo a guerra com Geinal, intruſo Rei de Pacem, o de Bintaõ a renovava em Malaca, quando Antonio Correa vinha da ſua viagem de Pegu. Elle intentou caſtigar eſte noſſo perſeguidor inexoravel, conquiſtando-lhe a Cidade de Pado, e hum Fórte, que o Bintamez edificára na embocadura do rio Muar. Sendo neceſſario para eſtas expedições a uniaõ com Garcia de Sá, Governador de Malaca, por meio della ajuntáraõ as ſuas reſpectivas embarcações, que tomáraõ a bórdo 150 Portuguezes, e 400 Malaios. Navegou eſta Fróta ſem ſer ſentida até a barra do rio; mas todas as prevenções, que o Rei de Bintaõ tomára para impedir aos Portuguezes inſultarem Pado, e o Fórte, em nada fizeraõ mudar a Antonio Correa a reſoluçaõ primeira. Elle deſtacou a Jorge Meſurado para reconhecer ambos os póſtos, e a informaçaõ de que eſtavaõ bem defendi-

didos, foi o eſtimulo, que picou o Correa para naõ lhe demorar o ſerem atacados. Era vulg.

Se os Barbaros, aſſim como ſe moſtrávaõ circunſpectos nas prevenções, imitaſſem a firmeza dos Portuguezes no combate, elles por mais tempo lhes poriaõ tropeços á victoria. O ſeu número era grande; foi famoſa a reſiſtencia; mas a tudo ſuperior a noſſa conſtancia, nós forçamos os córpos de guarda, os póſtos avançados, tudo paſſamos á eſpada com tal eſpanto dos Barbaros, que elles abandonáraõ os redutos, e Antonio Correa, que os vio em deſordem, ſe avançou ao Fórte, levando-o eſpada em maõ ſem perdoar a cólera a valeroſos, e rendidos. Porque naõ ſuccedeſſe recobrarem-ſe os inimigos do repentino terror, o Correa ordenou a Duarte de Mello, que com a Armada aſſeguraſſe a bocca do rio, e elle foi apreſentar-ſe diante de Pado. Como o deſignio era impedir a reuniaõ dos Barbaros, o Correa na meſma marcha hia atacando as trincheiras, que cobriaõ a Cidade, até chegar ao

cam-

Era vulg. campo, aonde o Rei de Bintaõ com alguns elefantes o eſperava na téſta de hum groſſo deſtacamento.

Eſta previdencia do Rei deo cauſa a hum combate todo de opiniaõ, em que ambos os partidos moſtráraõ calor, e corage naõ vulgar. Huma reſiſtencia taõ deſigual ás primeiras fez entender aos Portuguezes, que a animava a preſença do Soberano, e esforçando os punhos entráraõ a deſcarregar golpes taõ eſpantoſos, que os Bintamezes naõ podendo ſoffrellos, para ſe pôrem em fugida precipitada, naõ lhes valeo a aſſiſtencia do Principe. Eſta desfeita do campo metteo em deſordem a Cidade, que foi entrada a ferro, e fogo, abandonada á pilhagem, e ao incendio. Peleija taõ longa teve por conſequencia huma grande mortandade, muitos priſioneiros, e o eſtrago de mais de cem navios, que fizemos arder no porto. Antonio Correa triunfante veio para Malaca colher as palmas da victoria, e diſpôr a ſua viagem para a India; deixando ao Rei de Bintaõ ſenſivel á perda, taõ cortado do ferro, com as for-

çaS

çãs de tal sórte diminuidas, que houve de suspender a guerra forçado da necessidade. Era vulg.

O socego, que principiava em Malaca, foi perturbado em Coulaõ por causa da rotura do ultimo Tratado, que a sua Rainha ajustára com os Portuguezes. Esta Princeza sempre instada pelos Mouros, naõ só faltava já abertamente á observancia dos seus principaes artigos, mas dispunha os meios de nos tomar a Fortaleza: projecto, que ella naõ descobria, senaõ a gentes de fidelidade provada, ou que houvessem de ser os seus executores: projecto, que ella queria levar ao fim por meio de intrigas, de traças, de perfidias, e que sahindo-lhe todas inuteis, teve de se alliar com a Rainha de Comorim para o conseguir com força descoberta. Inficionadas as aguas dos poços, mórtos os Portuguezes, que andavaõ com toda a segurança em Coulaõ, degollados os Christãos recem-convertidos, e quantas pessoas se entendêraõ inclinadas ao nosso partido: no principio do inverno, que nos havia

Era vulg. embaraçar os ſoccorros, as duas Rainhas nos declaráraõ a guerra, e appareceo nos contornos da noſſa Fortaleza hum Exercito de 20$000 homens.

Heitor Rodrigues, que a governava, e naõ tinha de guarniçaõ mais de trinta camaradas, naõ obſtante ſe conſiderar como ſubprendido, determinou fazer tal defenſa, que da Fortaleza naõ ſe arrancaſſe pedra ſem ſer lavada em ſangue. A eſta idéa taõ generoſa foraõ correſpondendo as acções na reſiſtencia a ataques vigoroſos, e repetidos, em que ſuppria a indúſtria o que faltava nas forças. Mas como a Fortaleza por todas as partes era inveſtida, e a ultima extremidade vinha chegando, elle ſe determinou a pedir ſoccorro a D. Aleixo de Menezes, que eſtava em Cochim. Para o fazer neceſſitava achar hum homem intrépido, que affrontando os perigos, houveſſe de romper pelo centro dos inimigos: gentileza, para que ſe offereceo hum ſoldado ordinario, e a executou heróe, levando o aviſo a D. Aleixo, que a todo o riſco mandou em huma fuſta com 25 homens

mens a D. Affonſo de Menezes. Com taõ pouco mundo foraõ tantas as difficuldades, que venceo eſte Fidalgo para entrar na Praça, fez tantas ſahidas, encheo de tal terror os Barbaros, que as Rainhas conſiderando, no que os Portuguezes faziaõ, o muito mais que eraõ capazes de fazer, pedíraõ a paz, e promettêraõ a obſervancia do Tratado na fórma primittiva. Era vulg.

Eſte anno teve El-Rei D. Manoel o goſto de ouvir a relaçaõ das peregrinaçóes de Gregorio de Quadra, que chegou a Lisboa depois de haver rodado huma grande parte dos Paizes do Univerſo. Naufragára eſte homem em companhia de Duarte de Lémos no Cabo de Guardafu; e ſalvando-ſe com outros em hum brigantim, que o levou a Zeila, o Rei de Adem o teve muitos tempos priſioneiro. Conquiſtando-lhe parte do Reino hum Principe, pôz em liberdade com cinco companheiros a Gregorio de Quadra, que ſabendo bem a lingua Araba, e fingindo-ſe Mouro Santaõ, naõ ſó ſe inſinuou nos bons agrados dos Póvos, mas ſe introduzio

Erá vulg. na graça do Rei vencedor, que o fez o primeiro dos ſeus valídos. Como o ſeu deſejo era vêr o mundo, e voltar para a Patria, ſenhor da vontade do Principe, com o pretexto dos votos de Religiaõ, foi-lhe facil conſeguir delle licença, e o mais neceſſario para a viagem de Meca, donde marchou com trabalhos immenſos por várias Regiões, até vir parar em Ormuz.

Neſta Cidade chorou elle amargamente o ſeu fingimento de Mouro, penetrado da doutrina de Jeſu Chriſto, que diſſe naõ confeſſaria na preſença de ſeu Pai aquelles, que naõ o confeſſaſſem na preſença dos homens. Garcia Coutinho, que governava Ormuz, o encheo de beneficencias, e o mandou para a India, aonde embarcou para Portugal com o fim de repreſentar ao ſeu Rei: Que elle giràra por toda a Ethiopia ſituada além do Egypto: Que víra o grande lago, aonde o ſoberbo rio Nilo tem o ſeu naſcimento: Quaes eraõ os coſtumes, as leis, os inſtitutos dos Ethiopes, que viviaõ na Communhaõ Chriſtã: como eſtava ſituado

o

o Egypto; como se governavaõ os Arabes; como se regiaõ os Persas; a differença das suas Seitas; os cultos da Casa de Meca; e quanto havia de memoravel nas Arabias. El-Rei satisfeito do que acabava de ouvir, ordenou ao Quadra, que o seu discurso o reduzisse a huma Memoria, e por fórma de relaçaõ para elle a examinar, e se resolver no que devia obrar para gloria da Religiaõ, para credito do Estado, e vantagem do serviço. Era vulg.

Resultou do exame a que podéra ser para o Quadra huma felicidade grande, se elle naõ encontrára nos seus nacionaes aquella antiga emulaçaõ Portugueza, que naõ consente avances de reputaçaõ entre os proprios paizanos. Determinou El-Rei, que Gregorio de Quadra com cartas suas para Affonso, Rei de Congo, fosse commandando huma Esquadra, e que com ella abrisse caminho, por onde podesse chegar aos lagos de Zaire, de Zaflaõ, examinar as fontes do Nilo, chegar aos Estados do grande Négus, e fallar a David, Monarca da Ethiopia. Com feliz

Era vulg. liz navegaçaõ chegou Quadra aos pórtos de Congo ; mas se na ferocidade do mar achou clemencia, na malignidade dos Portuguezes encontrou tormentas. Todos os que estavaõ em Congo trabalháraõ por persuadir ao Rei Affonso, que Quadra era hum impostor, ou hum pyrata : que para a continuaçaõ da jornada lhe devia negar os passaportes : que as Cartas Credenciaes, que elle apresentava do Rei de Portugal, eraõ suppostas : que elle devia examinar a verdade, escrevendo ao mesmo Rei : idéas infames nascidas da envéja, de que Quadra conseguisse a empreza, de que elles poderiaõ algum dia ter a gloria de ser authores, e que bastáraõ para trazerem á sua devoçaõ impia toda a condescendencia do Rei de Congo. Desgostado o homem bom de perseguiçaõ taõ inexoravel, voltou para Portugal, aonde se fez frade de S. Francisco, viveo exemplar, e morreo Santo ; corôa bem merecida por premio dos seus trabalhos.

CA-

CAPITULO IV.

Da revoluçaõ, que causou a mórte do Imperador Maximiliano I., e de alguns successos de Africa.

NESTA passagem da Historia, que vou a tratar, naõ me embaraçarei com o que nos referem os Historiadores nacionaes, e vassallos dos dous Principes pretendentes ao Imperio por mórte do Imperador Maximiliano I., que foraõ Carlos, Rei de Castella, e Francisco de França, assim no que respeita aos meios, de que se servíraõ, como ás indústrias, que usáraõ; aos thesouros, que despendêraõ; aos votos, que compráraõ; ás allianças, que fizeraõ; para me contrahir ao que pertence a Hespanha, em que teve de se interessar El-Rei D. Manoel. Era vulg.

Quando Carlos V. havia partir de Castella para Flandres a pretender o Imperio, convocou os Estados do Reino, e aconselhado pelo seu Ayo Guilherme de Chiévres, Flamengo de Na-

çaõ

Era vulg. çaõ, que regia os annos verdes da sua mocidade, impôz em Hespanha hum tributo enorme, com que ella naõ podia, e a tempo em que todas as bolças estavaõ mal providas pelas ultimas sommas, que dellas se haviaõ tirado por outros novos impóstos. Desta violencia ha razões taõ justas para desculpar a inadvertencia de Carlos, como para arguir a temeridade de Chiévres. Todos sabem, que como os Reis naõ occupaõ a alta Dignidade da Soberania para extorquirem os espiritos dos Póvos no cabedal com o fim dos seus interesses particulares, senaõ para promoverem o bem, e felicidade do commum: que para este fim, seja na paz, ou na guerra, elles devem ser ajudados pelas riquezas dos vassallos.

Tambem todos naõ ignoraõ, (quero dizer todos os instruidos) que os Reis trataõ negocios infinitos dentro, e fóra dos seus Estados: que saõ obrigados a administrar justiça com igualdade: que tem occasiões, em que naõ pódem deixar de fazer a guerra para de-

defensa, e segurança dos Reinos: que inimigos estranhos, e as sedições domesticas quasi sempre desafiaõ a sua vigilancia; e se alguem entende, que tantas obrigações se pódem encher sem despezas avultadas, ou he falto de juiso, ou nada sabe do que he respectivo ao commum da vida, e sociedade dos homens. Por esta razaõ o costume geral da mesma sociedade, que reconhece devem os Soberanos ser sustentados pelos tributos dos Póvos, naõ he simplesmente de direito humano; mas elle está firmado em huma authoridade Divina. Naõ entraráõ nesta ordem os abusos, que alimentaõ superfluidades, nem a desigualdade, se empobrece as casas de muitos para enriquecer as de poucos com o fim de adquirir os nomes falsos de liberal, e magnifico, quando se perdem os verdadeiros de justo, e de clemente. Era vulg.

Naõ ha quem deixe de confessar, que na occasiaõ de pretender o Imperio, Carlos cahio nos abusos a respeito dos impóstos. Mas he necessario advertir, que elle, ainda que succedeo

nos

Era vulg. nos Reinos de Heſpanha por direito hereditario; que naõ foi criado nella; naõ ſabia os ſeus coſtumes; era hum Principe moço abandonado aos conſelhos do Ayo, que o criára. Eſte homem de experiencias taõ longas, quanto dominado da avareza, arrojou o ſeu Rei, naõ ſó ao precipicio de perder Heſpanha, mas ao de macular a ſua reputaçaõ na poſteridade. Com eſta extorſaõ ſe inquietáraõ os Póvos, perturbáraõ-ſe muitos dos Grandes, approveitáraõ-ſe da auſencia de Carlos, e formáraõ huma liga homens, e Cidades, que fizeraõ ſeus Chéfes a D. Joaõ de Padilha, e ao Biſpo de Çamora. Os ſucceſſos deſta alliança, chamada as Communidades de Caſtella, naõ ſaõ do meu aſſumpto. Eu direi, que por huma parte os Governadores, que Carlos deixára no Reino, pedíraõ nos ſeus maiores apertos a protecçaõ del Rei D. Manoel, e que os ſoccorros que elle lhes mandou de artelharia, munições, e dinheiro, contribuíraõ para a victoria, que depois alcançáraõ dos rebeldes.

Por

Por outra parte os sediciosos lhe mandárão propôr, que elles lhe entregarião as Praças mais fórtes, as melhores Cidades de Castella, se quizesse soccorrellos, e que o aclamarião Rei de toda a Monarquia, a que tinha direito por qualquer dos seus tres casamentos, ou por todos elles, que o isentavão da nota de usurpador. D. Manoel ouvio, mas não acceitou alguma destas proposições. Superior a sua magnanimidade a tantos objectos interessantes, que arrastão os espiritos mais sublimes, fiel ás relações da amizade, e parentesco, lhes representou com doçura a indústria, que elles havião obrado com o seu Rei natural; e bem longe de os intimidar por meio de reprehensões sevéras, ou de os irritar pela denegação dos soccorros, que lhe pedião; elle se lhes offereceo para Medianeiro com o Imperador, se quizessem reentrar nos seus justos deveres para se fazerem dignos da clemencia do Cesar. Atonitos vião, e meditavão os Castelhanos a repugnancia, que El-Rei mostrava em os receber no número Era vulg.

ro

Era vulg. ro dos ſeus vaſſallos, e facilmente concebêraõ, que a grandeza do ſeu coraçaõ naõ ſe contentava com acquiſições, e conquiſtas, que lhe repreſentavaõ muito faceis.

As ſementes deſta rebeliaõ de Caſtella paſſáraõ o mar, e foraõ fructificar em Africa. D. Nuno Maſcarenhas naõ podia diſſimular o odio, que tinha a Cide Haya Abentafut; que parece era propria dos Governadores de Çafim a deſconfiança da fidelidade deſte bom amigo, e grande General. Como os Mouros de Garabia, e de Dabida ſe ſoblevâraõ contra elle, os inimigos occultos de Abentafut trouxeraõ D. Nuno ao ſeu partido, e trabalhou pelo deſacreditar na Corte. O innocente perſeguido eſcreveo huma larga Carta a El-Rei, em que ſe juſtificava; e como elle já tinha experiencias bem provadas da fidelidade de Abentafut, ſem precederem mais informações, eſteve pela verdade do Mouro, e ordenou a D. Nuno, que com eſte vaſſallo fiel uſaſſe das medidas mais honeſtas; que naõ eſcutaſſe as vozes da

ca-

calúmnia; que cortasse as paixões, e conselhos dos seus inimigos, e que para elle os abater lhe desse soccorros. Assim o executou D. Nuno, e com a ajuda das nossas armas Abentafut se lançou sobre os rebeldes, que naõ tendo valor para esperallo, elle lhes captivou as mulheres, e filhos, que foraõ os refens da fidelidade, que lhe prometteraõ. Era vulg.

Pelo mesmo tempo o memoravel Vasco Fernandes Cesar, que foi Adail de Azamor, guardando o Estreito com huma caravella, fez o seu nome mais célebre, e deixou aos Successores Armas illustres. Depois de pôr em fugida huma galeota de Mouros, e tomar outra, os Barbaros para despicarem esta injúria, o vieraõ atacar com seis fustas bem providas de armas, e de gente. Com partido taõ desigual naõ recusou elle o combate, em que foi taõ feliz, que depois de destroçar duas fustas, pôz as mais em fugida: façanha heróica, que mereceo ornarem as mesmas fustas o brasaõ dos do apellido de Cesar.

Hum

Era vulg. Hum Mouro valeroſo chamado Mulei Benaduxera, que a ſer-nos fiel poderiamos eſtimar nelle outro Abentafut, pelos meſmos tempos fazia guerra crúa ao Rei de Féz. Decahio o ſeu partido, e tomou o de vaſſallo del Rei D. Manoel, offerecendo-ſe a D. Alvaro de Noronha, Governador de Azamor, que o admittio na Cidade com 200 homens, a maior parte ſeus parentes, valeroſos, e bem aguerridos. D. Alvaro o nomeou Commandante de huns Xéques da Xerquia, que tinhaõ ás ſuas ordens 1⊅200 cavallos; mas elle para ſe firmar mais nas vantagens, que eſperava da nova vaſſallagem, mandou ſeu irmaõ Ferez a Lisboa render obediencia em ſeu nome a El-Rei D. Manoel. Foi elle deſpachado como pretendia, e acompanhado de Diogo de Mello com alguma gente, ambos traziaõ ordem para entrarem com as forças colligadas nas terras dos inimigos. Beneduxera naõ perdeo tempo em ſe approveitar do ſeu indulto, e companhia de Diogo de Mello; marchando a Bicalamim, elle na téſta de 1⊅100 ca-

cavallos, e o Mello na de 75, e de 60 escopeteiros. Trinta e dous Aduares naquelle sitio foraõ outros tantos lagos de sangue; e cançados os vencedores de o derramarem, perdoáraõ a vida a 500 captivos, e se recolhêraõ com hum despojo capaz de despertar a cubiça. Era vulg.

Naõ passou muito depois deste successo, que o perfido Benaduxera naõ entrasse em negociações occultas com o Rei de Féz, e para fazer entrada na sua amizade, se offereceo a apparecer na sua presença com bastante número de Portuguezes, que seríaõ as victimas para a expiaçaõ dos seus antigos crimes. Acceitou o Rei a offerta, como interessante ao seu odio dobrado ao conductor, e conduzidos; mas D. Alvaro, que já desconfiava do Mouro, ordenou a Diogo de Mello, que naõ o acompanhasse nas suas expedições. O Barbaro astuto, que penetrou a idéa de D. Alvaro, sahio da Praça, veio a Mazagaõ, e pedio a Antonio Leite lhe desse alguns homens para certa empreza, em que tambem havia ser soccorrido

por

Era vulg. por D. Alvaro. O Leite, que tudo ignorava, o reforçou com huma companhia, que o ſeguio até a ſerra verde, dezaſete legoas de Azamor. Aqui declarou elle a ſeu irmaõ Ferez todos os intentos, que levava; que o pozeraõ confuzo; que o deixáraõ ſuſpenſo entre o temor, e a irreſoluçaõ.

Paſſado o primeiro ſuſto, diſſe Ferez a ſeu irmaõ: Como eſtais reſoluto a ires para Féz, vós naõ deveis dobrar a perfidia levando enganados eſtes Chriſtãos, nem a bandeira, que por mim vos mandou o Rei D. Manoel: eu vos aſſeguro, que ſe vós viſſes o ſemblante deſte Principe, como eu o vi, vós naõ vos atreverieis a uſar contra elle eſta trahiçaõ. Reſpoſta ſemelhante hia ſendo cauſa de hum rompimento entre os dous irmãos. Prevaleceo porém a contumacia generoſa de Ferez, que conſeguio voltarem para Mazagaõ os Portuguezes, que elle quiz ſeguir; mas o trahidor Benaduxera o reteve com o fundamento, de que queria ouvir a deſculpa, que dava ao Rei de Féz, por lhe naõ deixar levar aquelles

les Christãos á sua presença. Com as demonstrações da humildade mais profunda se lançáraõ os dous irmãos aos pés daquelle Rei, que bem longe de se deixar tocar do seu arrependimento, naõ os quiz ouvir, escusou-se de lhes perdoar, e com o pretexto de naõ trazerem os Portuguezes, lhes mandou cortar as cabeças, vindo a ser hum Rei de Féz o vingador da injúria feita ao Rei de Portugal. Era vulg.

CAPITULO V.

Trataõ-se os successos da India no anno de 1521.

NÓS somos chegados á narraçaõ dos acontecimentos do fatal anno de 1521: anno fatal, em que Portugal perdeo ao seu grande Rei D. Manoel; em que se mallogrou na India a expediçaõ de Dio; em que sentíraõ decadencia os negocios de Africa, como presagios funestos da maior calamidade do Reino, que havendo subido ao estado da felicidade, esperava-o a declinaçaõ na morte do Rei filho da ventura. 1521

Era vulg. O Governador da India Diogo Lopes de Siqueira chegando do mar da Arabia á Cidade de Cochim, como fica dito, achou reiteradas as instancias del Rei, que lhe mandava requeresse com toda a força ao Soberano de Cambaya o lugar para fazer em Dio huma Fortaleza, e que no caso de naõ o conceder lhe declarasse a guerra. Em observancia desta ordem, o Governador entrou a preparar huma grossa Armada, que Melique Saca, filho de Meliqueáz, naõ duvidou ser dirigida ao porto da sua Cidade. Elle o mandou observar pelo seu favorecido Camallo com o pretexto de visitar ao Governador em Cochim, e de lhe offerecer hum presente da parte de Melique. O nosso projecto facilmente foi penetrado por Camallo, que partio a levar as instrucções, e os Commandantes de Dio cuidáraõ em se prevenir para huma vigorosa defensa. O Governador, depois de despedir a Antonio de Saldanha com as náos do Reino, partio de Cochim para Goa, e dadas algumas providencias, seguido de Antonio Correa, que chegá-

gára de Malaca, se fez na volta de Chaul a observar conjuntura para o designio. Era vulg.

Compunha-se a sua Armada de mais de 80 vélas, a maior parte commandadas por Fidalgos de grande qualidade, guarnecidas com tres mil Portuguezes, e mil Naires: Armada Portugueza como até aquelle dia fora vista outra na India mais consideravel, e mais fórte, capaz de maiores emprezas, se a fortuna do Chéfe presente correspondèra á dos passados. No principio de Fevereiro ferrou ella o porto de Dio, e huma simulaçaõ reciproca entrou a ser o proemio das operações por ambas as partes: Melique derramando civilidades, e mandando presentes: o Governador retribuindo agradecimentos, e affectando a sua vinda huma passagem para Ormuz. Elle rogou a Melique huma entrevista, que lhe foi concedida, e nella pedio lugar para a Fortaleza, e a Fernaõ Martins Evangelho com os mais Portuguezes, que se achavaõ em Dio. Á primeira proposta respondeo Melique: Que elle naõ podia dar licença para a fabrica da Fortaleza sem autho-

Era vulg. ridade de ſeu Pai, que eſtava auſente. Á ſegunda diſſe: Que os Portuguezes eſtavaõ taõ ſeguros em Dio, como ſe foſſe em Lisboa, tratando dos ſeus negocios, e que entregallos á viſta de huma Armada, todos o teriaõ por covardia indigna do ſeu caracter.

Deſcontente o Governador com eſtes deſpachos, voltou para a Armada, e chamou os Capitães a conſelho, em que ſe reſolveo, que a Cidade taõ bem municiada naõ devia ſer inveſtida. Fez-ſe pública eſta reſoluçaõ entre os Officiaes, e ſoldados, que em clamor geral ſe ſentiaõ, de que os Portuguezes na India com ſemelhantes Chéfes, já naõ eraõ homens: que todos os Orientaes lhes perderiaõ o reſpeito: que como já ſe faziaõ reflexões em Praças preſidiadas, em número de inimigos, e ſe buſcava proporçaõ para os combates, que ſe abandonaſſe a India, antes que a Naçaõ Portugueza principiaſſe a ſer a zombaria dos ſeus Póvos. Em fim o rumor rompeo por todas as medidas, quando foi viſto Fernaõ Martins Evangelho vir com ſalvo conduto a bórdo

da Capitania eſcoltando muitos caixo- Era vulg.
tes, que mandava Melique Saca, naõ havendo juizo que duvidaſſe ſerem elles outros tantos penhores, que ligavaõ ao Governador, e aos ſeus ſequazes para nada obrarem contra Dio, e que a glória do Rei, da Pátria, dos Portuguezes elles a deprimiaõ arraſtados do ſeu intereſſe particular, que as mãos palpavaõ, e os olhos viaõ.

Sería injuſta eſta ſuſpeita dos Subalternos, e ſoldados; mas o apparato formidavel da Armada no meſmo porto de Dio o Governador o fez em troços. Depois de ſe deſpedir com muitos cumprimentos de Melique, e de ſeu camarada Hagamahamet para navegar a Ormuz, ordenou a Antonio Correa, a Joaõ de Coimbra, a Diogo de la Puente foſſem vêr ſe no rio de Madrefaval, cinco legoas de Dio, havia lugar cómmodo para a fabrica da Fortaleza. Deſpachou a D. Aleixo de Menezes com as galéz para Cochim; a Jorge de Alburquerque para Malaca; a Jorge de Brito para Maluco; a Rafael Catanho, e a Rafael Pereſtrello para a China; e

em

Era vulg. em Dio deixou a Diogo Fernandes de Béja com a ſua náo, e duas caravellas com ordem de carregar mantimentos para Cochim, de tomar a bórdo a Fernaõ Martins Evangelho com os mais Portuguezes, declarar depois a guerra ao Rei de Cambaya, e ir incorporarſe com elle em Ormuz, para onde fez viagem, contente em cumprir a ordem do Rei por commiſſaõ.

Outra conſequencia mais funeſta, que a da mallograda empreza de Dio, hia cauſando a ſeparaçaõ das forças da India para tantas partes differentes, ficando ella enfraquecida. Como o Governador para fazer a Armada reſpeitavel tirou o groſſo das guarnições das Praças, eſpecialmente de Goa, que tinha á pórta hum inimigo temivel, que ſabia approveitar-ſe dos noſſos deſcuidos; eſte inimigo, que era o Hidalcaõ, naõ perdeo a occaſiaõ de a inſultar na téſta de hum Exercito numeroſo. Valeo-nos neſte aperto o noſſo fiel alliado Criſnara, Rei poderoſo de Narſinga, que em noſſo favor declarou a guerra ao Hidalcaõ; venceo-o em huma

ma diſputada batalha; reduzio á ſua obe- Era vulg.
diencia a Provincia de Balagate; mereceo para ſi ſó o commercio dos cavallos da Perſia, e da Arabia, que vinhaõ a Goa; e para moſtrar a extenſaõ da ſua magnanimidade, e do ſeu poder, aviſou a Rodrigo de Mello, que entaõ governava Goa, mandaſſe tomar poſſe da Provincia conquiſtada em nome do ſeu alliado o Rei D. Manoel, a quem elle a cedia.

Com ſatisfaçaõ indiſivel recebeo Rodrigo de Mello eſta próva da amizade, e da grandeza de Criſnara, que tanto avançava os intereſſes do Eſtado, e da Naçaõ. Elle a agradeceo com expreſsões as mais ſignificantes de reconhecimento; e mandou a ſeu ſobrinho Rodrigo Juſarte de Mello com 200 Portuguezes, e 700 Indios occupar Salcete, que achou deſerto, Bardez, e Pondá, aonde foraõ eſtabelecidos tribunaes, e arvoradas as noſſas bandeiras nos lugares, e Praças públicas. Mas paſſados dous mezes, o Hidalcaõ refazendo as ſuas trópas, quiz affogar-nos no berço a dominaçaõ, que acabava de naſ-

cer.

Era vulg. cer. O Jusarte sem se assustar com a vinda deste inimigo, pedio a seu tio marchasse a unir ás suas o resto das forças de Goa para acabarem de derrotar as reliquias destroçadas do Hidalcaõ em nova batalha, já que iutentava fazer com ellas huma nova guerra. Neste encontro foi completo o estrago do Hidalcaõ, e o nosso triunfo, que authorisáraõ 130 pessoas das mais distinctas de Balagate, que Rodrigo de Mello trouxe para Goa em refens da fidelidade dos seus patricios.

Quasi ao mesmo tempo a Fortaleza de Columbo na Ilha de Ceilaõ esteve em perigo semelhante ao de Goa; causado pela facilidade do seu Governador, que sem mais causa, que a de condescender com a audacia de soldados dyscolos, atacou a Cidade furtivamente á hora, em que os seus moradores descançavaõ. Procedimento taõ estranho escandalisou todos os Ilhéos, que formáraõ Exercito numeroso, e vieraõ sitiar a Fortaleza. Cinco mezes soffreo Lopo de Brito grandes trabalhos com igual constancia, impossibi-

bilitado por cauſa do Inverno a receber ſoccorros de Cochim. D. Aleixo de Menezes, que eſtava neſta Cidade, e fora aviſado por Lopo de Brito da extremidade, a que ſe achava reduzido, pela auſencia do Governador, que levára o groſſo das noſſas forças, apenas pode mandar de ſoccorro a Antonio de Lémos em huma galé com 50 homens, que chegáraõ a Coulaõ atropelando perigos. Bem podia deſmaiar a corage do Governador Lopo de Brito com a noticia, que lhe deo Antonio de Lémos, de que naõ tinha de eſperar mais ſoccorro, em quanto Diogo Lopes naõ voltaſſe de Ormuz; mas elle determinou, que o valor da ſua eſpada a todo o riſco havia ſer a ſalvaçaõ da Praça. Era vulg.

Elle ordenou a Antonio de Lémos, que em huma noite ſe foſſe poſtar com a galé na frente dos baluartes, e que ſem ceſſar varejaſſe pela parte do mar o campo dos inimigos. Ao meſmo tempo fez elle huma ſahida com 300 homens pelo lado, em que ſuppoz haveria mais deſcuido, e foi derramando o

ter-

Era vulg. terror entre os Barbaros desprevenidos, só cuidadosos em evitar o damno, que lhes causava a artelharia da galé. Como o seu número era grande, elles podéraõ formar hum corpo de Exercito com 25 elefantes na sua frente, armados de castellos, e de fouces nos dentes: qualidade de inimigos, que os nossos temêraõ, e os faziaõ retroceder. Lopo de Brito mandou entaõ avançar os espingardeiros, e darem huma carga sobre os brutos, que sentindo-se feridos, voltáraõ sobre o campo contrario, e o mettêraõ em desordem. Os Portuguezes aproveitáraõ esta occasiaõ; carregáraõ os inimigos, que foraõ degollando sem piedade, até os mettêrem destroçados em hum palmar, aonde Lopo de Brito mandou tocar a retirada, para que a gente naõ se desmandasse na confusaõ do bosque. Apenas os nossos se recolhêraõ vencedores á Fortaleza, chegáraõ Deputados dos vencidos a pedir a renovaçaõ da paz, que lhes foi concedida, e era o mesmo, que nós desejavamos.

O Governador da India Diogo Lopes

pes de Siqueira ſe achava em Ormuz occupado na arrecadaçaõ dos tributos, de que o Rei, e o ſeu valido Rax Xarafo determinavaõ iſentar-ſe por meio de huma trahiçaõ, logo que ſe viſſem deſaſſombrados da preſença do Governador. Para o divertirem, ou o arriſcarem, ambos lhe repreſentáraõ, como Mocri, vaſſallo de Ormuz, ſe levantára com a rica Ilha de Baharem; que a dominava em tom de Soberano; que com huma Fróta numeroſa rompia o commercio, e reduzia a Ormuz ao eſtado de pobreza; que ſendo eſte Reino feudatario do Rei D. Manoel, a elle Governador pertencia caſtigar eſte tyranno, lançallo de Baharem, e fazer reentrar o Rei de Ormuz na poſſe dos antigos direitos. Diogo Lopes propôz eſta repreſentaçaõ em Conſelho, e nelle ſe reſolveo, que ſe devia emprehender a guerra de Baharem na fórma, que o Rei a requeria, bem alheios os Portuguezes do eſpirito de fraudulencia, com que elle a intentava. Era vulg.

Antonio Correa, ſobrinho do Governador, e em Malaca triunfante do

Rei

Era vulg. Rei de Bintaõ, foi o eſcolhido para eſta empreza com 400 homens de qualidade, e valor, que embarcáraõ em ſete vélas da Armada. Rax Xarafo o quiz acompanhar com 150 terradas, em que levava tres mil Mouros, que hiaõ ſer teſtemunhas, ſem acçaõ, da noſſa victoria, ou do noſſo deſtroço. Reunidas em Baharem as Frótas, que deſgarrára hum temporal, Antonio Correa com os ſeus Portuguezes pôz pé em terra, e entrou na Ilha, que achou fortificada com muitas trincheiras, grande número de gente, de artelharia, de munições, de tudo quanto podia contribuir para huma defenſa bem vigoroſa. Nada deteve o paſſo deſte bravo Capitaõ para ſe avançar á Cidade de Baharem, que ſe por duas partes a atacou com esforço, encontrou huma reſiſtencia valeroſa, que por muitas horas lhe diſputou a victoria. Ella ſe declarou a noſſo favor depois de Mocrim ſe retirar mal ferido, de morrerem 300 Barbaros, de fazermos muitos priſioneiros, e do medo aſſaltar a todos para ſe pôrem em fugida. Dos

Por-

Portuguezes faltáraõ cinco, e entre os feridos Arias Correa, irmaõ do Commandante, que obrou maravilhas na defensa da Bandeira Real, que levava arvorada. Era vulg.

O Xarafo, que nos víra pelejar de longe, foi chamado por Antonio Correa, que lhe entregou o dominio da Ilha, como a Plenipotenciario do Rei de Ormuz, dando primeiro juramento de perpetuamente a possuir debaixo do imperio do de Portugal. Pouco depois o mesmo Xarafo fez saber a Antonio Correa, que Mocri morrêra das feridas; que o cadaver deste genro de hum Sacerdote de Meca hia enterrar á Cidade de Catifa; que lhe desse licença para o mandar tomar no caminho, cortar-lhe a cabeça como a rebelde, e levalla para Ormuz. Havida a permissaõ, e conseguido o projecto, a pelle da cabeça de Mocri chêa de algodaõ, foi apresentada em Ormuz ao seu Rei, e ao Governador. Hum sobrinho deste infeliz veio entregar a Antonio Correa a Cidade de Catifa; e rendida toda a Ilha de Baharem, esta façanha deo

no-

Era vulg. novo apellido ao ſeu author, que o tomou do nome da meſma Ilha. Foi grande eſta victoria de Baharem para El-Rei D. Manoel a olhar com indifferença; mas a deſgraça ſuccedida em Africa ao ſeu fiel vaſſallo Abentafut, como nós vamos a vêr, naõ lhe deixou tomar o goſto ás circunſtancias, e á glória.

CAPITULO VI.

Succeſſos de Africa; mórte de Abentafut; exaltaçaõ dos Xerifes, e ultimo Governador nomeado por El-Rei D. Manoel para a India.

SEMPRE altos os penſamentos de Cide Haya Abentafut, ſempre conſtante na fidelidade, com que ſervia a El-Rei D. Manoel em Çafim; agora grato ás ultimas honras, que recebêra delle, quando D. Nuno Maſcarenhas duvidava da ſua fé: Abentafut determina dar della as próvas mais conſtantes em duas emprezas ambas de eſtrondo. Elle toma

ma todas as medidas para abater a arrogancia do Xerife, já intoleravél, que entrando em Féz, e Marrocos como Miſſionario do Alcoraõ, tomou o exercicio de ſoldado com a figura de Soberano. Elle ſe reſolve a fazer-ſe ſenhor de Marrocos, antes que eſte Barbaro, que hia engroſſando hum Dominio, o reforçaſſe com a conquiſta do meſmo Reino. Ao deſignio ſe ſeguio a execuçaõ, e preparada a ſua gente, pedio a D. Nuno o ſoccorro da Portugueza, e algumas peças de campanha. Tanta era a noſſa confiança neſte bom amigo, que além do deſtacamento, que lhe deo D. Nuno, commandado por D. Rodrigo de Noronha acompanhado de Franciſco de Mello, de Affonſo Gomes, de Joaõ Fernandes Preto, e de outros bravos Cavalleiros, o ſeguíraõ muitos voluntarios de Çafim para ſerem ſeus camaradas nos perigos, e na glória. Era vulg.

O meſmo fizeraõ os Mouros da Garabia, e de Dabida, que ſe uníraõ ás trópas, com que Abentafut marchou para o campo das Salinas. Naõ ſentio

Era vulg. elle o mesmo ardor nos Barbaros de Uled Ambraõ, que mandou convidar com o intento, de que se viessem, os entresacharia nos seus Esquadrões fiéis para os engrossar; se lhe faltassem, lhes cahiría em cima para os destruir. Na primeira idéa errou Abentafut, que conhecendo aquelles Mouros inclinados á trahiçaõ, naõ se devia fiar delles, e a confiança lhe custou a vida. No tempo desta negociaçaõ, soube elle, que o Senhor da Serra em Uledemet derrotára hum Alcaide com 50 criados seus, e que no choque morrêra Abrahem, pessoa de qualidade. Sem mais companhia, que a de tres de seus Capitães foi Abentafut assistir á pompa funebre de Abrahem, aonde os Barbaros de Uled Ambraõ se conjuráraõ para lhe dar a mórte, quando com os mais convidados estivesse á meza.

Azum, irmaõ do morto, tratou a Abentafut com as honras devidas ao seu caracter, e merecimento; mas ellas acabáraõ ás mãos da perfidia de tres dos principaes conjurados, que quando menos se pensava matáraõ Abenta-

fut

fut ás punhaladas. Affim acabou o alentado homem, terror da Mauritania, conftante aos intereffes de Portugal: a morrer ás mãos, parece que fó ás da trahiçaõ podia morrer tal homem. Quizeraõ vingallo os feus Officiaes; mas declarados os complices, a todos tiráraõ as vidas. Uled Ambraõ com a noticia tanto do feu gofto, marcha ao campo de Abentafut para fazer hum fó facrificio de todos os Portuguezes. Já elles fe haviaõ retirado com os Mouros da Garabia, e marchado huma legoa, quando eftes Barbaros, emulos da perfidia dos feus nacionaes, fe lançaõ fobre elles, mataõ a muitos, prendem com alguns a D. Rodrigo de Noronha, com Francifco de Mello efcapaõ poucos, que fe recolhem a Çafim. Era vulg.

O Mouro Bogima, que tinha a fua familia nefta Praça, foi o primeiro, que lhe levou a noticia do cataftrophe. D. Nuno Mafcarenhas, depois de confolar as mulheres de Abentafut, de affegurar aos Mouros moradores a fua protecçaõ, monta com a cavallaria, e em impetos de raio bufca aos authores

Era vulg. da atrocidade, que encontra, que degolla, a que captiva 650, e salva alguns dos nossos captivos. Foi voz constante, que o Xerife maquinára a mórte de Abentafut, e era este o terceiro tropeço, que lhe faltava remover para andar solto na perversidade das suas idéas. Já morrêra o grande Nuno Fernandes de Ataide; estava prisioneiro, e maltratado dos Barbaros o formidavel Lopo Barriga; agora acabou Abentafut; e já com o campo livre, vamos a vêr outra perfidia, que naõ só o fez correr, mas voar ao Throno: passagem da Historia, que eu refiro para já se saber, que este usurpador preparou a Potencia, que nos foi fatal no reinado de D. Sebastiaõ, aonde as nossas glórias se abatêraõ.

Naõ tendo os Xerifes quem lhes embaraçasse os projectos, o mais authorisado dos irmãos escreveo ao Rei de Marrocos para o servir com todas as suas forças contra Çafim. Foi bem acceita a offerta; os Cacizes em tom de Reis marchaõ para Marrocos; saõ hospedados no Paço com pompa, e ma-

magnificencia Real; em huma cêa se trata da conquista de Çafim, e he este o primeiro, e ultimo Acto da Tragedia. O Xerife diz ao ouvido do Rei, que aquelle negocio se havia communicar em segredo; que mandasse sahir todos da antecamara, fechar as pórtas, e que só ficassem presentes tres criados seus de fidelidade provada. Tudo se executou, como elle requereo, e logo a mórte do Rei ás pontas dos punhaes dos tres criados fiéis. Sahio hum a dar parte de estar executada a obra á gente do Xerife, que naquella noite se fez Rei de Marrocos, e depois se pôz a alcunha de Soberano de toda a Africa com grande sentimento do Rei de Féz, que quiz castigar o atrevimento, e a perfidia; mas tirou por fructo ficar derrotado. Era vulg.

Quando succediaõ estas calamidades em Africa, El-Rei D. Manoel mandava preparar para a India huma Fróta de quinze náos, que haviaõ conduzir o novo Governador D. Duarte de Menezes, Varaõ recommendavel pelo appellido, e pelas obras, que executá-

Era vulg. ra no governo de Tangere. Sahio elle de Lisboa no dia cinco de Abril, e entre outros Capitães levava bem despachados a seu irmaõ D. Luís de Menezes para Capitaõ-Mór do mar da India; a D. Joaõ de Lima provido na Fortaleza de Calecut; a D. Diogo de Lima na de Cochim; a Joaõ de Mello da Silva na de Coulaõ, a Francisco Pereira Pestana na de Goa; a D. Joaõ da Silveira na de Cananor; e a Diogo de Sepulveda na de Çofala. Com viagem feliz chegou esta Armada á India no Agosto seguinte, e ferrou o porto de Baticala, aonde veio D. Aleixo de Menezes, que partíra com tres galéz para Dio a esperar o Governador Diogo Lopes de Siqueira na volta de Ormuz para lhe assistir na fabrica da Fortaleza de Madrefaval.

Antes que passemos adiante com a narraçaõ dos successos de D. Duarte, devemos referir os de Jorge de Albuquerque em Malaca, e os de Jorge de Brito nas Molucas, para onde os enviára Diogo Lopes estando em Dio, como dissemos. O Albuquerque logo

que chegou, emprehendeo a acçaõ generoſa de reſtituir ao Throno de Pacem a hum filho do Rei, que o tyranno Geinal depozéra, e matára para lhe uſurpar a Corôa. Chegou o Albuquerque com o Principe a Pacem: os ſeus Póvos deſejavaõ recebello nos coraçőes: Geinal reſolveo-ſe antes a morrer, que a baixar do Throno. O Albuquerque o fez notificar com termos doces quizeſſe largar o ſeu a ſeu domno para fazer huma acçaõ chêa de juſtiça, que lhe merecia o agrado, e protecçaõ do Rei D. Manoel. Geinal com arrogancia de tyranno reſpondeo, que elle ſim compraria a amizade deſte Monarca pelo preço do ſeu ſangue, mas ſem derrotar a ſua fortuna, nem a ſua honra; que naõ o trataſſe como uſurpador, quando elle tinha a glória de haver revendicado a Monarquia, que o Rei defunto roubára á ſua Caſa. Erá vulg.

Eſta reſpoſta examinada no Conſelho decidio o ſitio de Pacem, e que as mais que ſe deſſem a Geinal ſahiſſem da bocca dos canhőes. Para eſta empreza convidou o Albuquerque ao Rei de

Da-

Era vulg. Daru, primo do Principe dethronado; que o veio reforçar em pessoa com 30000 homens, e Manoel da Gama, que passava em huma náo de guerra, a incorporou na Fróta do Albuquerque em quanto durasse o sitio. Naõ levou este mais tempo, que o do primeiro avance sobre a Cidade de Pacem, aonde estava Geinal com todas as suas forças. Em hum assalto daquelles, que os espiritos vulgares chamaõ temeridade, conduzido em hum corpo na vã-guarda por D. Sancho Henriques, em outro no centro por D. Affonso de Menezes, em outro na reta-guarda pelo mesmo Albuquerque; Pacem foi entrado á força de armas, morto Geinal, 400 dos seus criados, 20000 das suas melhores trópas, e restituido o Principe, que se jurou vassallo del Rei de Portugal.

Tudo pelo contrario succedeo ao infeliz Jorge de Brito na viagem das Molucas. Elle levava huma Esquadra de seis náos com mais de 300 homens, e entrou na Ilha de Çamatra no porto de Dacem, cabeça do Estado de hum Rei

Rei noſſo inimigo. Quiz o Brito conciliar a ſua amizade com o exemplo dos outros Soberanos da Ilha, que todos eraõ noſſos alliados. O Barbaro poderoſo, e ſoberbo, repelio a propóſta, e o Brito temerario, ſem medir as forças, intenta caſtigallo no centro da ſua meſma Corte. Elle deſembarcou, e foi levando os inimigos com vantagem até os metter pelas pórtas da Cidade, por onde entrou, e aonde o Rei o eſperava com o groſſo das ſuas trópas, que rodeáraõ o pequeno corpo dos Portuguezes ſem lhes deixarem eſperança de refugio. No número de 70 dos noſſos, que foraõ paſſados á eſpada, entrou Jorge de Brito, e quaſi toda a Nobreza: eſcapáraõ nas lanchas os que poderaõ: Lourenço Godinho, e Gaſpar Gallo, unicos Capitães que ficáraõ vivos, ſe encarregáraõ do commandamento da Fróta, e navegáraõ para Pedir, aonde os foi encontrar Antonio de Brito, que achando-ſe nomeado Governador das Molucas, ſe falleceſſe ſeu irmaõ Jorge de Brito, foi nomeado Capitaõ da Fróta, e ſeguio a viagem a ſeu tempo. Era vulg.

Em

Era vulg. Em nada inferior vamos nós vêr a desgraça succedida nos mares de Dio. Ao mesmo tempo que Antonio Correa partio para a expediçaõ de Baharem, Diogo Fernandes de Béja foi mandado pelo Governador com quatro náos de Ormuz para a India. Em frente de Dio tomou elle duas náos muito importantes, que Meliqueaz pretendeo resgatar, e ordenou ao bravo Hagamahamet, que com 18 fustas tomasse esta expediçaõ á sua conta. Tanta foi a fortuna do Barbaro, que metteo a pique a náo de Gaspar Doutel com mórte de toda a tripulaçaõ; deixou a de Diogo Fernandes em estado de naõ poder soster-se sobre as aguas, e arribou a Chaul. O mesmo fez Nuno Fernandes de Macedo depois de perder quatorze homens no combate.

O Governador se encontrou com os destroçados em Chaul voltando de Ormuz mettido em cólera; porque soube que Meliqueaz restituido a Dio, fizera fortificar o lugar, que elle destinára para a Fortaleza de Madrefaval: que huns poucos de Turcos captivos, que

vi-

vinhaõ na náo, que conduzia os mate- Era vulg.
riaes para a obra, eſtimando mais a liberdade, que a vida, déraõ fogo ao paiol da pólvora, e ſe abrazáraõ com todos os Portuguezes; e que para lhe ſucceder no Governo era chegado á India D. Duarte de Menezes, ſentindo-ſe já, como Sol, que ſe punha, abandonado dos homens, que o adoravaõ. Para complemento do infortunio, encontrando o meſmo Hagamahamet a náo de Pedro da Silva, que vinha de Ormuz, metteo-a no fundo, e fazendo captivos aos que ſe quizeraõ ſalvar nadando, os levou para Dio.

Suaviſou a Providencia tantos revezes da fortuna cançada com o naſcimento da Infante D. Maria, e com o ajuſte do caſamento de ſua irmã a Infante D. Brites com Carlos Manoel, Duque de Saboia. O Rei, ſeu Pai, fez eſquipar para o tranſporte dezoito náos, que excedêraõ em grandeza, e magnificencia a quantas até aquelle tempo ſe viraõ em Portugal. O reſto da Armada ſe compunha de galés, galeaças, e fragatas eſquipadas com todos os in-

ven-

Era vulg. ventos do goſto delicado. Foi nomeado ſeu Commandante, e Conductor da Princeza D. Martinho de Caſtello-Branco, Conde de Villa-Nova; e D. Martinho da Coſta, Arcebiſpo de Lisboa, teve ordem de a acompanhar até Niza. Grande número de Nobreza brilhante, e luminoſa fez a meſma viagem, que levou de Lisboa a Niza a maior parte dos mezes de Agoſto, e Setembro.

As qualidades da peſſoa do Duque, os divertimentos da ſua Corte, a veneraçaõ, que elle attrahia dos ſeus vaſſallos, fizéraõ univerſalmente applaudida eſta auguſta alliança. Elle, que eſperava a ſua Eſpoſa em Niza, nada havia eſquecido para fazer iſſeparaveis a pompa, e a galantaria: movimentos naſcidos da inclinaçaõ, quando contemplava a imagem nos retratos; agora paixaõ vehemente do eſpirito á viſta do original, que tinha qualidades para produzir a violencia doce deſta attracçaõ. Com poucos dias de demora em Niza, a Corte partio para Turim, aonde eſtavaõ preparadas com pompa ſo-

soberba as festas, os prazeres, os divertimentos, com que a nova Duqueza havia ser recebida. Era vulg.

CAPITULO VII.

Ultimos successos da India no tempo del Rei D. Manoel.

NÓS deixamos o Governador Diogo Lopes no porto de Chaul, aonde fez edificar huma nova Fortaleza, que crescia consideravelmente; mas como esta obra era muito prejudicial aos interesses de Cambaya, a vigilancia de Hagamahamet fazia amaçar os materiaes com sangue. Elle perseguia com tanta actividade as galés de Francisco de Mendoça, e de D. Jorge de Menezes; fazia tantas subprezas, que o Governador para reparar os insultos entendeo lhe seria necessario demorar-se em Chaul mais tempo, do que entaõ lhe convinha. Para naõ perder nelle instantes, encarregou a Henrique de Menezes avançar promptamente a construcçaõ da Fortaleza; nomeou ao vale-

Era vulg. leroſo, e experimentado Diogo Fernandes de Béja, Almirante do mar, e lhe entregou duas náos grandes, tres galés, huma fragata, huma fuſta, e elle ſoltando as vélas para navegar a Cochim, huma grande calmaria lhe embargou a carreira. Soube Haga aproveitar-ſe deſta vantagem para o perſeguir com trinta fuſtas de remo, que faziaõ a ſeu ſalvo fogo aos bórdos ſobre as embarcações immoveis, que naõ podiaõ defender-ſe.

Diogo Fernandes de Béja temia, que o Barbaro ſe aproveitaſſe da calmaria para ir acanhoar a Fortaleza imperfeita, e deſtacou a André de Souſa com a ſua galé para occupar a bocca do rio. Haga, que previo as conſequencias deſta manobra, atacou a galé com tanta força, que matou, e ferio a muitos, entre elles a Aleixo de Souſa, irmaõ do Commandante, e a reduzio a eſtado de naõ ſervir. Em ſeu ſoccorro acudíraõ D. Jorge de Menezes, e Diogo Fernandes, largando a ſua náo, e montando a galé de Franciſco de Mendoça, ſeguido de várias fuſtas. Como eſtas naõ podiaõ ſopportar o fogo

go dos inimigos, se postáraõ pela re- Era vulg.
ta-guarda da galé de D. Jorge carregando por poppa as de Haga. Diogo Fernandes de Béja, que com a sua actividade, e valor extraordinario tudo observava; descobrindo-se todo para tratar de fracos aos que sustentavaõ semelhante modo de peleija, huma balla de falcaõ tirou a vida ao memoravel Fidalgo, que tantos annos honrára com façanhas immortaes as nossas armas na India.

Para o substituir nomeou o Governador a Antonio Correa, em quanto naõ chegava D. Luís de Menezes; e como Haga bem servido do nosso fogo se havia retirado, tanto que lhe foi favoravel o vento partio para Cochim a entregar o governo a D. Duarte, e preparar-se para a viagem do Reino. O incançavel Haga sabendo da partida do Governador, tornou a apparecer em Chaul com 36 fustas, e com o designio de arrazar a Fortaleza. A corage de Antonio Correa lhe fez abortar todos os intentos, recolhêr-se a Dio, e chegando D. Luís de Menezes, o

Cor-

Era vulg. Correa lhe entregou a Armada, e partio para Cochim. Meliqueaz desgostado de nada conseguir sobre os Portuguezes, se servio da chegada do novo Governador para imputar a Diogo Lopes de Siqueira a culpa do rompimento da guerra, e pedir a D. Duarte de Menezes a renovaçaõ da paz, que lhe foi concedida.

Jorge de Albuquerque bem reputado em Malaca depois da expediçaõ de Pacem, quiz ter a gloria de conquistar Bintaõ, que era o padrasto da sua Cidade; mas elle teve de se retirar em desordem depois da perda de feridos, e mórtos. Esta infelicidade de Malaca foi acompanhada da perfidia de Rax Xarafo em Ormuz, que conseguindo do seu Rei faltar á fé, que jurára ao Rei de Portugal, assaltou huma noite a nossa Feitoria, e passou á espada parte dos descuidados Portuguezes: golpe, que devendo fazer a maior impressaõ em D. Garcia Coutinho, Governador da Fortaleza, elle o sopportou com huma negligencia taõ pouco sensivel, que se os inimigos en-

taõ

taõ lhe insultassem a Praça, a tirariaõ do nosso poder. O clamor da confusaõ, que reinava na Cidade, o fez recobrar os espiritos, e prevenir-se para hum despique, que parecesse de Portuguez aggravado com injustiça. Era vulg.

Pareceo a D. Garcia, que o sangue de 60 homens atrozmente degollados, quando estavaõ seguros no azylo da boa fé, lhe clamava por vingança. Como elle suppoz authores da carnagem aos Mouros de Ormuz, sahio na tésta de hum grande destacamento a castigar estes Barbaros, que achou prevenidos para a defensa. Elles a fizeraõ taõ denodada, que os nossos, tomadas as boccas das ruas, tivéraõ naõ pequeno trabalho em os romper para se recolherem á Fortaleza. O Governador cuidou em reforçalla com trincheiras novas para o sitio, que esperava, e fez aviso á India pedindo soccorros de munições, mantimentos, e homens, que de tudo estava falto, com o mar impedido, a communicaçaõ da terra cortada.

Duas acções saõ bem dignas de memo-

Era vulg. moria neſta guerra de Ormuz: huma a gentileza de Triſtaõ Vaz da Veiga, e de Manoel de Souſa Tavares; outra os eſtratagemas, com que D. Garcia Coutinho obrigou os inimigos a levantar o ſitio, e pedir a paz. Os primeiros dous Capitães, forçados de huma tormenta, arribáraõ com os ſeus brigantins, o Veiga a Calaiate, e a Maſcate o Souſa. Aqui ſoubéraõ o que ſe paſſava em Ormuz, e concordáraõ entre ambos ir-ſe lançar na Fortaleza a todo o perigo, e ſoccorrella. O Souſa entrou depois a penſar nelle, o Veiga a deſprezallo; affrontando o do mar, logo o dos inimigos, e rompendo pelo centro da Armada, entrou com a ſua gente em Ormuz. O Souſa, generoſamente eſtimulado deſta biſarria, quiz fazer o meſmo, e chegou á Ilha de Queixome defronte da Praça. O Governador rogou ao Veiga foſſe conduzir o ſeu camarada na melhor das náos, que eſtiveſſe no porto. Elle naõ acceita a offerta: no ſeu brigantim rompe pelos meſmos perigos; chega a Queixome; inſtrue a Manoel de Souſa

ſa

ſa no eſtado de Ormuz, e ſe fazem ao mar. Era vulg.

Monta em cólera o Rei pelo atrevimento, com que hum brigantim deſpreza a ſua Armada reſpeitavel: embarca elle meſmo na melhor terrada ſeguida de oitenta, e preſume impedir a paſſagem aos aventureiros impavidos. Elles ſe defendem com corage incrivel; fazem fogo eſpantoſo; mataõ o Chéfe da Fróta com muitos ſoldados, põe-a em deſordem: o Arraes da terrada do Rei, conſiderando-o em grande perigo, ſe pôz em fugida, e os dous Officiaes Portuguezes com o campo livre, entráraõ em Ormuz com tanto prazer dos noſſos, quanto de furor no Rei, e nos ſeus vaſſallos de pejo. Entaõ podéraõ todas as noſſas náos chegar-ſe á Fortaleza, cobrilla pela parte do mar, e Xarafo, que por ella já naõ podia atacalla, applicou todos os esforços para o lado da terra.

Depois de batida a Praça com ardor incrivel; dos noſſos haverem aſſaltado por várias vezes o campo contrario com grande mortandade, e rui-

Era vulg. na dos ſeus trabalhos; o Governador advertio, que a defenſa com taõ pouca gente naõ devia ſer toda do valor ſem ter parte a indúſtria. Informado por hum deſertor, de que os inimigos intentavaõ dar hum aſſalto com eſcadas pela parte mais fraca do muro, o bordou todo de groſſas vigas, e teve prevenidas muitas panellas de polvora. Subíraõ elles de tropel animados pelo ſeu Rei, e por Xarafo: rodaõ as vigas; rompem as eſcadas; deſpedaçaõ os homens; ſobre elles apinhados chove o fogo, que os conſome, e naõ podendo ſopportar a carnagem, ſe retiraõ para o aſylo do Palacio Real.

Xarafo, que naõ entendia eſtas manobras, reſolveo-ſe a imitar-nos com huma invectiva ſua, que foi levantar hum Forte a cavalleiro dos noſſos baluartes para nos pôr a deſcoberto do ſeu fogo, e acabada a obra teve por infallivel render-nos. O meſmo receáraõ os noſſos, quando víraõ o grande número de gente, que do Forte os perſeguia, e em torno delle o Exercito, que ſe havia avançar ao aſſalto. Neſte

aper-

aperto escolheo D. Garcia os soldados mais destemidos, que entregou aos Capitães Manoel Velho, e Rodrigo Varella, para no maior silencio da noite minarem as fachinas na raiz do Forte; encherem a mina de peças atacadas até a bocca, que rebentassem, de barrís, e panellas de polvora, fazendo della hum rastilho, que chegasse ao muro da Fortaleza. Assim o executárao elles com grande fortuna; viérao-se retirando para a pórta do muro, e chegados a ella dérao fogo ao rastilho, que pegou na mina; fez voar o Forte com estrondo espantoso; abrazou a quantos estavao nelle, e muita parte do Exercito, nao deixando nos outros mais acordo, que para a fugida. O Rei destroçado se recolheo para a Ilha de Queixome, donde pedio a paz humilde. Era vulg.

Pouco depois chegou da India com soccorro consideravel D. Gonçalo Coutinho, irmao do Governador, sendo o novo reforço nos vassallos hum estimulo do temor, no Rei a causa de tratar com D. Garcia correspondencia se-

Era vulg. creta, e amigavel. Xarafo, que a penetrou, attrahindo a devoçaõ dos impios, e rebeldes, fez dar a mórte ao Rei infeliz, e acclamou a Mahumet, filho de Ceifadim, que reinava quando Affonso de Albuquerque chegou a Ormuz. Os Portuguezes se subprendêraõ com esta atrocidade, que determinárao vingar com a destruiçaõ de Xarafo: mas advertindo por huma parte, que este parricida podia fugir para a Persia com todos os thesouros de Ormuz; por outra que o novo Rei, a pezar do rebelde, nos reconhecia vassallagem, e pagava os costumados tributos: elles suspendêraõ as armas, e esperáraõ que o tempo os instruisse no modo, com que elles se haviaõ conduzir nesta revoluçaõ do Estado.

Estes foraõ os ultimos successos da India no tempo do Rei D. Manoel. D. Joaõ Coutinho, Governador de Arzila, consummou os de Africa com a expediçaõ gloriosa da Villa de Tintaes, e com a derrota do Alcaide de Alcacer-Quivir, ainda que na refrega perdeo cinco dos seus melhores Cavallei-

ros

ros em qualidade, e valor. No mar teve Vaſco Fernandes Ceſar outra vantagem de grande reputaçaõ ſobre quatro náos de guerra Inglezas, que nos haviaõ tomado huma caravella, e a Capitania a levava a reboque. Vaſco Fernandes com a ſua fuſta foi atacar junto ao monte Calpe, viſinho a Gibraltar, a Capitania, com tanta fortuna, que a achou ſeparada das outras náos. Na força do combate os Portuguezes da caravella priſioneira podéraõ cortar o cabo, ſem que os Inglezes o ſentiſſem; uníraõ-ſe a Vaſco Fernandes; obrigáraõ a Capitania a amainar; mas como o fim do combate era livrar os prezos, conſeguido o projecto, Vaſco Fernandes os levou para Ceuta. Era vulg.

CA-

CAPITULO VIII.

Da morte del Rei D. Manoel, descripçaõ do seu caracter, e qualidades, merces, e fundações, que fez.

Era vulg.

OS negocios de Portugal por este tempo tinhaõ chegado á maior sublimidade: a sua Corte se via lustrosa com assistencia de Mercadores riquissimos de todas as Nações, de Embaixadores de todas as Potencias; e agora os mandava Veneza, que havendo vinte annos, que ella só gozava a preeminencia de ser a distribuidora das especiarias do Oriente por muitas partes da Europa; ella as pedia agora a Portugal, advertindo na differença da acquisiçaõ; nós levando-a á ponta da espada nas nossas conquistas; ella por meio do trafego em Baluto, e Alexandria: o seu Rei era contemplado no cume da glória, rodeado de reputaçaõ, ao que parecia robusto na saude, nas forças do corpo, quando de repente o assaltou a molestia de

de huma modorra, que logo moſtrou ſer mortal. Como no eſpaço dos nove dias, em que lhe durou a vida, ſempre o perigo ſe augmentava, o amor dos vaſſallos naõ ceſſava de fazer votos, e de derramar preces na preſença do Altiſſimo, para que prolongaſſe os dias do ſeu Rei D. Manoel. Era vulg.

Eſtava completo o ſeu termo; e o Principe Catholico, que na paciencia eſperava o cumprimento das promeſſas, taõ longe eſteve de ſe perturbar com o deſengano, de que morria, que ſe diſpôz a arroſtar a mórte intrépido, municiado com o conforto dos Sacramentos, que recebeo com piedade edificante; com o auxilio dos actos de caridade, de humiliaçaõ, de dôr, que exercitou com fervor vehemente. Todas as ſuas acções foraõ entaõ a próva conſtante da ſua ſobmiſſaõ ás ordens de Deos em todas as idades da ſua vida. Neſta diſpoſiçaõ, que faz feliz o momento, de que depende a eternidade, o grande Rei D. Manoel, que ſempre viveo exemplar, acabou com mórte de juſto aos 13 de Dezembro deſte anno

de

Era vulg. de 1521, aos 52 de ſua idade, e 26 de reinado. Jaz no Moſteiro de Belém como diſpunha no ſeu Teſtamento, que para o cumprirem ficava encarregado a D. Diogo de Souſa, Arcebiſpo de Braga, e a D. Martinho de Caſtello Branco, Conde de Villa-Nova.

Morreo o Homem feliz, ſe nós podemos dar eſte nome ao homem em quanto vive. Acabou o Rei ſábio, e magnifico; epithetos, que juſtamente merece D. Manoel pela juſtiça, com que lhe devemos attribuir as heroicidades, que no ſeu tempo obrárao os Heróes Luſitanos. Sábio, e magnifico Rei he aquelle, que como D. Manoel enche os eſpiritos de corage, imprime nos coraçóes o amor da honra, enſina a deſpreſar os perigos, a affrontar as difficuldades, a amar as virtudes, a aborrecer os vicios; que premeia as primeiras, que caſtiga os ſegundos. Reſpiraçóes ſublimes del Rei D. Manoel contemplamos nós, na Aſia, a D. Vaſco da Gama deſcobrindo o berço do Sol, com esforço incrivel domando a ferocidade do Oceano incognito: a

Duar-

Duarte Pacheco Pereira abatendo a ar- Era vulg.
rogancia do formidavel Çamorim de Calecut: a D. Francisco de Almeida fazendo assustar o Indo, e o Ganges com o estrondo das suas victorias: a Affonso de Albuquerque obrigando a tremer as Regiões menos medrosas, os Póvos ferozes, os Reis intrépidos.

Outras respirações suas nos parecem, em Africa, D. Joaõ de Menezes, Varaõ tamanho, que de lhe ouvir o nome se assustava a Mauritania: a Nuno Fernandes de Ataide, que com o scintillar da sua espada punha em fugida os Sarracenos mais impavidos: a D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, a seu filho D. Joaõ Coutinho, a D. Duarte de Menezes, a D. Nuno Mascarenhas, em fim a outros monstros de valor, de corage, de virtude, que espalhados pelo mundo sobmettêraõ aos pés do seu Soberano invencivel as Corôas, os Sceptros, os Reinos, e os Imperios. Naõ só communicava D. Manoel aos vassallos estes alentos militares: do fogo do zelo pela Religiaõ, em que lhe ardia o peito, sahiaõ halitos taõ inflammados,

que

Era vulg. que elles conhecessem, e lhe imitassem o odio, que tinha concebido ao erro, especialmente ao da Seita abominavel de Mafoma. Elle era quem o impelia a perseguila com tanto esforço, tantos perigos, tantas despezas pela Asia, e pela Africa, até vêr se conseguia arrancar do mundo aquella arvore do horror, e do escandalo.

A felicidade deste Principe taõ incrivel, como constante, naõ foi effeito da que os homens chamaõ fortuna; mas hum beneficio da Providencia em premio das suas virtudes: das virtudes da continencia da vida, da benignidade natural, da piedade da Religiaõ, da mansidaõ, da modestia, da justiça, da clemencia, da humanidade: das virtudes, que o moviaõ a facilitar-se com todos, a amparar os desvalidos, a socorrer os necessitados, a naõ faltar com a diligencia á administraçaõ da justiça, á expediçaõ dos negocios: das virtudes, que o ensinavaõ com a primeira luz da manhã a levantar o pensamento ao Creador, a derramar preces na presença do Altissimo, a ouvir de

depois as partes, a examinar as necef- Era vulg.
ſidades dos domeſticos, a attender, e deſpachar os requerimentos dos militares: das virtudes, que lhe propunhaõ o zelo na protecçaõ da Igreja, na da reverencia aos Miniſtros do Altar, ás virgens, e Templos conſagrados a Deos: das virtudes em fim, que formáraõ hum Rei perfeito, ornato luminoſo dos Faſtos Luſitanos, aonde a memoria naõ deſcança de o apontar com o dedo.

Ella o moſtra como corôa da felicidade da Naçaõ Portugueza na torrente das ſuas victorias navaes, e terreſtres, nas conquiſtas, e ſitios de Praças, nas fundações, e ruinas de Fortalezas, na ſobmiſſaõ dos maiores Potentados, que reináraõ debaixo do ſeu Imperio. Ella o faz vêr dominante na America da grande Regiaõ de Santa Cruz; na Africa das Praças mais importantes, dos vaſtos terrenos da Xerquia, da Garabia, de Dabida, de parte de Ducala, de muitos preſidios por toda a ſua Cóſta á quem, e além do Cabo de Boa-Eſperança; na Aſia de Eſtados,

Era vulg. dos, e Reinos inteiros, tudo conquiſtado pelo ſeu valor, tudo conſervado pela ſua ſabedoria. Elle o deſcobre occupado na reformaçaõ dos Livros antigos do Archivo Real, em mandar eſcrever os chamados da Leitura Nova, em penetrar os arcanos da lingua Latina até diſtinguir o eſtylo mediocre do ſublime, em ampliar a Ordem de Chriſto com 450 Commendas, em fim ſempre entretido em acções dignas da Mageſtade.

Por outra parte os orgãos da fama naõ enrouquecem no pregaõ das ſuas qualidades eminentes. Clama Natal Alexandre, que elle dominou os mares, ſujeitou muitos Soberanos, fez tributarios muitos Principes: Mariana, que nenhum o excedeo na prudencia, nem na grandeza do animo: Garibay, que fora amplificador dos ſeus Reinos com grandes diligencias, e navegações, zelador da Igreja, fabricador de muitas: Ancelme, que em vinte, e quatro annos deſcobrio, conquiſtou, ſubjugou pelos ſeus Generaes todas as Cóſtas maritimas des do Eſtreito de Gibraltar

até

até ao mar da Arabia, da Persia, da India, e hum número consideravel de Ilhas: Himhof, que em expedições maritimas ampliou a fama dos Lusitanos, a glória do seu nome por huma extensaõ vastissima, que encheo a Lusitania de tal profusaõ de riquezas, que ao seu reinado fez chamar vulgarmente o seculo de ouro: La Clede, que elle amante da glória, e inflammado em zelo pela Religiaõ, depois que sobio ao Throno, naõ cuidou mais que em dilatar os Estados, e illuminar os Idolatras: Spondano, que tudo obrára com pureza pelo augmento da Religiaõ, e extensaõ do Estado na Africa, e na Asia, e que em muitas virtudes foi insigne. Assim gritaõ outros muitos daquelles orgãos, que ainda ficáraõ cheios para poderem animar respirações mais altas. Era vulg.

Foi El-Rei D. Manoel de estatura proporcionada, corpo delgado, cara redonda, cabellos castanhos, a tésta alta, os olhos alegres, e quasi verdes, alegre e risonho, os braços taõ compridos, que os dedos lhe passavaõ dos joe-

Era vulg. joelhos, a voz clara com ſom agradavel. Amou muito as mulheres proprias; ſó com ellas moſtrou que era homem. Servio-ſe para freio da incontinencia de comer pouco ſem eſpecialiſar iguarias, naõ beber vinho, occupar-ſe ſempre, deitar-ſe tarde, levantar-ſe cedo, jejuar as veſperas dos dias ſolemnes, e todas as ſextas feiras do anno a paõ, e agua: abſtinencia edificante no meio da profuſaõ de huma meza, que entaõ ſe eſtimava pela mais eſplendida dos Principes da Europa. Nos tres dias da Semana Santa aſſiſtia proſtrado por terra coberto de luto diante do Monumento em reverencia aos Myſterios da Redempçaõ, e neſta figura diante dos Altares dava algum breve deſcanço á natureza. Na Sexta Feira Maior repartia grandes eſmólas, perdoava a muitos culpados, aſſiſtia á prociſſaõ da Reſſurreiçaõ com prazer, e pompa; reformou os abuſos introduzidos nas Religiões, e rendeo obediencia profunda aos Vigarios de Jeſu Criſto na terra.

Era El-Rei mui inclinado á muſica, que lhe ſervia para divertir o cuida-

dado dos negocios. Mandava que lhe assistissem á meza homens eruditos, e sábios viajores para lhe temperarem as iguarias com o util, e agradavel da conversaçaõ. Exercitava-se na picaría, na péla, em outros jogos honestos; mas de sórte que o tempo de Rei se naõ queixasse destes divertimentos de homem. Frequentava a caça, gostava de trilhar os bosques, de perseguir as féras, e nesta mesma diversaõ hia prompto, quanto era necessario para o despacho, com que differia sem demóra aos requerimentos ainda das partes mais impertinentes. No seu tempo se desterrou do Reino a pobreza, a melancolia, a murmuraçaõ; rasoavaõ os louvores, via-se a alegria, gozava-se a abundancia. Da jucundidade, e magnificencia do Paço participava a Nobreza, os particulares, o commum dos Póvos. Era vulg.

Para a boa economia do Reino estabeleceo D. Manoel muitas Ordenações com discernimento illuminado, e fez a mercê de Titulos aos Fidalgos mais qualificados. A D. Diogo da Silva, seu Ayo, creou Conde de Portalegre, e

lhe

Era vulg. lhe deo as Villas de Cerolico, Gouvea, e S. Romaõ da Beira: Condes de Alcoutim aos primogenitos dos Marquezes de Villa-Real, ſendo o primeiro D. Fernando, filho do Marquez D. Pedro de Menezes: Reſtituio o Ducado de Bragança a D. Jayme, filho do Duque D. Fernando, o degollado: Duque de Coimbra, Senhor de Torres-Novas, e de Monte-Mór o Velho a D. Jorge, filho del Rei D. Joaõ II.: Condeſtavel do Reino a D. Affonſo, filho natural de ſeu irmaõ o Duque de Viſeo D. Diogo: Conde de Tentugal, e depois Marquez de Ferreira a D. Rodrigo de Mello, filho do Senhor D. Alvaro: Conde de Tarouca a D. Joaõ de Menezes ſeu Mordomo-Mór, filho quarto de D. Duarte de Menezes, Conde de Viana: Conde da Feira a D. Diogo Pereira: Conde de Abrantes a D. Lopo de Almeida: Conde de Villa-Nova de Portimaõ a D. Martinho de Caſtello Branco: Conde do Vimioſo a D. Franciſco de Portugal; e Conde da Vidigueira a D. Vaſco da Gama, que deſcobrio a India.

Fez Duques aos Infantes ſeus filhos: Du-

Duque de Béja a D. Luiz : da Guarda a D. Fernando : de Guimarães a D. Duarte. Aos Titulos do Reino ajuntou : Da Conquiſta, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Perſia, e India. Elle foi o primeiro dos Monarcas Portuguezes, que uſou de huma Esféra no alto dos ſeus Eſcudos : Deviſa, que lhe deo El-Rei D. João II. ; e como D. Manoel fez huma eſtimação ſublime de a receber da mão de Monarca tão grande, elle a honrou collocando-a naquelle lugar eminente : Deviſa, que parece foi hum preſagio dos vaſtos deſcobrimentos, e das grandes navegações das ſuas Armadas por todo o Univerſo. Aſſim o entenderemos nós ſe houvermos de dar credito ao horoſcopo, que o Biſpo da Guarda levantou no inſtante do naſcimento deſte Principe; mas o certo he, que o tempo moſtrou verdadeira a melhor parte das ſuas politicas predições. El-Rei poz por orla na meſma Esféra as palavras : *Primus circumdediſti me* : Inſcripção, que nos perſuade, como El-Rei D. Manoel foi o primeiro, que fez pela navegação das Era vulg.

Era vulg. ſuas Eſquadras rodear a periferia do globo terraqueo.

Para Padrões immortaes da ſua piedade levantou El-Rei D. Manoel muitos Monumentos Sagrados. Da Ordem de S. Jeronymo fez edificar os Moſteiros de Belém em Lisboa, de Noſſa Senhora da Penha, o do Mato, e o das Berlengas: renovou em Thomar o da Ordem de Chriſto: fundou o da Senhora da Serra da Ordem de S. Domingos; o de Santa Clara de Eſtremoz; o de Santo Antonio do Pinheiro da Ordem de S. Franciſco; o da Annunciada em Lisboa; o de S. Bento do Porto; o de S. Bernardo de Tavira; o dos Franciſcanos de Serpa; o das Dominicas de Monte-Mór, o Novo, e outros nas Praças conquiſtadas da Africa, Aſia, e America.

O famoſo Templo da Miſericordia de Lisboa dotado de muitas rendas para obras pias, donde trazem a ſua origem os eſtabelecimentos ſaudaveis, e edificantes das outras Miſericordias do Reino, foi fundação do grande D. Manoel, que ſe aliſtou com a Rainha, e

com

com os Infantes ſeus filhos na nova Confraria, que nelle mandou erigir. Elle fundou as Igrejas Cathedraes de Elvas, do Funchal, e das outras Ilhas: as de Sobreniſa, de S. Joaõ Baptiſta de Thomar; de Santo Antonio, e da Conceiçaõ em Lisboa; as de Alcacere do Sal, de Olivença, de S. Joaõ de Moura, e as de todas as Praças de Ultramar. Avançou a grandeza do Hoſpital Real de Lisboa, e levantou deſde os fundamentos o de Coimbra, de Monte-Mór, o Velho, e de Béja, que dotou de rendas copioſas. Obras ſuas ſaõ os Paços da ribeira de Lisboa, os da Chancellaria, os carceres do Limoeiro, os de Coimbra, e o de Muja, Palacios ambos de ſufficiente grandeza, ſempre preparados para hoſpedarem os Soberanos. Era vulg.

Para a commodidade do Commercio edificou as Alfandegas, as Caſas da India, e de Guiné; as caſas de armas, que fundou, as guarneceo com muitos arnezes, peitos, couraças, ſete mil armamentos inteiros, com mil cobertas de cavallos, muitos canhões, ar-

Era vulg. cabuzes, béſtas, e munições infinitas, donde ſe tiravaõ as neceſſarias para ſempre eſtarem bem fornecidas tantas Praças, que a Monarquia tinha por todo o mundo, as preciſas para tantas Fróttas, que continuamente ſurcavaõ os mares. As Fortalezas, que fez levantar, foraõ a de Belém dentro do Téjo, a de Caſtello-Novo, a de Alfaiates, a de Almeida, todas no Reino. Em Africa, Mazagaõ, Guadanabar, Aguz, a do Cabo de Guer. Em Aſia, as de Cochim, Cananor, Coulaõ, Quiloa, Çofala, Moçambique, Angediva, Çocotorá, Ormuz, Malaca, a de Goa, a de Pacem, a de Pedir, a de Calecut, a de Chaul, a de Ceilaõ, e a de Ternate. Em fim, intentar reduzir a Compendio todas as fundações do Rei D. Manoel, he hum empenho quaſi ſemelhante ao de querer eſgotar o mar.

F I M.